



Universidade da Amazônia

# O Príncipe de Nassau

de Paulo Setubal

**NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal

CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 4009-3196 /4009-3197

[www.nead.unama.br](http://www.nead.unama.br)

E-mail: [nead@unama.br](mailto:nead@unama.br)



## O Príncipe de Nassau

de Paulo Setúbal

Todos nós trazemos da meninice uma quase aversão por coisas de história pátria. É natural. Nas escolas, propositadamente, despojam a História do Brasil de todos os atavios que seduzem: a lenda, o fato curioso, a anedota interessante, o episódio novelesco. Apresentam-na desgraciosamente ouriçada de datas, nua de galantarias e feitiços. Não há nada mais árido, tal como nos ensinam, do que esse estafante rol de capitânicas hereditárias, donatários, Tomés de Sousa, Mens de Sá, emboabas, e não sei quantas outras maçadas com que nas atulham a cabeça em vésperas de exame. A consequência disso é que feitos os preparatórios, conseguida a aprovaçozinha simples, o brasileiro fecha irremessivelmente a História do Brasil. Resultado: essa vastíssima ignorância nacional sobre as mais rudimentares ninharias do nosso passado. A não ser os beneditinos dos Institutos, a não ser meia dúzia de eruditos de boa-vontade, não há ninguém mais no Brasil que se preocupe com estudos históricos.

Sacudir um pouco essa indiferença, contribuir com qualquer esforço, um grão de areia que seja, para que o povo se interesse pela sua história, eis o ferrão que me aguilha a publicar este novo romance. O PRÍNCIPE DE NASSAU, assim como o tracei, não tem outro intuito senão o de por ao alcance de toda gente, com a amenidade de que fui capaz, um período quase selvagem, mas interessantíssimo, que há muito já se foi. Serviu-me de tema o Brasil Holandês. Não os trinta longos anos de guerra, que seriam incabíveis nos moldes dum romance leve. Surpreendi, apenas, os batavos no auge do seu domínio. Passou-se o tempo em que eles invadiram a Bahia, donde foram rechaçados. Passou-se o tempo, propriamente, da conquista de Pernambuco e das capitânicas adjacentes. Estão, agora, os flamengos no apogeu, solidificados na terra nova. Esse apogeu, que foi brilhante, e a revolução pernambucana, que foi épica, são os fundamentos deste livro.

Empenhei-me de coração em suavizar o rude da matéria, enfeitando-a com o pitoresco e o aventuroso que andei catando nas crônicas da época. Tentei, dentro do que colhi, reconstituir com fidelidade uma era morta, vulgarizar homens e fatos, evocar heroísmos, popularizar a trama romanesca da rebelião, pintar o espírito bárbaro-religioso daqueles dias, tornar enfim acessível a todo mundo esse escuro passado de há três séculos. Por esse lado, no sentido patriótico, este romance é fundamentalmente verde-amarelo.

Se, por acaso, correndo por esse Brasil afora, tiver o PRÍNCIPE DE NASSAU a boa fortuna de despertar em algumas almas um pouco mais de paixão e de entusiasmo pelas coisas pátrias, dar-me-ei por fartamente pago das minhas penas através de alfarrábios e de arquivos. E as minhas penas não foram poucas.

O Príncipe de Nassau:

— Às armas!

A guarda do Palácio de Friburgo acudiu prestes ao grito da sentinela. Soou um toque áspero de clarim. Rufaram as caixas com estrépito. Os soldados holandeses, com os chapelões de plumas, bateram forte as alabardas no chão: Maurício de Nassau, o Príncipe magnífico, surgiu no pórtico do palácio. Sua Alteza, como de costume, saía para o passeio da tarde.

Fora, no pátio, os cavalos estavam prontos. Estrembon, pagem e camareiro, precipitou-se a segurar as rédeas do alazão. Era o cavalo mais belo de Pernambuco, o mais árdego dentre os trinta que o Príncipe tinha habitualmente nas cavalariaças.

Maurício, desempenado e ágil, galgou a sela. Carlos Turlon, Capitão da Guarda, também montou. Seguiram-se duas ordenanças. O Governador de Pernambuco trotou galhardamente para a Cidade Maurícia.

Nassau, naquela tarde, estava radioso. Alegria radiosa, dessas que sacodem a gente, embriagava a sua alma de soldado. É que nessa manhã, ribombando, por entre fragorosas surriadas de mosqueteiros, entrou barra a dentro uma nau louçã, muito garrida, com grandes embandeirados no velame. Vinha da Bahia. Vinha comissionada especialmente pelo Viso-Rei do Brasil, o mui alto e poderoso Senhor Marquês de Montalvão, para trazer a Maurício, numa embaixada de gala, esta nova alvorçoante: Portugal, vencendo a Espanha, proclamara enfim a sua independência. E D. João, Duque de Bragança, fora aclamado rei sob o nome de D. João IV.

Tão alta era a notícia, tão faustosa, que o Príncipe ouvindo-a, arrancou do dedo um anel opulento, onde faiscava baga imensa, dando-o de alvíssaras ao piloto João Lopes, o mensageiro afortunado.

Essa brusca reviravolta política significava, de fato, imediato paradeiro às lutas do Brasil. Era a paz entre Holanda e Portugal. Mais do que a paz: era a aliança forçada entre os dois países para combaterem a Espanha, agora inimigo comum.

Nesse dia, além da nova assim emocionante, havia ainda, para afestoar o coração do Príncipe, certo recado de Montalvão, vindo pela segunda vez, recado secreto, muito confidencial, que significava o triunfo mais envaidecedor do guerreiro político.

Montalvão, ao assumir o governo na Bahia, isso há meses já, houvera feito velejar dois emissários para a Cidade Maurícia. Um fora João Martins Ferreira; outro, Pedro de Arenas. Trouxeram ambos a Nassau, com insufladoras cortesanices, um alto bastão de ouro maciço, cravejado de muita pedraria de preço. Com esse regalo, primor de fidalguia, chegara também, entre fechados sigilos, aquele misterioso recado, recado secreto, muito confidencial, que lisonjeara fundo o orgulho do Príncipe...

Naquele dia, com a embaixada que descera no porto, Montalvão repetira o recado. Que recado era aquele? Ninguém sabia. Mas, o certo é que, naquela tarde, com o coração pálpite, Maurício partiu, entre toques e rufes, para o passeio de costume.

Atravessou o vasto parque de Friburgo, onde frondejavam setecentas palmeiras. Meteu-se pela Cidade Maurícia. Cortou a Praça dos Coqueiros. Desembocou na Ponte do Recife.

Os moradores de Maurícia eram holandeses e judeus. Ao ouvirem o pateado dos cavalos, aqueles homens de língua estranha, muito ruivos, vestidos com gibões de saragoça, corriam atarantados às portas das casas, desbarreteando-se à passagem do séquito.

Ao pé da ponte, junto à correnteza do Capiberibe, ficava a taberna do velho Snider. Um magote de flamengos, com o taberneiro à frente, vermelhos e desordenados, copos na mão, saiu à rua tumultuosamente, a bradar com efusão:

— Viva o nosso Príncipe!

Maurício sorriu. Do alto da sela, com um gesto condescendente, agradeceu aos berradores. Novos vivas, grande alarido.

Nassau atravessou por entre aquele bando fremente. Ao entrar na ponte, virou-se para o Capitão da Guarda:

— Não parece que estão borrachos, Carlos Tournalon?

— Tontos de vinho devem andar eles, Príncipe! Hoje, foi dia de festa na taberna de Snider...

— Festa? Redargüiu Maurício admirado; festa? E por qual razão, Carlos de Tournalon?

— Vossa Alteza não sabe? Por um motivo grave, tornou o capitão: é que os escabinos decidiram a demanda que Snider pôs contra Manuel Felipe, aquele lavrador de canas. Vossa Alteza não se lembra? Aquela demanda por causa do macho gateado que esteve na pastaria de João Fernandes Vieira.

— Ah! Lembro-me muito bem. E então?

— Snider ganhou a querela. Foi Manuel Filipe condenado a pagar o preço do macho e as custas: setecentos e muitos florins!

— Feia coisa, exclamou Maurício, franzindo o sobrolho. Pesada injustiça! Foi uma decisão má dos escabinos...

A comentarem o caso, num trote manso, os cavaleiros atravessaram a ponte. Entraram em Recife, a cidade velha. Tudo aí eram portugueses e mamelucos. A essa hora, nesse afogueado cair da tarde, os escravos do senhorio rico, uns chatos negrões de Angola, dentro de suas pantalonas de tela de Flandres, passavam aos bandos, carregando água doce, gotejantes, com enormes cacimbas à cabeça. Índios mansos, tapuias e potíguas, voltavam dos engenhos e das lavouras, as foices roçadeiras ao ombro, o ar suarento de cansaço.

O Príncipe tocou pela cidadezinha. Cortou-a de ponta a ponta. Depois, sem dizer palavra, enveredou rumo da praia. Pôs-se a trotar vagorosamente pela areia branca. Todos seguiam-no, calados. De repente, num cômodo Maurício de Nassau estacou o ginete. Aí, diante dos seus olhos, estendia-se, largo e belo, um panorama surpreendente.

Que maravilha! Ao longe, muito ao longe, no fundo do horizonte, um grande sol, fulvo e sangrento, atufava-se em chamas como um incêndio. E grossas brochadas de luz, brochadas quentes e uivantes, zebavam de listrões assanhados aquele céu candente dos trópicos.

Maurício de Nassau, embevecido, virou-se para a banda do mar. E soltou pela vastidão das águas um olhar feliz e vitorioso.

Ali estava a seus pés, corcovado de vagas, o fêrvido oceano espumarento, que os Estados a custo subjugaram. Ali estava, arrepiada em morros, a imensa terra brasileira, seis ásperas capitânicas, inçadas de muito gentio emplumado, que ele, Maurício, com a sua espada, acabava de conquistar galhardamente, debaixo da saraivada das flechas e do estrondo dos pelouros.

Fora lá, nessas águas e nessas terras, que se derramara tanta vez, aos gorgolões, o sangue batavo! Fora lá pelas angras do sul, na Bahia de Todos os Santos, que um dia, pela primeira vez, arribaram por estas bandas, com as flâmulas vermelhas panejando nos mastaréus, as grandes naus côncavas de Jacob Willekens. Fora lá, naquelas mesmas abras, que também fundeara um dia, calada e inútil, a frota assustadiça de Hendrickzoon.

E fora aqui, diante dos seus olhos, nas águas crespas do Arrecife, que aportara enfim, garbosamente, por entre os roncões do canhoneio, a armada

triunfadora de Loneq: fora aqui que desembarcaram, nas suas pinaças bojudas, os soldados que ganharam para a Holanda a terra nova.

Quanto sangue jorrado! Quanta desesperada luta! Mas hoje — e o olhar do Príncipe corria ufano os longes do horizonte — mas hoje, por esse infinito além, por esse costão selvagem que o mar lambia, espumejando, tremulavam afinal, nos fortins e no velame dos patachos, as cores dos Estados! E era agora daqui, destes brasis longínquos, que partiam para os depósitos de Amsterdam, inundando-os, aqueles brutos galeões prenes de açúcar macho; aqueles veleiros de garbosa mastreama, largos e sólidos, abarrotados de pau-brasil de tinta; aquelas fundas barcaças que zarpavam túrgidas de tabacos e de papagaios. Era daqui da terra nova, que ele, Maurício, mandara à pátria, todos os anos trezentos mil florins de décimas, setecentos mil de pensões, afora os dois milhões de lucros na venda dos engenhos e quase seiscentos belos caravelões aprisionados.

A política do Príncipe, desde o início do governo, fora a política de conciliação. Era de ver-se os frutos dela! Que prodígio!

Lá em baixo, na ilha de Antônio Vaz, florescia, nova, os telhados ainda vermelhos, aquela famosa Cidade Maurícia, o assombro da época, com o seu belo Palácio de Friburgo, com as pontes de rijo tabuado, as grossas fortalezas, roqueiras, as ruelas pitorescamente ensombradas de árvores e regadas de águas cantantes. Depois, em frente dela, o Recife; aquele Recife antigo, tradicional, onde os velhos homens da terra tinham as suas moradas alterosas de boa taipa, os tratantes judeus as suas escuras lojas de moeda e de mercância.

Lá estava, à sombra dos falcões de bronze dos fortes, a casa de pedra de João Blaar, o sangrento general de Holanda. Rente dela, com as portas de rótula, a casinha de Frei Manuel do Salvador, o cura jeitoso e politicão, reinol de muitas letras e de muitas lábias. Além, toda de madeira pintada, como em Flandres, a chácara de Gilberto Van Dirth, flamengo apelintrado, um dos três do Conselho Político. Depois, entre coqueiros, o casarão de Gaspar Dias Ferreira, tremendo velhaco, rabulejador e patoteiro, o mais querido dos amigos do Príncipe. E não era só. Lá se viam pela cidade, chatas, nuas de enfeites, as moradas de todos os principais do país: a de João Fernandes Vieira, altíssima personagem da terra, mercante afortunado e rico; a de Antônio Bezerra, velho moedor de canas, pessoa de grandes teres e de grande vida; a de Antônio Cavalcanti, sombrio inimigo de João Fernandes, homem emproado, imensamente ensoberbecido do seu sangue e da sua linhagem; a de Sebastião de Carvalho, lavrador de pau-de-tinta, sujeito estranho, de poucas falas, devotado parceiro dos holandeses...

Maurício, da praia, contemplava, orgulhoso, o panorama soberbo. Com um sorriso, o coração inflado, não pôde reprimir-se:

Como isto é belo, Carlos Tournalon! Como é formosa esta terra! É a mais formosa terra do mundo...

A tarde caíra. Tarde abafada, tarde languescedora, tropical. Ao longe, no porto, as naus adormentavam-se tranqüilas, numa doce quietude, como pássaros enormes pousados à flor das águas. Apenas uma pinaça, velas abertas, balouçava-se agitada, com muita escravaria correndo dentro dela. O Príncipe notou aquele açodamento. E apontando para o barco:

— É o patacho de Israel Voss?

— É, Príncipe. Ainda está a carregar. Veleja amanhã cedo para Cabedelo. Vai nele Segismundo Starke, levando os barris de pólvora que Vossa Alteza manda à Paraíba.

— É verdade atalhou Maurício. Elias Erckmann está com munição escassa. E é preciso não descuidar! Henrique Dias e Camarão andam por aí de emboscada em emboscada. É preciso ter cautela...

Nassau esporeou o alazão. Virou as rédeas. Os do séquito acompanharam-no.

Tombara uma serenidade empolgante. Andavam rumores estranhos pelo ar. Branquejavam o azul, de vez em quando, asas de gaivota. Tiniam pios. Prodigioso cair de tarde...

Os cavaleiros marchavam em silêncio. Entraram de novo pelas ruas do Recife. Atravessaram a ponte. De súbito, ao penetrar na Cidade Maurícia, a comitiva topou de chofre com Frei Manuel do Salvador<sup>1</sup>.

O religioso, metido na sua loba poeirenta, chapéu negro de aba larga, lá se ia pela estrada, cismarento, montado num burrinho filosófico. Nassau, ao vê-lo, gritou logo num alvoroço:

— Olá, Frei Manuel! Viva! Então Vosmecê ai a caminhar tão pachorrento. Num burrico desses! Aonde vai Vosmecê assim, meu padre, nessa cavalgada tão derreada?

Frei Manuel desbarreteou-se e, sorrindo com jovialidade, retrucou:

— Deus o salve e guarde, Príncipe! Mas não mofe Vossa Alteza assim do meu rocim. Estou que Vossa Alteza, nas suas cavalariaças, com os seus trinta cavalos, não tem alimária mais segura. Aquilo é sempre assim, sempre neste passo, sem corcovos nem bufos, mas sempre a carregar onde me apraz. Ainda agora, como Vossa Alteza vê, sigo eu para o engenho de João Fernandes Vieira. Vou dar dois dedos de prosa com o velho amigo.

— Vosmecê vai ao Engenho de Várzea? Tornou Maurício. Pois é favor, Frei Manuel, dizer a João Fernandes que anda muito arredo. Não há quem mais o veja cá por Maurícia! Que é que sucedeu? Será que João Fernandes, depois que apalavrou o casamento das cunhadas com os filhos de Antônio Cavalcanti, se tornou bicho de toca? Ora... Valha-nos Deus! Pois diga-lhe, padre, que deixe de casmurrice e que apareça. Quero felicitá-lo por esse gosto.

— Direi, Príncipe. Direi a João Fernandes que venha logo à Cidade Maurícia; e mais ainda, isto sim, que venha sentar-se à mesa do seu amigo, o Príncipe de Nassau, a fim de bebericarem juntos uma botelha daquele vinho encorpado de Holanda, que há nas cubas de Friburgo.

— Isso, Frei Manuel! Diga-lhe isso, tal e qual!

E rindo-se, rindo-se a bom rir, Maurício despediu-se folgazonamente:

— Adeus, frei; boa jornada e boa pressa!

Caíra a noite. Os cavaleiros tocaram apressados. Na casa de pedra de João Blaar, andava rumoroso borborinho. Havia dentro muitas luzes. Largo vozerio de gente. Maurício de Nassau, ao passar, espantou-se com tanta bulha:

---

<sup>1</sup> Frei Manuel do Salvador é aquele mesmo que escreveu o Valoroso Lucideno, com o pseudônimo de Frei Calado. Foi testemunha presencial dos fatos e particular amigo do Príncipe.

— Que é aquilo, Carlos Turlon? Hoje também há festa em casa de João Blaar?

— Festa, sim, Príncipe; e festa grande! É que estão lá a brindar o ajuste do casamento de Segismundo Starke com Carlota Haringue. Segismundo parte amanhã, no patacho de Israel Voss, a levar os barris de pólvora para Cabedelo. Por isso a festa dos esponsais é hoje; o casamento fica para a volta.

Maurício olhou o Capitão, com surpresa. Os seus olhos fuzilaram, interrogativos. E depois de uma pausa:

— Carlota vai casar-se com Segismundo?

— Vai, Príncipe.

— E Rodrigo, inquiriu Maurício; e Rodrigo, o afilhado de André Vidal de Negreiros?

— Esse, naturalmente, ficará a espera de outra, tornou Carlos Turlon; desta vez foi Segismundo quem pescou a truta.

— Bela rapariga, em verdade, exclamou Nassau; é a mais bela de todas as que eu tenho visto no Brasil! Nem sei de outra que se lhe compare...

Tinham chegado a Friburgo. Soaram de novo os clarins. Rufaram os tambores. Os soldados bateram forte as alabardas no chão. Maurício saltou da sela. E virando-se para o Capitão:

— Vosmecê deseja ir à festa de João Blaar, Carlos Turlon?

— Se Vossa Alteza consentir, Príncipe.

— Pois vá. Hoje não careço mais de Vosmecê.

Arremessando as rédeas ao pagem, João Maurício de Nassau, o mui poderoso Príncipe, galgou as escadarias do Palácio de Friburgo.

Carlota Haringue

Carlos Turlon entrou em casa de João Blaar. Era este "o mais cruel e o mais desumano homem que dos de sua nação entrou em Pernambuco". "O mais duro e o mais cruel holandês que viram as idades"<sup>2</sup>.

lá dentro um fim de ceia barulhento. Ria-se muito. Discutia-se com vivacidade. A vinhaça do regabofe soltara a língua dos comensais. Que vozerio destrabelhado!

Pela vasta mesa, que altos candelabros alumiam, restos de comezaina espalhavam-se em desordem: arenques defumados, viandas entouchadas, botelhas de aguardente, queijos de Holanda, brôtes.

Os convivas eram poucos. Flamengos e portugueses. Tudo gente graúda.

João Blaar, o odiado, o carniceiro João Blaar, rival do bárbaro Jacob Rabbi, aquele branco selvagem que vivia entre bugres, — João Blaar, o Comandante dos Burgueses, lá estava à cabeceira da mesa, uniforme de calções berrantes, com a sua cara longa de facínora, os seus ruivos bigodões de brutamonte. Ao lado dele, muito custosa e garrida, vestido de veludo escuro, coifa de rendas, enormes bichas nas orelhas, a rumorosa D. Ana Pais, pernambucana de olhos pretos, muito

---

<sup>2</sup> D. Domingos Loreto, Desagravos do Brasil e Glória de Pernambuco, Liv. VII (An. da Bib. Nac. vol. 25 fls III) e Frei Calado, Valoroso Lucideno.

trêfegos, que diziam ser a dona mais linda e mais desenvolta de Recife. Em seguida, com o seu caneco de genebra, sempre soturno, o escolteto Paulo Damas, célebre presidente da Câmara dos Escabinos<sup>3</sup>. Depois, falando alto, desbragado de modos, aquele habilíssimo e sutilíssimo Gaspar Dias Ferreira, o amigo íntimo do Príncipe de Nassau, refinado pulha, raposão que enricara a força de patranhas e trampolinagens. Enfim, casquilho e adamado, com o seu vistoso gibão de gola encanudada, os seus faceiros bofes de Holanda, lá estava Gilberto Van Dirth, membro do Conselho Político, a cortejar com os olhos, suspirosamente, a bela e perigosa D. Ana Pais.

Havia, em meio desse bando, um único brasileiro. Era Sebastião de Carvalho. Era um estranho, sombrio lavrador de pau-de-tinta. Homem azedo, mau, que vivia a fermentar no coração, contra todos e contra tudo, grandes ódios recalçados.

Um disparolar amistoso rolava entre aquela gente. A conversa alastrava-se, incendiada. Palavra-se rasgado e claro.

O assunto, quando Turlon entrou, era a aclamação de D. João IV. O General Blaar, copo na mão, bradava truculentamente, com o seu vozeirão de atroar:

— Pena é, Gaspar Dias, que se façam tréguas! Eu queria ter o gosto de enforcar numa trave, entre os coqueiros de Maurícia, o último soldado português...

E Gaspar Dias, olhos piscos, ar de fuinha com a sua barbicha rala dependurada no queixo:

— Não bravateie assim, João Baar! Não bravateie desse jeito! Lembre-se só que muito flamengo já estrebuchou às mãos de português. Demais, mau bravo general, escute bem o que eu digo: a guerra ainda não findou.

— Não findou?

— Não! Digo mais: a guerra está longe de findar.

— Longe de findar... Atalhou bruscamente D. Ana Pais, a buliçosa morena de olhos pretos, que ouvia atenta a conversa dos homens; longe de findar? Vosmecê está a gracejar, Gaspar Dias! Isso lá é possível? A guerra, de hoje em diante, é só entre Holanda e Espanha. Não há nada com Portugal. Como pois, assentando-se pazes entre Haia e Lisboa, hão de continuar as tropelias cá pelo Brasil?

Gaspar Dias sorriu. Diabólico, um clarão maldoso nos olhos, retrucou:

— Vosmecê há de ver, D. Ana Pais, que agora, com a aclamação de D. João IV, vai surgir muita alma-do-diabo que tornará a aticar a luta. Não sabe Vosmecê por acaso que há por aí muito sujeito, com mostras de amigo, que vive a tramar na sombra a queda da Holanda? Não sabe por acaso que há muitíssima gente por aí (e que gente, upa!) a conjurar em sigilo, com mão de gato, contra o nosso Príncipe?

---

<sup>3</sup> Nassau instituiu a Câmara dos Escabinos, espécie das nossas câmaras municipais, com a faculdade de julgar causas de primeira instância.

O assunto era escabroso. Tombou na sala rápido silêncio Gaspar Dias, depois de revirar o seu caneco de vinho, reatou com mais perfídia a urdidura daquela malícia:

— De alguém sei eu, D. Ana Pais, de alguém muito principal neste Arrecife, que só cuida em atraíçar os de Holanda. É homem de se temer! Homem perigoso. Alisa pela frente mas apunhala pelas costas. Homem de maus bofes...

— Isso, bradou com um berro João Blaar, em cujos olhos faiscava um brilho avinhado; isso, Gaspar Dias! Isso mesmo! É homem péssimo. Conheço-o como a palma de minha mão: é João Fernandes Vieira.

Sebastião de Carvalho, aquele pernambucano sombrio, de poucas falas, grunhiu entre dentes, do seu canto:

— Tem razão, João Blaar! É João Fernandes Vieira. Homem ruim!

Carlos Turlon, que ainda não houvera pronunciado palavra, atalhou severamente aquelas invectivas:

— Vosmecês são peçonhentos, meus senhores! Que botes! Por quê hão de Vosmecês lançar tanta pecha em pessoa de tanto quilate? Todos esses mexericos já foram soprados aos ouvidos do Príncipe de Nassau. E o Príncipe, depois de averiguar as coisas, repudiou tudo isso, toda essa maquinação, como sendo a falsidade mais refalsada. Vosmecês sabem disso, não sabem? E como é que estão ainda aí, com tanto desplante, a marear o nome de tal homem?

D. Ana Pais olhou para Carlos Turlon com iroso desdém.

Aquela morena de olhos pretos, todo o mundo o sabia, era uma pernambucana de vida escandalosa. Fora ela quem tivera o cínico arrojo — a primeira no Brasil! — de se casar com um holandês e herege. E era ela, a dama enlaçarotada que ali estava, ela, nem mais nem menos, a mulher legítima do próprio Carlos Turlon! Por isso, com esbraseada cólera, medindo o marido de alto a baixo, D. Ana Pais respondeu acrimoniosa:

— Eis aí! Eis aí um homem que causa dó! Um homem ridículo! Sempre a bater-se por João Fernandes. Sempre a fazer-lhe discursos. Como se João Fernandes não fosse o mais desbriado biltre de Pernambuco!

Carlos Turlon fulminou a mulher com os olhos. O rosto afogueou-se-lhe. Franziu o cenho, indignado. E com a voz trêmula:

— Eu já disse a Vosmecê, D. Ana, eu já lhe disse mil vezes o quanto é vil esse desbocamento! Nem vejo razão para um palavreado tão bruto...

A borrasca entre os dois esposos fez esfriar a conversa. Calaram-se todos por um instante. Carlos Turlon, porém, tornou-se, fremindo, para os comensais:

— João Fernandes é homem de grandes brios. É pessoa de grandes fazendas. É senhor-d'engenho. É escabino de Arrecife. É amigo querido do Príncipe. E ainda — o que é mais — o colono da confiança de Jacob Stachouver, membro do

Conselho Político. E Vosmecês bem sabem quem foi Jacob Stachouver! Um bugre. Homem fechado e duro. Pois bem, ao partir para os Estados deixou Jacob todos os seus bens nas mãos duma única pessoa: João Fernandes. Haverá maior confiança? Haverá para mostrar a honradez de tal homem prova mais provada? E ainda estão Vosmecês aí a enxovalhá-lo? É coragem!

Gaspar Dias coçou a barbicha. Pigarreou seco. Olhou com um olhar de sarcasmo para Turlon. Depois, esboçando o seu risinho chocarreiro:

— Vosmecê é homem de boa-fé, Carlos Turlon. De mui boa-fé! Mas há de ver ainda — eu juro! — quem é essa bisca de João Fernandes Há de ver ainda, com os próprios olhos, as trapaças do homenzinho. Mesmo agora, se Vosmecê refletir, bote tento em algumas coisas. Olhe... Vosmecê soube, decerto, que João Fernandes já se ficou com os engenhos de Stachouver, não é verdade? Agora pergunto eu: por que artimanhas se ficou João Fernandes com tantos bens? Como os pagou? Onde arranjou dinheiro? Só Deus o sabe, Carlos Turlon, só Deus o sabe! Mas uma coisa, desde já, cá afianço: é que João Fernandes, o filho de um ladrão com uma suja lambisgóia...

— Que diz Vosmecê aí, Gaspar Dias?

— Que João Fernandes, o filho da Benfeitinha, a marafona, com um ladrão deportado de Lisboa, não pode ser senão um grandíssimo safardana.

Carlos Turlon tentou responder. Mas em vão. Choveram aplausos. Esfuziaram apóstrofes. Foi todo um berreiro atroante.

— Vosmecê falou com boca de ouro, Gaspar Dias, gritava João Blaar; João Fernandes é canalha! Raça imunda! Um João-Toucinho!<sup>4</sup>.

— Aquilo é caco, rosnou do seu canto, surdamente, Sebastião de Carvalho; aquilo é víbora! Ainda agora — não viram? — o desbriado negociou o casamento das cunhadas com os filhos de Antônio Cavalcanti. Com os filhos do seu maior inimigo! Que abandalhado...

D. Ana Pais, essa então chamejava. Queria saltar sobre o marido, espedaçá-lo. E bradava numa fúria:

— Quanta asneira Vosmecê vomitou, Carlos Turlon! Não tem vergonha, homem, de tanto despropósito? Que idiota é Vosmecê! Sabe? Que bronco!

— Bronco? Eu? Vosmecê, D. Ana, bradava Turlon apoplético é que é uma língua de cobra! Vosmecê tem mais veneno nela do que cascavel no dente. Vosmecê é que é uma estúpida! Ouviu? Uma desmiolada!

— E Vosmecê um asno! Entendeu? Um coisa! Um...

Teve que arrefecer no despejo da bÍlis. Gilberto Van Dirth, sempre casquilho e adamado, interveio na contenda, muito maneiroso, a olhar para D. Ana com o seu olhar meloso e súplice:

---

<sup>4</sup> Os holandeses, para zombarem do português, chamavam-no depreciativamente Speck-Jean, João Toucinho. É termo corrente nas memórias da época. Vide o "Diário" do Holandês curioso que residia no Brasil ao tempo da guerra. Rev. do Inst. Arq. Peru, vol. 32., pág. 121.

— Acalme-se, D. Ana! Acalme-se! Um palavrório desses, assim tão solto, por causa de tão pouca monta!

Carlos Tournal ergueu-se, trêmulo. Lançou à mulher olhares esmagadores. Depois, meneando a cabeça, um muxoxo de desdém no lábio, deixou aquela companhia agressiva. Partiu em direitura à saleta onde estavam os dois noivos. Que diferença...

Segismundo e Carlota, um ao pé do outro, mudos, constrangidos, tinham o aspecto tristonho, o ar murcho, qualquer coisa de estranho que fundamente os melancolizava. Tournal sentiu, ao entrar, aquele chocante ambiente de tristura. Como aquilo contrastava com a alegria vinhosa lá de dentro! Como aquilo era pesado e fúnebre! E Tournal, que sabia daquele romance mais do que ninguém, apiedou-se logo de tanta mágoa. A nostalgia dos noivos abrandou-lhe as iras. Num tom de amigo, esforçando-se por se mostrar jubiloso, tentou quebrar aquele silêncio dorido:

— Viva, rapazes! Viva! Toca a rir que hoje é dia de gosto...

Segismundo Starke ergueu-se rápido ao avistar o Comandante. De pé, a mão no chapéu, agradeceu sorrindo. Mas Carlota Haringue, sem dizer palavra, abaixando a cabeça, fincou soturnamente os olhos no chão.

Pobre moça! Tudo na vida lhe correra inditoso. Até o noivado, aquele noivado que deveria ser de rosas — noivado em pleno alvorecer dos dezoito anos! — ia-lhe triste como um dia de força, pedregoso e duro como um calvário.

Fora o pai de Carlota, aquele falado Cornelis Haringue, desassombrado marujo da Frísia, que viera ao Brasil com Jacob Willekens, na nau Porco do Mar, sota-capitânea da esquadra. No dia da partida, em Amsterdam, ao abraçar a mulher que ficava na praia, consentiu Cornelis Haringue, à força de muito rogo e de muito pranto, que ela, para encontrá-lo, viesse ao Brasil no primeiro galeão mercante que partisse dos Estados. Consentiu, beijou a mulher, e enfiou-se na sua bizarra nau, rumo do Mar da Treva.

Certa manhã, na altura do Rufisco, aldeia de negros na costa da África, o comandante Haringue, com pasmo de toda a gente, amanheceu teso e frio no seu beliche. Que foi? O rude mareante morrera subitamente do coração<sup>5</sup>.

Mas, a armada, aquela armada de naus donairosas, lá continuou indiferente a sua derrota. Semanas e semanas cortou o oceano incerto. Um dia, enfim, aportou na Bahia de Todos os Santos. Assediou a cidadezinha Crivou-a de pelouros. — Triunfou.

Um mês após, quando já balouçavam nas fortalezas os pavesees vermelhos da Holanda, desembarcou em S. Salvador, atordoada, ainda cambaleante, a sôfrega Senhora Haringue. Foi só aí, pela boca dos marujos, que a desolada moça recebeu, como quem recebe uma cutilada, a notícia trágica da morte do marido. Foi um desespero. Mas como voltar para Holanda? Era necessário esperar um barco. E os barcos, por esse tempo, eram demorados e raros. A pobre mulher foi-se ficando por aqui. Até que um dia, querendo partir, todos lho proibiram. E proibiram com razão: poucos meses após, ali, na terra estranha, nascia-lhe uma criaturinha linda, rechonchuda, olhos azuis, loira como um anjo.

---

<sup>5</sup> Anais dos Feitos de Companhia das Índias, tradução do Dr. Duarte Pereira, Liv. I (An. da Báb. Nac., vol. 30, pág. 40).

Mas, que fatalidade! A desditosa mãe, por uma dessas ásperas cruezas do destino, sucumbiu no trabalho martirizante do parto. Só, neste fim do mundo, sem um parente e sem um amigo, os olhos nevoentos voltados para a Pátria, a pobre holandesa, ao expirar, deixava na terra nova o primeiro brasileirinho filho de flamengos!

Os patrícios, comiserados, recolheram a pequerrucha. E Carlota, a órfãzinha, começou a medrar. Ia ficando, dia a dia, um mimo de entontecer. Que deliciosa boneca! Tão bonita que era com o seu cabelo cacheado, claro como a flor do milho, as suas bochechas gordanchudas, vermelhas como duas papoulas.

Enquanto assim, viçosa e fresca, floria a pequenita, os negócios da guerra andavam desastrosos para os holandeses.

S. Salvador estava cercada. Os brasileiros, entocaiados por todo o canto, armando emboscadas sobre emboscadas, apertavam rijamente os flamengos. Começou a fome. Começaram as murmurações. Nenhum recurso da Holanda! A fome aumentou. Engrossaram ainda mais as murmurações. E nada de socorro! Arrebentou afinal, dentro dos muros, o motim de Kijff. Foi necessário capitular. E os holandeses capitularam...

A pequerrucha, ao partirem os flamengos, ficou na terra nova. Uma alma generosa tomou-a para si. Agasalhou-a. Enlouqueceu por ela. Foi André Vidal de Negreiros. O moço, que tinha o coração nobre e galhardo, ao ver aquela feiticeirazinha de olhos azuis, tão corada, tão buliçosa, agarrou-a carinhosamente, enrolou-a na sua capa, arrebanhou-a.

Mas André Vidal era só. Era só e nômade. A sua vida de guerrilheiro obrigava-o a andar errático pela campanha, sem pouso certo, ao deus-dará. Que fazer? André conhecia D. Joana de Albuquerque, moradora de Pernambuco, senhora fidalga e rica, dona virtuosíssima da Capitania<sup>6</sup>.

Tocou para lá, desabalado. Contou o caso. Suplicou agasalho para a desvalidazinha. D. Joana não titubeou: recebeu a órfã na sua casa e no seu coração, bendizendo a Deus por lhe proporcionar ocasião de praticar tão bela esmola.

Foi aí, nesse lar pacífico e cristão, que Carlota ficou moça. Moça e formosa. Dezoito anos! Ah, era um encanto vê-la... Que linhas! Tudo nela era ajustado, harmônico, perfeito. Um opulento mármore grego. Que feitiços havia na peraltice ingênua dos seus olhos, na orvalhada infantilidade do seu sorriso, no encrespado do seu cabelo, no claro flamengo do seu rosto, amorenado pelo sol dos trópicos. Mal sabia ela, recolhida entre os muros santos daquela casa, na sua tímida existência de pobrezinha, que a fama da sua formosura já se havia derramado por todos os sertões da Capitania. Aquilo, por toda a parte, era um boca só:

— Boniteza? Carlota Haringue... Não há outra em Pernambuco!

André Vidal, freqüentes vezes, vinha vê-la em casa de D. Joana. A rapariga, mal o avistava, saltava-lhe festivamente ao pescoço, numa efusão de abraços e beijos. O soldado, aquele homem do mato, endurecido nas brutesas da guerra, amolecia-se todo, sentia o coração derreter-se-lhe no peto, fundido pela quente macieza daqueles agrados.

---

<sup>6</sup> D. Domingos Loreto, Desagravos do Brasil e Glórias de Pernambuco. Liv. VII (An. da Bib. Nac., vol. VII, pág. 157).

Com André Vida seguindo-o como sombra, andava por toda a parte um afilhado seu, rapagão sólido e guapo, vinte anos, animoso e leal como outro não havia nas redondezas. Era Rodrigo Mendanha.

Certa vez, depois duma visita à casa de D. Joana, Rodrigo chamou do parte a André Vidal. O rapaz tremia. Estava perturbado como um menino.

— Padrinho! Eu queria dizer uma coisa...

André Vidal sorriu. Compreendeu logo o que significava aquilo. Mas, virou-se para o moço com fingida indiferença:

— Uma coisa? Que há, Rodrigo?

Rodrigo abaixou os olhos. Estranho embaraço perreava-o. Havia um terrível embaraço que aferroava-lhe a sua língua:

— É que...

E parava. Baixava ainda mais os olhos. Não havia meio de desentalar-se daquilo.

— É que...

— Já sei, atalhou afinal André Vidal, rindo um riso folgazão. Já sei, Rodrigo! Sei muito bem! O que você quer, maroto, é casar-se com Carlota Haringue... Não é?

— É! É isso, padrinho, bradou o rapaz exultante, com quente ruidosidade. É isso mesmo! É isso, só isso, tudo o que eu ambiciono na vida!. Vosmecê consente?

André Vidal reparou com carinho aquela boda. Trouxe o rapaz para o Recife. João Fernandes Vieira chamou-o logo para as suas mercâncias. Aí, dentro de pouco tempo, Rodrigo Mendanha se tornou a pessoa de maior confiança do grande senhor d'engenho. Nada mais natural, portanto, que se realizasse em breve o casório apalavrado. Tudo estava fácil. Tudo arrumado. Assentou-se então que a coisa arrebantaria pelo São João...

Mas eis que certo dia, no engenho de Dona Joana, toda a gente alarmou-se. Houve desusado alvoroço, corre-corre de mucamas, vozerio de medo. O feitor, chapéu na mão, surgiu apavorado:

— Lá no pátio, siá Dona, está desmontando um homem que chegou aí de cavalo, com um mundão de soldadesca! Tudo fremengo...

Era João Blaar. Entrou. Vinha amendrontador, calções vermelhos, mosquete ao ombro. Saudou secamente a atarantada senhora. Depois, arrancando do bolso largo papel, vistosamente selado com o selo dos Estados, apresentou-se com rudeza:

— Leia!

D. Joana de Albuquerque leu. O coração bateu-lhe no peito com fúria. Ficou branca e trêmula. Não compreendia aquilo: era uma ordem dos escabinos de

Maurícia, assinada pelo próprio escolteto, determinando a entrega imediata de Carlota Haringue. Ah, foi um raio! Um pânico!

D. Joana, sacudida, desandou a chorar como louca. Carlota, sem pinga de sangue, olhava aparvalhada. Que foi? Que significava tal determinação? João Blaar com cinismo, explicou tranqüilo:

— Esta moça é filha de holandeses. Como tal, senhora Dona, deve ela ser cuidada por holandeses. Não é natural, nem justo, que viva no meio de brasileiros, consumindo a fazenda de gente estranha...

Foram inúteis as lágrimas. João Blaar carregou a moça. Levou-a para a sua própria casa. Trancou-a num quarto<sup>7</sup>.

A noite, enquanto a rapariga soluçava, alguém bateu à porta. Carlota estremeceu. Que será?

— Abra!

Carlota abriu. Era de novo João Blaar. Ele disse apenas:

— Carlota! Limpe os olhos e venha daí comigo.

Carlota obedeceu. A pobre moça, mais espectro do que gente seguiu-o até a sala. João Blaar, com um gesto duro, apontou-lhe então o moço que lá estava:

— Eis aqui, Carlota, o Alferes Segismundo Starke. É este o noivo que os escabinos destinaram para você.

— Que diz Vosmecê, João Blaar?

— Digo que este moço é agora o seu noivo, redargüiu Blaar, impiedoso. É com esse que você vai se casar...

E dirigiu-se galhofando para os dois:

— Vocês estão noivos, rapazes! Sejam, portanto, bons noivos. Vamos lá: abracem-se!

Segismundo Starke deu um passo. Carlota soltou um grito, horrorizada. Os olhos turvaram-se-lhe. Súbita tonteira enfumaçou-lhe o cérebro. As pernas bambearam-lhe. E a rapariga, sem saber como, desabou pesadamente no chão.

Foi este o grande escândalo. O acontecimento rumoroso da Cidade Maurícia. Toda gente, porém, conhecia bem quem fora a alma negra daquela trama. Toda gente, às portas fechadas, cochichava o nome de quem engendrara tão pérfida crueza. Carlos Tournalon, mais do que ninguém, sabia do caso. Carlos Tournalon, mais do que ninguém, revoltara-se contra a desalmada barbaridade.

---

<sup>7</sup> Domingos Loreto op. cit., "... a cara descoberta roubava João Blaar, à força, as mulheres sem distinção de qualidade, facilitando as violências", Frei Calado: "os magistrados (escabinos) que, pela razão do seu cargo, haviam de talhar tantos desaforos, com o seu proceder animavam o atrevimento. Tinham notícia de algúia mulher fermosa mandavam buscar..."

Por isso, naquela noite, ao ver a pobrezinha ali, humilde e vencida, olhos fincados no chão, o soldado apiedou-se fundamentalmente daquela desgraça. Aquilo repugnava-o. Teve pena de tanto desvalimento.

— Alegria, rapazes! Alegria! Eu vim aqui beber um trago à saúde! Vá buscar-me, Segismundo, um caneco de vinho da Holanda!

O rapaz saiu. Tournalon aproximou-se rápido da moça. E baixo, segurando-lhe a mão, soprou-lhe umas frases atropeladas:

— Conte comigo, Carlota. Conte comigo, que serei por você. Eu sei de tudo! Eu sei quem foi a tecedeira dessa barbaridade...

A moça escancarou os olhos. Escancarou-os com uma expressão idiota, tão grande era o seu pasmo.

— Sabe? Sabe quem foi? Pois vosmecê também sabe quem foi?  
— Também Carlota!

Baixando ainda mais a voz, num apagado sussurro, Carlos Tournalon rugiu entre dentes:

— Foi D. Ana Pais! Foi a minha mulher...

Segismundo entrou com o vinho. Carlos Tournalon recebeu o caneco das mãos do moço, sorria, e bradou alto, numa alacridade:

— Viva, rapazes! À felicidade de ambos!

O Capitão bebeu o caneco num trago.  
E saiu.

Lá fora, na sala, entre vinhaça e riso, os comentários continuavam a ferver. Num canto, íntimos e confidentes, D. Ana Pais e Gaspar Dias conversavam. O velho raposão:

— Este casamento, D. Ana, é uma vingança feroz! André Vidal vai enlouquecer.

— Isso não é nada, Gaspar Dias!

Balouçando a cabeça, com um suspiro fundo, a pernambucana desabafou-se, raivosa:

— Ah, André Vidal! André Vidal! Eu precisava tirar uma desforra ainda mais crua!

— Mais crua?

— Queria pilhar o homem vivo, Gaspar Dias; tê-lo aqui nas minhas mãos. Isso sim!

— E que Vosmecê havia de fazer, D. Ana?

— Montava a cavalo, tocava para as tabas de Jacob Rabbi, chamava o tigre, dizia-lhe isto: Jacob, mande reunir os bugres. Ordene que arranquem a pele deste

homem. Mas que arranquem com cuidado, sem o matar, para que doa bem. Depois, ainda vivo, corte-lhe as carnes devagarinho, pedaço por pedaço. E que os bugres o assem e comam. Ah, Gaspar Dias, com que gozo havia eu de assistir a esse festim!

Gaspar Dias sorriu. E atalhou:

— Havia de ser um dia feliz para Vosmecê, D. Ana! Não há dúvida! Um dia tão feliz como o dia de hoje é para o nosso Príncipe.

— É verdade, concordou logo D. Ana; é verdade! O nosso Príncipe está hoje nadando em felicidade! Eu nunca o vi assim tão contente.

— Para mim, D. Ana, há outro motivo, além da aclamação de D. João IV, que o alegrou daquele jeito...

— Outro motivo? Por que Vosmecê diz isso?

Gaspar Dias fez um gesto de mistério. Olhou para D. Ana com o seu ar de fuinha. Coçou a barbicha.

— Ora, escute. Vosmecê sabe, de certo, que hoje, depois da embaixada, o Príncipe entrou numa câmara com João Lopes, o enviado de Montalvão, e conversaram largo tempo em segredo?

— Não soube, retorquiu com espanto a bela morena. Mas é estranho! O Príncipe a conferenciar em sigilo com João Lopes? Que segredos podem lá ser esses, Gaspar Dias?

— Não sei, D. Ana... Mas já da outra vez, na outra embaixada — Vosmecê se lembra? — também houve uma audiência em segredo. Que diabo será isso? Para mim, D. Ana, é ali que bate o ponto. É nesses segredos, que está o motivo daquela alegria do Príncipe.

Não pôde continuar. Soou um toque de clarim. Rufaram caixas. Carlos Turlon, aproximando-se da mulher, cortou ríspido aqueles cochichos:

— Vamos, D. Ana! É a Fortaleza Ernesto que dá o sinal de recolher...

Ao toque da fortaleza ergueram-se todos. E abalaram rumorosos da casa de João Blaar.

João Fernandes Vieira

Nessa mesma noite, a essas mesmas horas longe da Cidade Maurícia, vai uma cena bem diferente.

É dentro da mata bruta. Atufado entre a galhaça, misterioso e soturno, um rancho de sapé. Casota de pau-a-pique, barreada com meticulosos caprichos, sem frincha por onde coe réstia de luz, Nem há sequer, na mataria brava, vestígio de carreador conducente àquela moradazinha selvática. Tudo cerrado, inóspito. Só mesmo um velho batedor de sertões, homem bem vaqueano naquelas brutesas, poderia enveredar-se através do labirinto, rumo de ermo tão áspero.

Dentro do rancho, no entanto, há dois vultos que discutem. Dois vultos estranhos, falando baixo, banhados sombriamente pelo clarão avermelhado do candeeiro. Um, o que veste um hábito de religioso, é quase velho, pálido, olhar que corusca; voz convincente. O outro, o que traz a cabeça um largo sombrero, é rude, moreno-escuro, gestos fortes, cenho torvamente franzido. Um é Frei Manuel do Salvador. Outro, João Fernandes Vieira.

Quem é João Fernandes Vieira?

Quem é esse personagem tão alto, tão em destaque, tão fragorosamente comentado no Recife? Ninguém sabia ao certo. Um mistério. Diziam os íntimos, gente da casa, que João Fernandes era de linhagem clara, sangue muitíssimo limpo, descendente dos Ornelas e dos Monizes, fidalgos que entroncavam em linha reta no ilustre Tristão do Vaz, aquele mareante famoso, da casa do Infante D. Henrique, que tão gloriosamente descobrira a Ilha da Madeira<sup>8</sup>.

Murmuravam outros, os que bisbilhotavam coisas secretas, que aquele poderoso senhor de engenho não passava dum mulato forro, relíssima gentilha, filho bastardo de uma negra aventura da Benfeitinha, tipa delambida da Madeira, com um ladrão deportado de Lisboa<sup>9</sup>.

Tudo, porém, eram boatos. O certo, o incontestável, é que aquele senhor trigueiro, o empavonado favorito dos flamengos, desembarcara no Recife ainda menino, rapazinho de apenas onze anos, sem vintém, roto e miserável como um mendigo. Aqui, mal aportou, empregara-se o fedelho num açougue. Começou ai. Não podia, portanto, começar mais modestamente<sup>10</sup>.

Mas naquele pedaço de homem ardia um coração interesseiro, perdidamente ambicioso. Botou-se a trabalhar com desespero. Anos a fio correu-lhe a vida áspera, rochosa. Foi um lutar suadamente obscuro. E quanto mais passavam os anos, quanto mais homem ia se tornando, mais picavam a alma do chegadiço desejos aguilhoantes de subir. E era hábil, era sutil, era jeitoso o aventureirozinho.

No dia em que os holandeses caíram inopinadamente sobre Pernambuco, o rapaz enfiou-se pelos matos, aturdido, à espera de ver no que parava aquilo. Compreendeu, num relance, que os intrusos haviam ganho a cartada. Compreendeu também (nada mais lógico!) que o melhor partido era o partido dos flamengos. Não vacilou. Correu ao Recife, procurou os triunfadores, alistou-se logo entre os mais dedicados aos novos donos. Grande conhecedor da terra, muito astuto, energia de ferro, João Fernandes tornou-se em breve o homem necessário, o imprescindível, a mão direita dos invasores. Foi então, nessa hora, que a sua estrela cintilou claro. Jacob Stachouver, mercante em grosso, membro do Conselho Político, fez dele a pessoa de sua maior confiança. Entregou-lhe, com poderes absolutos, a administração de todos os seus teres. Desde aí, como por milagre, a fortuna sorriu-lhe com carinho. Foi escolhido para escabino. Tornou-se amigo de Nassau. Ficou íntimo no Palácio de Friburgo. Conseguia tudo o que queria. Enriqueceu singularmente.

Os da terra, os que o viram chegar humildezinho, roto, menino de açougue, ralavam-se de despeito. Formou-se contra ele uma atmosfera pejada de rancor. Antônio Cavalcanti, homem pobre, mas que blasonava de fidalgo, nunca se dignara apertar-lhe as mãos. Tratava-o com superioridades de moer. Dizia sempre, com esmagante desdém, ao ver os sucessos do madeirense:

---

<sup>8</sup> Lima Feiner, "O verdadeiro nome de João Fernandes Vieira".

<sup>9</sup> Alberto Lamego: "Papéis inéditos sobre Vieira", Rev. do Inst. Hist. Vol. 75. Moreau, Histoire des dernières troubles; "entr'outres estoit venu Johan Fernandes Vieira, MOLATE DE NAIS-SANCE, esclave affranchy, pourtant intelligent et subtil..." No Diário dum Holandês vem textualmente: die een hawe moor end bastard is...

<sup>10</sup> Racine, o grande trágico francês, diz ter sido apresentada a Luís XIV em nome de D. João IV uma memória onde há isto: "Le vice-roi de la baie de Tous-les-Saints gagua surtout à Pernambouc Jean-Fernandes Vieira, portugais, qui de simple GARÇON BOUCHER, s'étant mis a service des hollandois, s'étoit extrêmement enrichi, et qui avoit grand nombre d'esclaves sous lui, qu'il foisat travailler au sucre, etc." Oeuvres de Jean Racine, Edit. Lefèvre, 1835, pág. 388.

— Ora vejam! Vejam a que alturas anda o rapazinho que me trazia a carne de manhã!

João Fernandes sentia aquilo. E pensou logo em atenuar a dolorosa hostilidade com que o tratavam os homens de prol. Era rico. Era poderoso. Era alta personalidade. Nada mais fácil do que aproveitar-se da situação. Correu os olhos pelos habitantes de Recife. Examinou-os um a um, com faro e ronha. Fixou-se afinal, muito habilmente, em Francisco Berenger de Andrade. Juiz ordinário, pessoa das mais relevantes, senhor de apelidos ilustres, com larga parentela na cidade, Francisco Berenger era o homem talhado para João Fernandes. O madeirense, com desassombro, meteu mãos à obra. Procurou-o, cortejou-o, assediou-o de mimos. Um dia, no Recife, estourou esta notícia surpreendente: João Fernandes ficara noivo de D. Maria César, filha de Francisco Berenger de Andrade! Foi uma bomba.

Antônio Cavalcanti, ao saber da nova, sorriu com ferocidade:

— Ora aí está! Como subiu o menino do açougue...

Fez-se o casamento com pompa. Os parentes da noiva, que eram muitos e emproados, receberam de braços abertos o mimoso da fortuna. João Fernandes, o opulento senhor-d'engenho, ingressou desde então, vitoriosamente, entre as gentes afidalgadas do Recife.

Correu o tempo... O aventureiro ambicioso não ficou aí. Aquela antipatia de Antônio Cavalcanti apunhalava-o. Era necessário vencer o orgulho do pernambucano. Como? João Fernandes tinha dois cunhados. Antônio Cavalcanti, duas filhas. O jeitoso escabino chamou um dia o sogro:

— Por que Vosmecê não casa, Francisco Berenger, os seus filhos com as filhas de Cavalcanti?

Berenger olhou o genro, sacudiu a cabeça, suspirou:

— Já tenho pensado muita vez nessa aliança! Seria do meu agrado. Mas é difícil coisa, João Fernandes; muito difícil! Os rapazes nada têm. As moças nada têm. Como podem eles casar-se assim com as mãos abanando?

— Se é isso o que tolhe o Vosmecê, Francisco Berenger, não se aflija. Ajuste o casamento e não pense no dote. Eu darei para cada um dos seus filhos um engenho de moer.

— Um engenho?!

— Um engenho. Não se embarace, portanto. Ajuste o casamento.

Francisco Berenger falou com Antônio Cavalcanti. O orgulhoso pernambucano não podia recusar. Não havia ninguém, na província, mais nobre e mais reto do que Francisco Berenger de Andrade. Por isso, embora odiasse de morte o madeirense, Cavalcanti ajustou o casamento das filhas. Mas ajustou moído, o coração ralado.

João Fernandes, ao ver o êxito do seu golpe, sorriu. Havia vencido o seu último inimigo! Culminara em prestígio. Era o homem maior, mais rico, mais importante do Recife.

Naquela noite, dentro daquele rancho lúgubre, o madeirense discute agitada com Frei Manuel do Salvador. João Fernandes, há muito, não

pernoitava no seu belo Engenho da Várzea Propalava-se no Recife, à boca pequena, que o madeirense andava metido numa vaga conjuração. O ladino senhor-d'engenho, muito precavido, começou a dormir pelo mato, temeroso duma cilada.

Frei Manuel, no rancho, está a ferver:

— É demais, João Fernandes! É demais! A crueza chegou ao extremo. Não há ninguém, por mais cristão, que possa agüentar tanto enxovalho. Impossível! Isto então que acaba de suceder hoje, a decisão dos escabinos contra Manuel Filipe, isto é de estarrecer a gente. Enlouquece um homem!

Ali, à luz do candeeiro, punho cerrado, o frade põe-se a recordar impressionadoramente aquele caso berrante, uma das injustiças mais ruidosas dos flamengos:

— Vai um homem, homem honrado como Manuel Filipe, e topa um animal solto nas suas lavouras. Corre a Cidade Maurícia, dá parte aos escabinos, põe avisos por todo o canto. Não aparece ninguém! O pobre diabo, sem saber como desentalar-se, bota o macho de favor na pastaria de Vosmecê, não é verdade, João Fernandes?

— É!

— Eis que certo dia, por desgraça, Manuel Filipe, montando o macho, encontra com o taverneiro Snider no caminho. Pois sabe o que sucede? Mal avista o animal põe-se a urrar desaba1ado: Olhem o meu macho! Olhem o meu macho! Manuel Filipe apeia-se, corre ao berrador, repete-lhe a história do achado, prontifica-se ali mesmo a entregar a cavalgadura. Mas o flamengo emperra. Não quer só o animal; exige muito mais! Quer o pagamento do uso do macho, as duas patacas por dia, tim-tim por tim-tim, até aquela data! Manuel Filipe, furioso, emperra também em não pagar. E a coisa pegou fogo. Foram ambos aos escabinos. Principiou uma querela dos diabos. Uma roda viva! Mas, enfim, provou-se a coisa como a coisa era: tudo a favor de Manuel Felipe. Pois bem, apesar disso, os escabinos decidiram a demanda hoje, assim: foi Manuel Filipe condenado a pagar o preço inteiro do macho, mais as custas todas. e, ainda por cima — isto, sim! — a ser preso como ladrão! Vamos lá, meu amigo: pode haver acaso injustiça mais doída?<sup>11</sup>.

— Vosmecê tem razão, frei Manuel. É demais! Não há nunca razão para os da terra. É só pisar, é só extorquir. Estes belgas são uns lobos carniceiros.

— Diz muito bem, João Fernandes! Uns lobos carniceiros! Não sei se já existiu povo tão sangrento. Que raça! Vede esse bruto de Jacob Rabbi. Um europeu, homem civilizado, que teve o desbrío de casar com uma bugra, fazer-se chefe dos piores antropófagos do sertão. Um bárbaro que vive a aterrorizar a Província com a fama das suas selvagerias! É um monstro. Lembra-se do que ele fez a Antônio Baracho, aquele mancebo da Várzea do Capiberibe?

Fervilhante de ódio, lusitano até à medula, Frei Manuel desanda com ira:

— Não se contentou, o carniceiro, em condenar Baracho à morte. Morrer era coisa de somenos; carecia morrer com uma crueldade ainda não vista, a mais espantosa de que há memória em Pernambuco. Eu nem gosto de me lembrar. É

---

<sup>11</sup> Fernandes Gama, Memórias Históricas da Província de Pernambuco, fls. 118, apêndice.

tremendo! Ordenou o bruto que abrissem o homem vivo, que lhe rasgassem as carnes, que lhe despregassem as entranhas. E enquanto o miserável uivava, lancetado pelos pontacos do facão, o tigre enchia-lhe a barriga com um montão de brasas acesas. De brasas acesas, João Fernandes? Hein? Brasas acesas! Onde viu Vosmecê, em toda a sua vida, relato de façanha mais brutal? Onde?<sup>12</sup>.

João Fernandes ouvia, o cenho fechado, murmurando casmurro:

— É de arrepiar os pêlos! É mesmo de uma pessoa não acreditar.

E sacudindo a cabeça, desconsolado:

— Obra de hereges, frade. Obra de hereges!

— Ah, eis o ponto, exclama o religioso com grande vivacidade. Isso é que é tocar na chaga! Estes flamengos, aqui pelos brasis, outra coisa não fazem senão obra de hereges. Obra de huguenotes. Veja o próprio Maurício de Nassau. Começou tolerante. Permitiu a liberdade dos cultos. Mas terminou agora, forçado pelas ordens de Holanda, expulsando os padres, fechando as igrejas, proibindo até os sacramentos!

João Fernandes, homem calculista e frio, tortuoso parceiro dos holandeses, era, como português, um bom católico. Por isso, muito às escondidas, clamava contra as imposições religiosas:

— Que os belgas obriguem uma pessoa a falar flamengo, vá; que mandem vigorar na Capitania leis e usanças de Flandres, vá; tudo isso ainda passa. Mas trazerem para aqui a heresia! Obrigarem uma pessoa a ser protestante! Menoscabarem nossa Religião como eles menoscabam, ah, isto é, que remói o coração da gente!

— Tal qual, bradou o frade com fúria; tal qual! É isso também o que me rala. É ver esses renegados a ridicularizarem a nossa fé. Quando me lembro da tomada de Olinda, no desenfreio desses malditos, o sangue ainda me ferve nas veias! Que cães! Pilhavam tudo. Nem sequer se arrefeciam diante das igrejas. Metiam-se por elas a dentro, surrupiavam os adornos, esmigalhavam as imagens às espadeiradas, profanavam os cálices, carregavam as alfaias, os oiros, os candelabros, as lâmpadas, tudo! E ainda por cima, para escarnecerem, saíam à rua vestidos com os paramentos dos padres, e lá iam, como se fosse entrudo, emborrachar-se patuscamente nas tavernas! Que dia de juízo! Ah, o que os meus olhos viram...

João Fernandes, ao ouvir aquelas profanações, sentia calefrios arrepiarem-lhe os nervos. Mas o frade, com surda cólera, continuava incendido:

— Ah, João Fernandes, Vosmecê mal imagina o espinho que se me afinca no coração ao ver por aí, nas mãos de toda gente, esses livrinhos excomungados que os predicantes derramaram por toda a Capitania! É esse tal Católico Reformado, dum fuão Carrascon, cheio de todos os despropósitos de Lutero e de Calvino. Ah,

---

<sup>12</sup> Castrioto Lusitano.

meu amigo, o estrago que têm feito aquelas letras! Repare um pouco, João Fernandes, quanta gente, ao depois delas, é hoje da seita maldita...

— É certo, atalhou João Fernandes; é desgraçadamente muito certo. Simão do Vale, homem que parecia tão assentado, já ficou protestante; Baltasar da Fonseca, pessoa honrada, também já se bandeou para lá, e se bandeou com mulher, e com filhos, e com escravatura, e tudo! Até o padre Manuel de Moraes — um jesuíta! — teve o descoro de arrenegar a sua religião. Lá está agora nas suas lavouras, com a mulata Beatriz, a pregar a religião dos endemoniados...

— Manuel de Moraes... Grunhiu o frade entre dentes, que réprobo!

— Mas não foi só ele a pessoa de qualidade que deu exemplo, continuou João Fernandes. Houve tanta! E D. Ana Pais? Que diz Vosmecê de D. Ana Pais, Frei Manuel?

— Não me fale nessa dona, João Fernandes, tornou o frade com muxoxo de asco. É uma deslavada. É a mulher mais escandalosa de Pernambuco. Que cínica! Teve o descarro de se casar com protestante. Foi a primeira no Brasil! E nem só se casou com herege, como também (o que é o mais!) arrenegou publicamente a sua fé.

E Frei Manuel, juntando as mãos, exclamava raivoso:

— D. Ana Pais, a viúva de Pedro Correia, hoje mulher de Carlos Tournal! Ora veja! Quem haveria jamais de supor tal despejo?

— D. Ana Pais foi sempre assim, tornou João Fernandes; sempre desbragada, sempre espaventosa. Deu mais escândalos por aí do que aquela Clara Henriques, mulher meretriz, que tinha casa posta no Arrecife.

— É verdade, João Fernandes!. D. Ana foi sempre assim. Sempre descarada. No entanto — sabe Vosmecê? — não se pode dizer tais coisas ao pé dos flamengos. Essa mulher é hoje o ai-jesus dos hereges. É a mulher mais poderosa da Capitania. Consegue tudo. O Príncipe de Nassau nunca lhe disse um não. Nunca! Que fascínio... Aquilo é mulher perigosa, João Fernandes; mulher de feitiços; mulher de enlouquecer homens. Repare, ainda agora, essa trama contra Carlota Haringue. Essa laçada contra Rodrigo Mendanha. Vosmecê bem sabe, como toda gente, que andou naquilo a mão de gato de D. Ana...

— Não toque nessa ferida, Frei Manuel, aparteou Fernandes chocado. Foi isso, até hoje, o que mais me sangrou o coração. Uma cruzeza sem nome. Pobre Rodrigo! Mande-o à Bahia com cartas para André Vidal. Ainda não voltou. Ainda não sabe da desgraça. Mas quando voltar — isso há de ser mais hoje, mais amanhã o rapaz vai endoidecer. Ah, que bruteza, Frei Manuel! Que falta de coração! Esses belgas são uns monstros... Frei Manuel deu uns passos pelo aposento. Estava agitado. Fitou João Fernandes bem nos olhos. E exclamou enfim, cruzando os braços:

— Mas Vosmecê, Vosmecê, que está a presenciar tudo isto, quando se decide? Que é que o tolhe, João Fernandes? Por que Vosmecê não executa a traça combinada com André Vidal de Negreiros?

João Fernandes olhou o frade e sorriu. Mas Frei Manuel, sem notar a nuance escarninha daquele sorrir, pôs-se a acutilá-lo exaltadamente:

— Hoje, como Vosmecê sabe, é dia de glória para nós. Hoje Portugal é português. Hoje D. João IV está no trono. Hoje temos Rei, João Fernandes! Por quê não havemos de assentar hoje, definitivamente, a data de se romper o movimento? Que é o que a Vosmecê falta? Que é que o perreia? Vosmecê mesmo, Vosmecê

que aí está, já não é suspeito em Maurícia? Os seus inimigos à não andaram charamelando, abertamente, que Vosmecê conspirador? Vosmecê não anda já, para evitar ciladas, enfiado pelos matos, a dormir mim rancho destes, como bicho? Que é que Vosmecê espera em suma, João Fernandes, para atear fogo ao estupim?

João Fernandes ergueu-se. O seu olhar esbraseava. Na testa um vinco fundo, no lábio aquele mesmo sorriso mofador:

— Frade! Hoje é dia grande para nós. Concordo. Mas hoje, também, para nós é dia de muita lágrima!

— Que diz, João Fernandes? Interrompeu o padre fremindo; que diz Vosmecê aí tão despropositado?

— Não se espante, Frei Manuel, retorquiu João Fernandes acerbamente. Repito a Vosmecê com segurança: hoje, para nós, é dia de muita lágrima! Hoje é dia em que morreu, para sempre, a esperança de salvar Pernambuco das unhas dos hereges!

— Morreu a esperança de salvar Pernambuco? Vosmecê disse isso, João Fernandes?

O frade não podia crer no que ouvira. Olhava para o amigo, atoleimado. Mas João Fernandes retorquiu, impassível:

— Eu compreendo, Frei Manuel, compreendo muito bem o espanto de Vosmecê. Mas sossegue. Vou explicar tudo.

Chegou-se rente do religioso, botou-lhe a mão sobre os ombros, baixou ainda mais a voz:

— Lembra-se Frei Manuel da embaixada de Martim Ferreira e de Pedro Arenas? Por certo que sim. Lembra-se também daquele bastão de ouro, cravejado de pedras, que veio de presente ao Príncipe de Nassau, não é verdade? E ainda Vosmecê se lembra, por certo, daquela audiência secreta que houve entre o Príncipe e os embaixadores... Não se lembra?

— Lembro-me de tudo. E então?

— Hoje, continuou João Fernandes com uma voz onde vibrava rude sarcasmo, hoje, como é notório, veio de novo à Maurícia essa vistosa embaixada. E sabe o Frei Manuel, que hoje, no Palácio de Friburgo, o Príncipe de Nassau e João Lopes tiveram outra vez nova conferência política? Ora, meu frade, eu agora pergunto a Vosmecê: que é que significam tantos mimos e segredos entre Nassau e Montalvão? Vosmecê não desconfia de coisa alguma?

Frei Manuel não respondeu. Ouvia, olhava, abria a boca.

— Pois eu esclareço a Vosmecê. Escute, frade, escute e pasme.

Sacudindo forte os ombros do amigo, o olhar fuzilante, João Fernandes revelou esta coisa enorme:

— D. João IV acaba de oferecer ao Príncipe de Nassau, por meio dos seus embaixadores, que seja o Imperador destas províncias!

— Como?

— D. João IV acaba de oferecer a Maurício apenas isto: a coroa do Brasil holandês!

O pobre frade entonteceu. A alma desabou-lhe no chão. Era de assombrar! Mas João Fernandes bradou, bradou, vibrando, a voz áspera:

— Eis aí meu amigo, eis aí a razão única por que andam tantos primores e embaixadas entro o Príncipe e Montalvão. Essas idas e vindas têm um significado imenso! E é por isso, diante do que eu vi e sei, que digo agora a Vosmecê, sem temor de errar: o Príncipe de Nassau vai ser, dentro em breve, o Primeiro Imperador de Pernambuco!<sup>13</sup>.

Caiu pesado silêncio. As revelações de João Fernandes fulminaram. Aquilo, dito assim entre as paredes dum rancho, à luz fúnebre do candeeiro apavorava. Frei Manuel arregalava os olhos. Não sabia o que dizer. Afinal, depois de meditar, balbuciou:

— Vosmecê diz coisas espantosas, João Fernandes. Coisas de aterrorizar um homem! E como é que Vosmecê pode saber de novidades tão brutais?

João Fernandes encarou fito o religioso:

— Quanta vez já não confessei eu que me carteio em segredo com a Bahia? Demais — Vosmecê bem o sabe! — nos temos um grande amigo dentro da Cidade Maurícia. É um que vive no Palácio de Friburgo. É um que está na maior intimidade do Príncipe.

— Turlon...

— Turlon confirmou João Fernandes.

Calaram-se ambos. Entreolharam-se. João Fernandes enfim, com grande sarcasmo, sorrindo um sorriso astuto:

— Como, então, depois de tudo isso, depois destas tremendas coisas que acabo de revelar, havemos ainda de nos bater pelo Rei de Portugal? Como havemos de pegar em armas a favor de D. João IV? Não é o próprio D. João IV, em pessoa, quem traiçoa a sua causa?

Frei Manuel não respondeu. Fitava estupefato o madeirense. E João Fernandes, a voz áspero, bradou firme, absolutamente resolvido:

---

<sup>13</sup> Calado fls. 75: "Mandou Visorrey tratar com o côde de Nassao CERTO NEGOCIO DE GRANDE IMPORTÂNCIA DE MUITO PROVEITO E HONRA PARA O PRÍNCIPE E NÂO DE PEQUENO INTERESSE PARA O BRASIL E A COROA DE PORTUGAL; E COM UM LARGO OFFERECIMENTO (CUJO COMPRIMENTO LHE CERTIFICAVA SER INFALLIVEL) lhe mandou um bastão com uns remates de ouro. entresachados com pedras preciosas, peça de grande valor". Essa idéia de ser Maurício a dia o monarca do Brasil holandês, tomou vulto; pois os escabinos de Olinda, numa representação, diziam: "damos o parabem da pacificação do Estado, e esperamos que seja tão rendoso que nelle V. A. constitua UMA MONARCHIA PARTICULAR".

Tomaz Alves Nogueira, no seu estudo sobre a vida do Príncipe, conclui assim: "por lealdade à Companhia das índias Occidentaes e governo das Províncias Unidas, o príncipe de Nassau rejeitou o diadema que na Cidade Maurícia lhe destinavam os Portugueses e os Flamengos, diadema esse que o próprio D. João IV tinha em mente offerecer-lhe...".

— Não! Vosmecê não conte comigo. Não hei de ser eu, Frei Manuel, quem vá pegar em armas contra os holandeses... e contra o meu próprio Rei!

E tornou a sorrir o seu sorriso astuto, venenoso de ironia...

André Vidal de Negreiros

Frei Manuel sucumbira. A sua esperança radiosa, a que mais embalava os seus planos de ódio contra os flamengos, era João Fernandes. E aquela deserção do homem supremo, aquela deserção assim tão firme, tão categórica, fulminara-o como um raio. O bom religioso sentia a cabeça no ar, voando. E João Fernandes, diante dele, o gesto brusco, continuava a afirmar inabalável:

— Vosmecê, Frei Manuel não conte comigo! É loucura insurgir-se alguém contra os de Holanda. E loucura rematada! Quanto a mim, sabendo o que sei, digo-o claro, sem rodeios: não pego em armas para por D. João no trono. Jamais!

Frei Manuel pôs-se a andar dum lado para outro. Estava trêmulo, agitado. Afinal, depois de fundo silêncio, agarrou-se a esta última tábua de salvação:

— Vosmecê olha a questão dum lado só, João Fernandes. Não se trata apenas de pegar em armas a favor de D. JOÃO IV. Não! Trata-se, antes de tudo, mui principalmente, disto: expulsar os hereges da Capitania. varrer os huguenotes daqui. Fazer obra de cristão, João Fernandes, obra de bom católico; isto sim!

E estacando diante do madeirense, a voz maldosa, como para ferrotar-lhe o ânimo:

— É isso, pelo menos, o que pensa o vosso amigo André Vidal de Negreiros. É essa a ambição daquele cristão às direitas. E é bom que Vosmecê se lembre que André Vidal não é português. É brasileiro. É um bravo lho da Paraíba...<sup>14</sup>.

João Fernandes fixou o religioso com ar de mofa:

— André Vidal, Frei Manuel, é homem honrado. É, sem diminuição alguma, um soldado de brio que honra Brasil. Um bravo, como Vosmecê o disse, um bravíssimo paraibano. Não resta a menor dúvida. Mas, meu padre, o nosso André Vidal é ainda muito moço; é ainda muito sonhador. Não julgue que eu queira, com isso, apoucar os serviços dele. Longe de mim tal coisa. Sei muito bem tudo quanto tem feito o nosso belo amigo. É André Vidal a alma da rebelião. É quem agita, é quem sacode, é quem trabalha sem descanso. É ele, só ele, quem anda por aí às escondidas, de vila em vila, de engenho em engenho, insuflando, encorajando, agremiando. É o amigo de todos. É o traço de união entre todos. André Vidal, em suma, é a mola de tudo o que se vem tramando na sombra. É o grande conspirador! Mas nós, Frei Manuel, nós que temos juízo, não podemos acompanhá-lo assim afoitamente. Precisamos ser práticos. Encarar a coisa como a coisa é. Nada de

---

<sup>14</sup> Frei Calado, pág. 43: "o Capitão André Vidal de Negreiros, qual por seu valor, e esforço, e grande nome que grangeou por seu braço, veio a ser depois Tenente General; e Mestre de Campo; e S. Majestade ornou seu peito com a insígnia do habito de Christo, e o despachou com o cargo de governador do Maranhão e foi hua das Cabeças do movimento, não porque el Rey nosso senhor lho mandasse, as movido da caridade christã, zelo do amor da Patria, e desejo de ver o Brasil livre de Olãdeses e de tãtas falsas seitas e heresias...".

temeridades inúteis! Esta conjuração é empresa em que vamos arriscar a vida. Ora, diante dos fatos que revelei a Vosmecê, quem terá a coragem de arriscar a sua? Quem cometerá a doídice de se levantar contra o belga? Eu, por mim, repito a Vosmecê, decididamente: não conte comigo!

Frei Manuel ouviu a declaração ríspida. E num tom dolorido:

— Que se há de fazer? Que se há de fazer? Vejo que não há jeito de convencer o amigo em que eu mais confiava...

— Sim meu frade; as coisas estão muito turvas E eu já vivi muito; eu sei bem o que é o mundo. Por isso, Frei Manuel, só haveria um meio, um único, para me demover: é ter a certeza a mais absoluta de que o Rei de Portugal protegeria a nossa rebelião. Só assim, só com essa certeza, é que me abalançaria a empreitada tão crua. Fora disso, como já declarei, não conte Vosmecê comigo!

— Mas, Vosmecê, atalhou o religioso, não considera como certo o auxílio do Viso-Rei do Brasil? Não está seguro de que ele nos socorrerá com toda a casta de auxílios?

— Não é o bastante, tornou João Fernandes, meneando a cabeça, com aquele ar de quem conhece os homens. Isso é pouco. Para eu jogar a minha vida a tanto risco, já disse, só há um caminho. Um só: a palavra de El-Rei! A palavra de El-Rei em pessoa! Tudo o mais é baldado.

Frei Manuel desalentou-se. Olhou para Fernandes Vieira com um olhar murcho. Ah, como aquelas precauções esfriavam! Como aquilo sobretudo contrastava com os arrojados de André Vidal! Como eram diferentes os dois homens! E suspirando fundo, Frei Manuel desconsolado:

— Impossível o que Vosmecê deseja. Como havemos de obter aqui, no Brasil, a palavra de El-Rei? Impossível! Se Vosmecê se firma assim nessas disposições, então, meu amigo, adeus esperança de salvar Pernambuco! Está tudo perdido...

— Pois eu, continuou impassível João Fernandes, eu torno a confessar mais uma vez: sem a palavra do próprio D. João IV, não tenho coragem de me afoitar em negócio de tanto risco. Declaro abertamente a Vosmecê: tenho medo!

O padre deu uns passos pelo rancho, as mãos às costas, vencido. E comentou acerbamente:

— Razão tinha Frei Antônio Rosado, e muita quando gritava do púlpito aquelas palavras proféticas: De Olinda a Olanda não há mais que a mudança de um i em a; e esta vila de Olinda há de se mudar um dia em Olanda... Tinha razão o vê-lo frade! Olinda vai ficar Olanda. Está tudo perdido...

Ali, na quietude do rancho, Frei Manuel repetia funebremente, como um eco:

— Tudo perdido! Tudo perdido!

Caiu um silêncio imenso. Fora, a noite preta, noite de sertão, apavorante. Dentro, o candeeiro lúgubre, com o seu clarão avermelhado, fantástico.

Nisto, inexplicavelmente, estrídulo pio de nambu cortou de súbito o silêncio. Os dois homens estremeceram. Afiam o ouvido. Outro pio, bem nítido, tiniu ainda

mais próximo. João Fernandes e Frei Manuel trocaram um olhar coruscante. Estridulou terceiro pio, quase à porta.

— É gente nossa... Soprou afinal João Fernandes.

Passos abafados ouviram-se ao pé do rancho. Três fortes pancadas estrondaram à entrada. João Fernandes, o mosquete engatilhado, abriu a porta, dois vultos surgiram confusamente na treva. Entraram rápidos. No rancho, à luz do candeeiro, João Fernandes e Frei Manuel soltaram um brado. As exclamações de ambos esfuziaram entreveradas:

— Vosmecê, André Vidal?!

— Vosmecê, Frei Inácio?!

— Nós mesmos, bradou Vidal num alvoroço. Viemos da Bahia a todo o pano...

— A todo o pano? Pois acaso veio Vosmecê por mar?

— Por mar. No patacho de Salatiel Bermudes. Aportamos esta noite no costão da Barreta. Aportamos às ocultas, muito em segredo, só para virmos dizer uma palavra a Vosmecê, João Fernandes. Tornaremos ainda hoje para o barco. Amanhã, em pleno dia, queremos desembarcar na Cidade Maurícia.

— Em Maurícia? Vosmecê, André Vidal?

— Eu! E por que não? Por que é que Vosmecê se espanta assim? Não estamos então de pazes feitas? Agora tudo é amigo.

E depois de rir um riso folgazão, o desempenado guerrilheiro, com a sua larga simpatia, foi logo explicando ao que vinha:

— Senhores, não nos percamos em palavras inúteis. Escutem.

No rancho, diante da estupefação dos ouvintes, André Vidal começou, agitado e fremente:

— Hoje, pela nau de João Lopes, que veio com a embaixada de Montalvão, Vosmecês devem ter sabido, por certo, da aclamação de D. João IV. Ora, meus amigos, seria demasiado o discutirmos aqui o quanto há de grave nesse fato. Não discutamos, portanto; vamos ao essencial; ao prático.

Decisivo, a voz incitadora, André virou-se para o madeirense:

— Soou enfim a hora, João Fernandes, de acabarmos com essa peste de flamengos! Soou enfim a hora de expulsarmos daqui essa raça de cães!

O olhar de Frei Manuel cintilou. O religioso não pode se conter:

— Bravos, André Vidal! Bravíssimo!

Mas André Vidal atalhou-o com um gesto:

— Calma, frade, calma!

E tornando-se para João Fernandes:

— Não há momento mais propício para desencadearmos a revolta, João Fernandes. Os chefes todos acudirão ao primeiro toque de alarma. Todos os homens graves pegarão em armas. Todos os senhores d'engenho sairão a campo. Tudo está preparado. É darmos um grito: Pernambuco inteiro se levantará como um só homem! Henrique Dias, com os seus negros, será o primeiro a surgir por aí. Camarão, o índio, descerá do sertão com os seus bugres. Há de ser um movimento único, brutal. Só resta que Vosmecê João Fernandes queira conosco varrer da capital essa casta de réprobos! Só falta que Vosmecê meu amigo, encabece enfim a revolução contra os hereges...

João Fernandes ouviu aquele entusiasmo, aquele calor. Depois, com pausa, sorrindo o seu sorriso mordaz, retorquiu friamente:

Não precipitemos as coisas, André Vidal! Vamos com cautela. Vosmecê bem sabe que este negócio é negócio de vida e morte. E um negócio desses, em que cada um joga a vida, não se resolve assim precipitado. Deixe-nos de parte, André Vidal, esse rancor de Vosmecê aos hereges. Eu, apesar de católico, não me bato por causa de seitas...

— Vosmecê diz isso, João Fernandes?

— Não me bato, André. Para mim o principal, o único ponto, é coisa muitíssimo diferente. Por isso eu peço a Vosmecê, que vem da Bahia, me esclareça isto: às vistas das amizades entre Montalvão e o Príncipe, à vista de tantos primores e cortesias com que ambos se galanteiam, como receberá El-Rei a nossa revolução? Que dirá D. João IV destes vassallos tão atrevidos? Que dirá destes homens que querem ser mais realistas do que o próprio rei?

André Vidal sorriu:

— Tem razão, João Fernandes. Vosmecê é homem precatado! Mas não respondo eu, que venho apenas da Bahia; quem vai responder a Vosmecê é aqui o nosso Frei Inácio, que acaba de chegar do Reino...

— Do Reino, sim senhor, onde foi despachado Bispo de Angola...

— Vosmecê, Frei Inácio?

— Eu mesmo, respondeu Frei Inácio sem alteração nem espanto. Quis D. João IV agraciar-me com tão alta mercê. Mas isso não é o nosso assunto. O que me trouxe aqui, João Fernandes, foi dizer que venho do Reino para uma coisa única: falar com Vosmecê.

— Falar comigo, exclamou João Fernandes, admiradíssimo; Vosmecê veio do Reino ao Brasil para falar comigo, Frei Inácio?

— Com Vosmecê, João Fernandes! E a minha missão junto a Vosmecê é simples. Eu venho aqui tão somente para entregar a Vosmecê uma carta.

— Carta que envia El-Rei D. João IV...

— Que diz Vosmecê? Bradou João Fernandes, os olhos escancarados.

— El-Rei em pessoa!

Fernandes aturdiu-se. No seu desnorteio, o coração aos saltos, pôs-se a exclamar atabalhoadamente:

— El-Rei? Pois El-Rei me enviou uma carta? É isso, Frei Inácio? Uma carta?

Frei Inácio desabotoou a sotaina, esquadrinhou por dentro dela. Lá dum escuso bolso, cosido pelas pregas do hábito, arrancou um pergaminho vistosamente timbrado com as armas de El-Rei. E entregando-o a Fernandes Vieira:

— Vosmecê compreende, por certo, que há motivos superiores, certas razões de Estado, que obrigam D. João a se mostrar tão amigo de Holanda; que o obrigam a andar com tantos mimos e galantezas com Nassau. É uma tática de El-Rei. Tática bifronte não há negar. Mas é uma tática necessária. Coisas de política. — Vosmecê não se deixe impressionar por elas. Pois o D. João IV, o D. João verdadeiro, esse está inteiro nessa carta. Leia!

Emocionado, o respirar ansioso, João Fernandes, a luz avermelhada do candeeiro, leu a envaidecedora missiva. Era deste teor:

Eu El-rei, vos envio muito saudar. Sabendo bem o quanto sois vassalo fiel a Mim dedicado, assim como à glória e segurança deste Reino, o que já haveis mostrado pelas letras secretas que mandastes de Pernambuco ao Viso-rei Marquez de Montalvão, digo-vos que será de muito Meu agrado todo aquelle auxilio que fornecerdes, já com a vossa espada, já com a vossa fazenda, já com o vosso prestigio de homem também principal nesse Arrecife, à causa de Portugal contra Olanda. tudo quanto fizerdes desse lado, nem só terá a Minha Real aprovação, como também não será esquecido pela Minha Real munificência... Frei Ignácio, de viva vós, explicar-vos-ha a razão de certas amizades e dir-vos-ha das disposições do meu animo... Lisboa, dada no Terreiro do Paço, aos quatro de Fevereiro da 1643.

EL-REI.

João Fernandes leu. Leu e não se conteve. Aquela carta, aquele bispo-emissário, aquelas honras, aquela prova provada de El-Rei seria com ele, tudo aquilo, assim de chofre, sacolejou-o, incendiou-o, fez explodir nele a decisão suprema. Olhou para André Vidal, em cujos olhos lampejava uma alegria cálida, agarrou-lhe ambas as mãos, sacudiu-as, bradando num ímpeto:

— Aperte estas mãos, André Vidal! E aqui unidos para a vida e para a morte, juremos os dois, em nome de Cristo, que havemos de expulsar os belgas desta terra, custe o que custar!

Momento sério, patético. Houve um relâmpago de silêncio. Frei Manuel, a tremer de emoção, caiu de joelhos:

— Meu Deus e meu Senhor! Eu vos agradeço tamanha graça...

João Fernandes e André Vidal apertaram-se as mãos. E ambos, decididos e firmes, bradaram ao mesmo tempo:

— Juro!

Frei Inácio ergueu então o braço: e ali, no rancho, a luz soturna do candeeiro, o Bispo de Angola exclamou, com um gesto solene:

— Eu vos abençôo em nome do Padre, e do Filho, e do Espírito Santo<sup>15</sup>.

Gaspar Dias Ferreira

Tombaram pesadamente, uma por uma, as palavras sagradas daquela benção. Áspero calefrio arrepiara a todos. Aquele pacto, jurado no rancho pelos dois homens, tinha uma gravidade incomensurável. E o impressionante do quadro, aqueles frades de hábito, aqueles vultos soturnos à luz do candeeiro, tudo aquilo, em hora tão morta, como que tornava o juramento ainda mais grave.

Nisto, quebrando a cena, dentro do silêncio da mata, na noite preta, estridulou de novo súbito pio de nambu. Os homens entreolharam-se. Quem será? E logo, outro pio. E mais outro... André Vidal, o ouvido à escuta, murmurou abafadamente:

— Não se inquietem. Deve ser Rodrigo Mendanha...

João Fernandes e Frei Manuel estremeceram. Ambos romperam no mesmo assomo:

— Rodrigo Mendanha?

— Rodrigo Mendanha?

André Vidal, diante de tão atropeladas exclamações, tornou intrigado:

— Sim, Rodrigo Mendanha. Por que é que Vosmecês se mostram assim tão assustados? O rapaz saltou conosco no costão da Barreta. Depois seguiu direito ao engenho de João Fernandes...

Três pancadas fortes ecoaram à entrada do rancho. João Fernandes abriu a porta. Espiou. Era de fato Rodrigo Mendanha. O moço entrou. Dentro, à luz frouxa do candeeiro, os homens contemplaram-no com pasmo. Rodrigo vinha lívido, o aspecto estuporado. Mal podia falar de tão anelante.

André Vidal fitou-o, surpreso:

— Que há Rodrigo? Que é o que sucede?

O moço não deu tento as perguntas. Correu os olhos pelos vultos, avançou em direitura a João Fernandes, agarrou-lhe as mãos, apertou-as com violência:

— É certo, João Fernandes? É certo o que me contaram? Vosmecê diga, João Fernandes! Diga-me por esmola! É mesmo certo o que me contaram?

João Fernandes enterneceu-se. Abaixou os olhos.. Não teve ânimo de responder. Aquele cascadear de palavras, aquele fremir, toda aquela angústia, assim de chofre, confundiu-o, travou-lhe a língua. Mas, o rapaz, num desespero de cortar, virou-se atarantado para Frei Manuel:

---

<sup>15</sup> E' o próprio Fernandes Vieira quem diz no seu "Memorial": "A Majestade, que está em glória, por secretos avisos que me mandou, me ordenou que fizesse a guerra aos Olandeses

"Quem me trouxe os avisos foi um padre bento por nome Frei Inácio, eleito Bispo de Angola por esse serviço. Veio o Governador André Vidal de Negreiros trazer-me o mesmo aviso em companhia do frade bento. Todos traziam POR ESCRITO e mo mostraram, mas com ordem de tornarem o recolher para não serem achados". Vide Varnhagem, Luta contra os Hollandezes", a ffs. 168 e no 'apêndice" a ffs. 351 e 352.

— É certo, Frei Manuel? É mesmo certo? Diga, Frei Manuel!

Frei Manuel não teve por onde sair. Era duro, mas era preciso. Tomou as mãos do moço, e, apiedado, murmurou doridamente:

— É certo, Rodrigo. Desgraçadamente é certo. Roubaram-na, os ladrões!

Rodrigo soltou um uivo anavalhado, as lágrimas a rebentarem-lhe dos olhos. André Vidal, que via e ouvia sem compreender, interveio então, já trêmulo:

— Roubaram-na? Mas roubaram quem, Frei Manuel? Quem?

O religioso encarou o guerreiro. Que fazer? Confuso, a voz apagada, Frei Manuel balbuciou:

— Foram os flamengos que roubaram Carlota Haringue...

André Vidal estremeceu. Estremeceu dos pés a cabeça, sacolejado, como se um raio houvesse estrondado nele.

— Que é que Vosmecê diz aí, Frei Manuel? Carlota Haringue roubada? Roubada pelos flamengos? Vosmecê está louco, Frei Manuel! Isso é lã possível?

E tornando-se para João Fernandes, André Vidal interrogou-o com olhos chamejantes. João Fernandes murmurou apenas:

— Essa é a verdade, André. Essa é a dura desgraça!

Pobre André Vidal! Os olhos queriam saltar-lhe das órbitas. Grande emoção sufocava-o. Num açodamento, a alma crucificada, o paraibano desandou a crivar João Fernandes de perguntas:

— Mas como? Quando? De que jeito? Ah, João Fernandes, explique-nos tudo! Conte-nos tudo!

João Fernandes pormenorizou a desgraça. Contou a ordem dos escabinos, o pretexto para arrancarem a menina, a brutalidade de João Blaar, a desolação de D. Joana, tudo.

— Mas não houve argumento que servisse. Não houve lágrima que valesse. Tudo inútil! João Blaar arrastou a moca. Lá está em casa do tigre. E o pior, André Vidal, é que já lhe destinaram outro noivo...

André Vidal, a cabeça em fogo, devorava as palavras do amigo.

— Outro noivo, continuou João Fernandes; é o Alferes Segismundo Starke. Esse que vai partir amanhã para Cabedelo com o patacho de pólvora. Na volta dele, o casamento se realizará. Hoje, em casa de João Blaar, foi apenas a festa do noivado.

Rodrigo ouviu aquilo. O sangue latejou-lhe esbraseado nas veias. Rajadas de ira encrespavam-lhe a alma. Bradou com fúria:

— Juro a Vosmecê, João Fernandes, juro pelo sangue de Cristo que Carlota nunca será mulher de Segismundo Starke! Mato-o, João Fernandes! Mato-o como um cão...

André Vidal, um nó na garganta, andava dum lado para outro, num esbraseamento. E dizia só:

— É preciso salvá-la! É preciso salvá-la!

— É preciso salvá-la, concordava João Fernandes; salvá-la de qualquer jeito!

E cruzando os braços, num tom de desânimo:

— Mas como? Salvá-la como?

— André Vidal estacou, os nervos em desordem. Cólera surda rugia dentro dele. Fitou João Fernandes bem nos olhos; e rugiu:

— Quer saber como, João Fernandes? Amanhã, ao desembarcar em Maurícia, corro a casa de João Blaar. Entro, chamo o flamengo, digo-lhe cara a cara: "Vim aqui para buscar Carlota. Quero que me entreguem a moça. E que ma entreguem já". Ai, João Fernandes, ai do bruto se ma recusar... Transpasso-o com uma cutilada! Varo-o de lado a lado!

João Fernandes abanou a cabeça:

— Vosmecê perdeis o juízo, André? Que loucura é essa?

— Não é loucura, João Fernandes. É o que é. Varo-o de lado a lado!

— Vosmecê está a delirar, continuou João Fernandes, sisudo. Está a lançar palavras tontas. Pois não vê, meu amigo, que isso é a mais rematada estultícia que Vosmecê pode fazer? Que adianta essa proeza? Nada. Isso, André Vidal, isso é perder a ela e perder a Vosmecê. Nada mais. São duas desgraças em vez de uma.

André sentia a cabeça oca. Não podia refletir. Então, num arrebatamento, dirigiu-se agoniado para o frade:

— Oh, Frei Manuel, ajude-nos! Vosmecê, que é tão letrado, que é tão prudente, acuda-nos nesta desgraça! Que é que podemos fazer para salvá-la? Que é, Frei Manuel?

Frei Manuel, sem dizer palavra, escutara aquelas iras, aqueles desbragamentos, sorrindo de tanta irreflexão. Solicitado a dar o seu conselho, homem de manhas, o religioso foi como um raio de sol naquela angústia:

— Acalme-se um pouco, meu filho. Sossegue. Tudo se há de arrumar. É uma questão de jeito. Assente-se aí, André; ouça. E você também, Rodrigo, assente-se. Mas primeiro limpe os olhos. Basta de lágrimas. Vamos tratar de salvá-la. Isso sim! Tudo o mais é desespero inútil.

Caiu súbito silêncio. Os circunstantes cravaram olhos sôfregos em Frei Manuel. O religioso principiou:

— De nada valem esses bufos e arreganhos de Vosmecês. Matar, destripar, varar de lado a lado, tudo são bravatas que não resolvem coisa alguma. Bravatas, nada mais. Que é que Vosmecês desejam? Salvar Carlota. Qual o meio mais seguro de salvá-la? Uma ordem dos escabinos. Como obter essa ordem? Eis a questão. Matando? Destripando? Nada disso. Bem ao contrário: adoçando. Adoçando a mão dos escabinos, meus senhores! Adoçando com punhados de dobrões de ouro, ouviram? Com ouro, meus filhos! Só com ouro!

João Fernandes concordou sem hesitar. Era aquilo tal e qual! O frade continuou:

— Vosmecês sabem muito bem que a gente compra tudo na Cidade Maurícia: desde arenque de Holanda até consciência de escabino. Estes flamengos, meus amigos, são raça de marinheiros e piratas. Mais cruzado, menos cruzado, e tudo se arranja com eles. É ter faro e jeito. Ora, para o nosso caso, para comprar o livramento de Carlota, há um homem a calhar...

— Gaspar Dias Ferreira, atalhou João Fernandes.

— Gaspar Dias Ferreira! Ele mesmo... Confirmou Frei Manuel. Não há outro que se lhe compare. Vosmecês, que vivem longe de Maurícia, não podem imaginar as astúcias desse sujeito! Que raposão! Ora, escutem.

E Frei Manuel, diante daqueles homens, desenrolou coisas espantosas:

— Ninguém calcula o poderio de tal homem. É incrível! Em casa dele, todos os dias, há grossa chusma de gente do povo. Tudo a deslindar negócios emaranhados. E o certo é que o homenzinho deslinda todas as atrapalhadas. O tipo conseguiu, muito finoriamente, as boas graças dos holandeses. Foi ele o primeiro português que se meteu dentro dos muros dos belgas. Carregou para lá mulher e os filhos, aprendeu a língua flamenga, batizou-se na seita deles, virou huguenote e herege. Depois disso, como era patoteiro e ladino, desandou a atçar os de Holanda a praticarem toda a casta de trampolinagens. Não houve ladroíce que o sabujo não soprasse às orelhas dos flamengos; não houve rapina que não engendrasse para surrupiar a fazenda dos naturais. Aquilo era só abrir o bico, zás, lá se punha o holandês a executar a patota! Depois, portas a dentro, toca os ladrões a repartirem o bolo. Vosmecês bem conhecem a traça que ele maquinou, de parceria com o próprio Nassau, para abocanharem juntos, no ano passado, seiscentas caixas de açúcar alvo, do melhor; não é verdade?

— É verdade, confirmou João Fernandes aquilo foi grande fraqueza do Príncipe!

— Mas isso não é nada, prosseguiu Frei Manuel. A maquina de fazer dinheiro, e dinheirão grosso, não é essa. E outra. Imaginem que o biltre se mancomunou com os escabinos para que não despachassem petição, nem coisa que o valha, sem primeiro mandar os pleiteantes entenderem-se com ele, Gaspar Dias. E isso porque, conhecendo bem as posses da gente da terra, arrancaria de cada um, em dinheirinho contado, o quanto cada um pudesse pagar para ter o seu despacho favorável. Assim, com essa ronha, dizia ele, todos se abarrotariam de ouro... Dito e feito! A ratoeira pôs-se logo a funcionar.

— Que tratante! Exclamou Vidal.

— Pois desde então, continuou o frade, em Maurícia, para se conseguir qualquer coisa na justiça é tudo a poder de dobrões de ouro. É preciso encher bem cheia a goela do farsante. Sem isso, meus amigos, sem dinheiro e sonante, não há quem tenha razão em Pernambuco! O caso de Frei Estevão de Jesus é exemplo cru. Quando Maurício desagradou os palres, Frei Estevão, com seus noventa anos, embrenhou-se pelos matos, deixou crescer a barba, por aí viveu longos meses uma vida de bicho. Ao cabo, sentindo-se muito doente, correu a Gaspar Dias para que lhe alcançasse permissão de sair em público. Gaspar Dias dificultou tudo. Aquilo era negócio pesado, muito sério. Negócio até de força! Não se podia arranjar uma coisa daquelas, tão graves, assim com simples petição... O frade entendeu logo. Vasculhou o hábito, esquadrinhou não sei quantos bolsos, e enfim, com muita dor de coração, meteu nas mãos de Gaspar Dias trinta dobrões de ouro. Foi um milagre: em dois tempos veio a ordem assinada pelo escolteto!

— Quanto custou?

— Trinta dobrões de ouro. Ah, o homem é caro! Não julguem que ele se move por dá-cá-aquela-palha! Não vê! D. Jerônima Pimentel, como sabem Vosmecês, havia mandado surrar um escravo. O escravo, para se vingar, corre a Maurícia e conta aos escabinos que D. Jerônima havia dado pouso a uru bando de malfeitores portugueses. Calúnia deslavada. Calúnia de negro. Mas para os escabinos, quando eles querem perseguir, tudo é prova. Bastou naquele caso a palavra do escravo. Mandaram prender D. Jerônima, mãe de catorze filhos, e condenaram-na a morrer na forca! Todas as mulheres do Arrecife, apiedadas, foram ao Príncipe suplicar por D. Jerônima. O Príncipe perdoou. Mas sabem quanto custou? Noventa caixas de açúcar para Gaspar Dias...

— É incrível, Frei Manuel, murmuraram todos; é de pasmar a gente!

— Ah, meus amigos, eu repito ainda: em Maurícia tudo se compra. É só pagar a Gaspar Dias. O homem é caro, como eu já disse; mas é o único que desata os negócios embaraçados. Portanto, meu caro André, nesta abertura em que Vosmecês se encontram, não há que trepidar: e recorrer ao rábula, expor a queixa, e tratar o preço do negócio. Aquilo é um relâmpago. Com uma só palavra, Vosmecês verão, o homem lhes restitui Carlota.

João Fernandes concordou resolutamente:

— É isso mesmo! Gaspar Dias é o caminho; não há outro<sup>16</sup>.

Vão, portanto, tranqüilos, prosseguiu o frade. Amanhã, ao saltarem em Maurícia, procurem o amigo dos belgas. Liquidem esse negócio. É falar sem medo e sem rebuço. O raposão aceita tudo.

André Vidal, na sua desolação, murmurou apenas:

— Tem razão, Frei Manuel. A idéia é salvadora. Faremos o que Vosmecê nos aconselha. Amanhã cedo, mal desembarcados, havemos de procurar a Gaspar Dias. Todos concordaram. Frei Manuel chegou-se rente de André Vidal. Fitou-o. E perguntou firme:

---

<sup>16</sup> Tanto o "Valeroso" como o "Castrito" trazem com detalhes as proezas desse figurão. A Rev. do Inst. Arq. de Pern. reproduz várias cartas dele, o processo em que se naturalizou flamengo, a sentença que o condenou na Holanda, etc.

— Agora, meu amigo, diga-me um pouco: não suspeita você quem seja a mola dessa perfídia? Não suspeita quem seja esse grande inimigo que armou a Vosmecê tão crua cilada?

O olhar de André coruscou. Brusca onda de sangue incendiou-lhe o rosto. Os seus dentes rilharam.

— Suspeitar, Frei Manuel, não suspeito; tenho a certeza!  
— Vosmecê tem a certeza?  
— Tenho!

E com um rugido de ira:

— Foi D. Ana Pais!

Rodrigo Mendanha, ouvindo a frase, pulou:

— D. Ana Pais?  
— Sim, tornou Vidal; foi D. Ana Pais!  
— Padrinho, lembrou o rapaz assombrado, eu não compreendo esse emaranhado de coisas. D. Ana Pais foi a tecedeira de tudo? Vosmecê diz isso? Mas é incrível! Um mistério que aturde a gente!

André Vidal sossegou-o com um gesto:

— Não se atarante, Rodrigo. Eu explicarei tudo a você. Aqui, não. que precisamos partir. Mas no barco, esta noite, eu contarei a trama dessa história... É um romance!

E virando-se para João Fernandes:

— Nós nos vamos, João Fernandes. Mas fique Vosmecê avisado que ainda hoje, sem falta, deve aparecer aqui um homem. É um mensageiro da Bahia...

— Não compreendo.

— Sim; é um mensageiro da parte do Viso-Rei. Ele dirá a Vosmecê ao que vem. Agasalhe-o com cuidado. E amanhã, enquanto o barco estiver de querena, mande a Cidade Maurícia comprar as minhas mercâncias. Trago para Vosmecê, muito às escondidas, boa cópia de pólvora.

— Entendido, tornou João Fernandes. Mandarei ao barco. Mas também fique apazado, desde já, que Vosmecê irá ao meu engenho. Convidarei os nossos parceiros para uma ceia. Será bom que conversemos um pouco com os amigos... Não lhe parece?

— Nem há dúvida! Vosmecê pode preparar a ceia: irei ao engenho de Vosmecê encontrar-me com os nossos parceiros.

E os dois chefes, com um forte aperto de mão, separaram-se.

D. Ana Pais

O patacho de Salatiel Bermudes, orlado de crespos bigodões de espuma, corta rijo a ondada que rumoreja. Vento grosso e áspero guinchando pelo cordame

da enxárcia, retesa bojudamente o côncavo das velas. Tudo recolhido a bordo. Só o mestre de serviço faz o quarto...

Na popa, sob o pano breado que lhes serve de camarim, André Vidal e Rodrigo Mendanha são os únicos que ainda não dormiram. Conversavam. O moço, naquela inquietude que o esbraseia, assedia o guerrilheiro com um dardejar de perguntas ansíadas:

— D. Ana Pais? Mas como, padrinho? Como? Qual a razão para que essa dona se intrometesse na nossa vida?

O paraibano compreendia bem aquele desnorteio. Era natural. Como poderia Rodrigo jamais supor os liames que o acorrentavam à vida daquela estranha mulher? Impossível!

No silêncio do barco ao escachô balouçado das ondas, André Vidal começou a clarear aquele caso escuro.

— Não foi na nossa vida que ela se intrometeu, Rodrigo. Não! Foi na minha vida. Isso sim! Aquilo tudo, aquela bruteza contra Carlota, não foi para fazer mal a você. Aquilo foi para mim. Foi só para me machucar; foi só para amargar os meus dias. Quer você penetrar na razão disso? Pois ouça. É uma história comprida...

Rodrigo Mendanha, curioso, botou olhos ansiosos no guerrilheiro. André Vidal, com o seu falar pitorescamente brasileiro, principiou:

— Eu tinha nesse tempo vinte e cinco anos. Era um rapagão fogoso, muito estouvado, que andava pela campanha a fazer tropelias, preando holandês como quem prea bugre. Às vezes, no meio dessas correrias, vinha eu, às escondidas, até o engenho de D. Joana ver a minha boneca. Carlota era pequenita, muito reinadeira, falante como uma haitaca. E você, por esse tempo ainda não era gente; andava lá pela sua terra, pererecando, trepando pelos coqueiros, como um sagui. Eu vinha. Desembocava na estrada velha, tocava rumo de Dona Joana. Mas, cada vez que chegava na restinga, ali na curva do ribeirão, olhava comprido para aquele colosso de engenho que fica na lomba do morro, com roçaria de cana de todo o lado, ranchada de escravatura, a casa grande do açúcar, corre-corre de moagem. Uma boniteza... Era a "Casa Forte", como dizia o povo; era o engenho de D. Ana Pais. Vendo aquilo tudo, aquela grande soberba, logo me formigava na cabeça o disquedisque da terra. Por toda a parte ia uma fala só:

— D. Ana Pais? Credo! Eta, viúvinha dos diabos! Mulher levada é aquela. É do apá virado; credo!

Todo o mundo contava histórias. Bandão de coisas! Um dia, caminhando na estrada, ferroteou-me aqui dentro um comichão esquisito: tive vontade de conhecer D. Ana. Não custei muito a resolver. Virei a rédea, enfiei-me pela mangueira do engenho, apeei, subi a escada da varanda. A diaba apareceu... Nossa-Senhora! Era moça, beirava pelos vinte, morena, cinturinha fina, pisava leviano como um passarinho. Aquela mulher buliu comigo. Senti uma esporada aqui dentro. Mas, não dei mostras do que senti. Tirei o chapéu, cumprimentei. Logo, sem mais palavra, fui dizendo quem eu era. A moça abriu os olhos:

— André Vidal de Negreiros?

— Eu mesmo, dona. Não se atarante que eu não venho por mal; eu venho aqui só para conhecer a mulher de mais fama de Pernambuco!

Ela soltou uma risada gostosa. Achou graça no meu atrevimento. Principiou, então, a me agradar como louca. Fui tratado a vela de libra. Aquela mulher era mesmo uma tentação! Eu fiquei pelos beijos. Mas não disse palavra, despedi-me, toquei pelo mundo.

Ah, meu filho, há muita mandinga por essa terra de Deus! D. Ana para mim, deu-me de beber algum feitiço. Nunca mais pude me esquecer dela! Nunca! Cada vez que entrava em Pernambuco, ao frontear a restinga, era sempre um cochicho aqui dentro:

— Vá ver D. Ana! Vá ver D. Ana!

Eu ia. E cada vez, por meus pecados, o mesmo enfeitiçamento. D. Ana percebeu aquilo. Era eu surgir no engenho, logo aparecia ela muito enfeitada, vestido novo, flor no cabelo, um mundo de galantezas. Ah, Rodrigo, Você não sabe como tinha quebrantos aquela morena! E depois aqueles olhos... Dois olhos tão pretos, tão pretos, como ainda não vi outros de tanta pretura em Pernambuco. Era linda. Era mesmo linda, a bruxa! Eu fiquei perdido. Só pensava nela. D. Ana tornou-se a minha idéia de toda a hora. E ela... (veja um pouco), quando eu andava muito afundado pelo mato, sem aparecer, soltava o Bastião à minha procura... Você conhece o Bastião, não conhece?

— Conheço muito. É aquele preto mina, hoje escravo de João Blaar e carcereiro de Maurícia.

— Isso, exatamente. Pois o Bastião varava por esse mundo atrás de mim. Ao topar comigo (o negro sabia me farejar) levava sempre um recado de enlouquecer:

— D. Ana tá morrendo de sodade. É prá vancê i vê ela no engenho.

Eu recebia aquilo, o coração pulava, quase morria de gosto. Enchia a mão do negro com muito dobrão de ouro. E lá vinha a todo galope, feliz, estropiando cavalos pelo caminho. Um dia, depois de muita ida e vinda, estávamos os dois sozinhos na sala grande do engenho. Começava a anoitecer. A conversa parou. E nós, ouvindo um pio de jaó num pau da mangueira, olhávamos aquele lusco-fusco meio triste, que amolecia. De repente, eu nem sei como, D. Ana virou-se para mim, muito simplória:

— Então, André Vidal, quando é o nosso casamento?

Eu escutei aquilo, bambeeí, senti que o sangue fugia veias. Levantei-me tremendo:

— Que é que Vosmecê está dizendo, Dona Ana?!

Ela repetiu, muito dona de si, como se fosse coisa já falada e assente:

— Quando é que há de ser o nosso casamento, André Vidal?

Não pude mais, Rodrigo! Atirei-me a ela, agarrei D. Ana pela cintura, pus-me a beijar a diaba como um louco:

— É quando quiser, D. Ana! É quando quiser!

Ficamos justos de casar. Mas, combinou-se, também, que aquele ajuste ficava só entre nós, em segredo. Para que bulha? Eu não gostava dos flamengos; os flamengos não gostavam de mim. Melhor que ninguém soubesse do nosso apalavrado até que a coisa acabasse na igreja.

Mas D. Ana, daí em diante, principiou a me contar as suas amizades com os belgas. É que ela, desde esse tempo, já era pessoa lá de dentro. Não havia comida de gala no Palácio que Gaspar Dias não aparecesse:

— O Príncipe manda dizer que espera Vosmecê para cear em Friburgo.

D. Ana enfaceirava-se, vestia a seda mais vistosa, botava muito berloque, lá ia à festa, divertia-se a noite inteira. Quando eu aparecia, depois de muita canseira pelo sertão, era ela mesma que me contava o caso. Eu enfarruscava; aquilo me doía no coração. Mas era só noivo, não tinha poder, calava. D. Ana, porém, era fina; entendia bem o meu azedume:

— Olhe o ciumento! Não quer agora destripar algum flamengo por isso? Não quer, tapuia? Não quer, meu comedor de gente?

E vinha logo com tanta macieza, com tanto agrado, que a minha raiva inteira se apagava num momento. Eu nunca pude embravecer. Nunca! Ela arrumava tudo com tanto jeito... Era sempre assim:

— O Príncipe Maurício mandou-me de presente esta cadeia de ouro.

— De presente? Esta cadeia de ouro?

— Sim, senhor! No dia dos meus anos. Foi Gaspar Dias quem trouxe. Aposto que você, entocado lá pelo mato nem se lembrou do meu aniversário. Lembrou-se Vamos! Diga...

E ria, e passava a mão pelo meu cabelo, e me entontecia. Aquilo, aquela história de mimos, era ferrão de vespa para mim. Mas eu, vencido pelos agrados dela, comentava apenas:

— Este Gaspar Dias é um leva-e-traz...

Ela franzia a testa. Pulava a favor de Gaspar Dias. Gaspar Dias! Ah, era o ai-Jesus, o homem mais precioso da terra. E como esse tal sujeito sabia coisas! Nossa! Era por ele que D. Ana se enchia de todos os mexericos do Palácio de Friburgo. E a diaba, para me ferrotear os ouvidos, tinha sempre um desses mexericos debaixo da língua:

— Sabe. O Príncipe largou a Margarida Soler...

— Quem?

— Margarida Soler! Você não conhece? É a filha de Vicente Soler, aquele francês, predicante calvinista, que já foi frade agostinho. E calcule você quem é agora a felizarda! Uma coruja! É a filha do Sargento-Mor; a filha do Baía...<sup>17</sup>.

Eu detestava esse mexe-mexe. Que me importavam a mim os amores do Príncipe? Mas, D. Ana — que é que podia eu lá fazer? — dava a vida por essa intrighada. Tudo quanto cheirava a Nassau, tudo quanto vinha de Friburgo, bulia com ela.

Um dia, enfim, eu estava no sertão e resolvi descer para liquidar o meu casório. Vinha disposto a levar a mulher na garupa. Não queria mais saber de Pernambuco. Larguei o inato, toquei pelo estradão da Várzea, enfiei-me nas terras de D. Ana. Já tinha escurecido. A lua estava branqueando no céu, que era tempo de cheia. Na restinga, quando ia vadear o córrego, sem que menos esperasse, o Bastião pulou no meu caminho. Mal avistei o negro, fui eu gritando logo:

— Olá, Bastião!

O escravo pôs o dedo na boca:

— Quietos, sinhô! Quietos! Venha comigo aqui no mato.

Era esquisito. Mas eu fui. Segui o negro até o mato. Entramos por ele adentro. Ali, sem que ninguém nos avistasse, o Bastião revelou-me coisas espantosas. Começou assim:

— Eu sou mina agradecido, sinhô. Não esqueço nunca da ourada que Vancê já me botô na mão. É por isso que eu quero sarvá vancê!

— Salvar? Hom'essa! Que há, Bastião?

— Vai escuitando... Hoje estive no engenho a disca do Gaspar Dias. Eta, homem ruim! Aquilo é ruim como a cobra. No dia que o peste vem aí, eu sei muito bem que há coisa grossa. É perciso que Vancê também saiba. Por via disso — escuite o meu aviso — Vancê não chegue hoje no engenho. Se esconda aqui no mato. Espere a noite crescê bem. Mais tarde, na hora que a lua subi p'ra riba daquela masaranduva, Vancê tem de avistá um cavaleiro galopeando pela estrada. Siga o tar...

— Um cavaleiro, Bastião? Mas quem é? Que história é essa?

— Siga o tar, sinhô... Depois nós conversa. Eu fico aqui no mato, com Vancê, até a hora do cavaleiro chegá.

O jeito com que o Bastião dizia as coisas, o olhar dele, a voz que falava firme, e, além do mais, aquele mistério, aquele romance, atçou em mim um não sei quê, uma cócega de deslindar essa coisa escura.

— Está bem, Bastião; eu fico.

E fiquei. O negro acorrou-se numa raiz de pitombeira; eu não apeei do cavalo. Principiamos a esperar. Nenhum tugia, o ouvido à escuta. Dentro de mim andava um formigueiro. Eu sentia, cada vez mais, um comichão, uma ânsia esquisita

---

<sup>17</sup> Frei Calado: "O Cõde despresou o amor de Margarida Soler, filha de Vicente Soler, o qual avendo sido frade Augustinho, tinha fugido da religião; e dito Cõde acomoudou-se com uma filha do Sargento-Mór Baia.. etc ".

por ver no que dava aquilo. E o tempo corria. E nada de ruído. Havia em tudo um silêncio pesado. Aquela espera começou então a me enfiar. Fiquei arrependido de ter seguido o escravo. Quis ir-me embora. Mas o Bastião, sempre firme, cochichou da pitombeira:

— Mais um tico, sinhô! Não se afoite. Mais um tiquinho só...

Tinha razão e bandido do negro! De repente, na quieteza da estrada, estrondeou um pateado de cavalo. O sangue ferveu-me nas veias. Quem será? E logo, a galope, passou no caminho um cavaleiro. Ia como o vento. Como a lua era cheia, eu pude distinguir claramente um cavalo tordilho, chato; o vulto, esse trazia um sombrero largo, vinha muito embuçado numa capa negra. Eu vi aquilo. Virei-me aflito para o Bastião:

— Vancê atore aqui pelo mate, desemboque no carreadôzinho, fique de tocaia na ponte. Eu puxo e cavalo pela estrada. Assussegue que o Bastião vai batê lá.

Sempre tive fama de bom mateiro. Aquela mataria então, ali pela redondeza, conhecia eu a palmo. Saí como um louco, enredei pelo maranhado das árvores, corri desabalado. Alcancei a ponte. Quando me agachei debaixo dela, atrás do pilar grande o tordilho varou a ponte num trote largado. Espiei. Do meu esconderijo avistava-se muito bem a Cidade Maurícia. O cavaleiro passou como uma flecha, meteu-se pelos coqueiros de Friburgo, chegou rente à porta do palácio. Brilhou luz lá dentro. A porta abriu-se. O vulto sumiu...

Eu fiquei aturdido. Diabo! Quem será? Não podia entender aquela trapalhada. Esperei. Não tardou muito o Bastião surgiu, trazendo o animal:

— Viu, sinhô?

— Vi. O vulto entrou no Palácio...

O negro arreganhando a dentuça branca, riu:

— Agora amunte outra vez no cavalo e fique de tocaia na estrada. Na hora que o bicho vortá, trate de conhecê...

Disse aquilo, tornou a rir, abalou para o engenho. Eu montei, ralado. Atravessei a ponte, dei na estrada, entrei num capão de mato que sombreava o caminho. Parei aí moído, azedando mil coisas. Esperei um tempão. Quase de manhã escutei de novo um trote. Olhei: era o tordilho; era o vulto embuçado na capa. Estremeci! O meu coração pulava. Forte zoeira esfumou minha cabeça. Mas fiz um esforço desesperado, juntei todo o meu ânimo. E não houve mais história: quando o vulto entrou no capão — zum! Finquei o meu cavalo no cavalo dele. Foi um choque bruto! O cavaleiro berrou, espavorido. E eu, com o cabo do chicote, fiz voar longe o sombrero do tal. Quando o sombrero tombou, eu, com um uivo de cólera, reconheci o cavaleiro...

— D. Ana Pais!

Ela na mesma hora, estuporada:

— André Vidal!

O meu braço caiu. Senti a cabeça oca. Estava fora de mim. Não tive coragem de abrir a boca de tão apalermado. Enterrei às tontas a espora no cavalo. O animal partiu a esmo, rédea bamba. Mas não havia ainda distanciado vinte passos que já senti um galope atrás de mim. Virei bruscamente a cabeça. Era D. Ana! Ela saltou em terra, ajoelhou-se, chorando com desespero:

— André Vidal! André Vidal!

O sangue ferveu-me. Senti dentro de mim uma ira surda. Tive vontade de esmagá-la... Ela continuava, as mãos postas, chorando:

— André Vidal! André Vidal!

Eu não me contive. E fui brutal. Fui um monstro. Ergui o chicote no ar: e ali, na estrada, com a dor do ciúme no coração, eu, num assomo de louco, cortei a cara de D. Ana com um chicotada...

A mulher ergueu-se, trêmula;

— Bandido!

Soltei uma gargalhada. Gargalhada feroz, saída da alma. Ela, mordendo o lábio, branca, o punho cerrado:

— Bandido! Bandido!

Esporeei o cavalo. Deixei a mulher chorando no caminho. Toquei por esse mundo de Deus afora. Nunca mais a vi... Nunca mais!

Rodrigo Mendanha, boquiaberto, escutava o incrível romance. Aquela história pasmara-o. Ao mesmo tempo, desvendara-lhe o mistério. Não pôde mais se conter:

— Compreendo, padrinho! Compreendo agora tudo! Foi D. Ana, para se vingar, quem roubou Carlota.

— Não há dúvida, Rodrigo. Foi D. Ana. E veja que mulher! Veja como ela soube descobrir o ponto dolorido para me cravar o punhal...

Caiu entre ambos grande silêncio. O patacho, com os seus bigodões de espuma, furava a ondada corcovante. Só o vento, entesando as velas, ainda zunia pelo cordame. André Vidal, depois de longa pausa, tornou-se para Rodrigo:

— Mas agora é preciso rematar essa história. O caso de D. Ana não pára aí; vai mais longe. Pelo Bastião é que soube do resto. A coisa foi estourar no Palácio de Nassau.

André Vidal, ainda naquela noite, pormenorizou a famosa intriga que se desenrolara nos bastidores de Friburgo.

A Intriga

Nessa manhã, com o rosto lanhado, D. Ana correu chamejante à casa de Gaspar Dias. O velho raposa, mal a viu surgir, rompeu em grandes exclamações de espanto:

— Que é isso, D. Ana? Vosmecê, assim! Que significa esse vergão na cara?

D. Ana, abrindo a alma, soltou a torrente de ódio que borbulhava nela. Contou a história inteira. Contou-a com espumejante ira. Gaspar Dias ouviu assombrado, Coçou a barbicha, sacudiu a cabeça:

— Foi o diabo!

— Veja que infâmia, bradava D. Ana. Uma chicotada! E agora, o pior é que o bruto vai sair por aí a desmoralizar-me. Imagine, Gaspar Dias, se se espalha pela Província a notícia do que se passou esta noite! Que escândalo!

— Foi o diabo, repetia Gaspar Dias, murcho. Foi mesmo o diabo! E que alma do inferno teria sido o leva-e-traz?

— Ah, bradou D. Ana, convicta: foi o Bastião!

— O negro?

— O nego! Aquilo é caco. Aquilo é negro na cor e negro na alma. Um intrigante da pior laia. Não há ninguém tão vil. É o escravo mais peçonhento de Pernambuco. Lá o deixei no engenho, amarrado, com o feitor a esbordoá-lo. Há de ficar em carne viva!

— É uma barbaridade inútil. Não adianta coisa alguma, tornou Gaspar Dias. O grave, o melindroso, e resolver a situação do Vosmecê. Que é que pensa fazer, D. Ana?

A pernambucana fitou o fuinha. E com decisão

— Arranjar outro noivo e casar-me!

— Casar?

— Casar-me, sim, senhor! Casar-me já, casar-me hoje se fosse possível. É o único jeito de remediar um pouco a minha reputação.

Os olhos de Gaspar Dias fuzilaram. Lampejou-lhe no cérebro uma idéia salvadora. Ergueu-se, fitou D. Ana, exclamou firme:

— Vosmecê quer casar? É isso, realmente, o que Vosmecê quer?

— É! Mas quero uma coisa rápida, bem às pressas, antes que arrebente o escândalo por aí.

— Pois deixe o caso por minha conta, exclamou Gaspar Dias. A minha fé, D. Ana, que hoje sem mais tardança, Vosmecê vai ficar noiva!

E o trapaceiro, como quem tem na cabeça um plano luminoso, bradou exultante:

— Ah, vai ser um choque! Uma bomba!

D. Ana olhava-o com pasmo. Quase não acreditava:

— Vosmecê fala sério, Gaspar Dias?

— Já disse, D. Ana, e repito agora: hoje Vosmecê vai ficar noiva! Empenho a minha palavra. Fique portanto sossegada! Vou, neste instante mesmo, ao Palácio de Friburgo falar ao Príncipe...

— Ao Príncipe?

— Sim. Esta manhã, no Palácio, houve terríveis complicações. Vosmecê não sabe? Complicações políticas, muito graves. Eu penso em aproveitar-me delas para consertar o caso de Vosmecê. Há males que vêm para bem...

E saiu.

O Palácio de Friburgo, nesse dia, alarmara-se medonhamente. É que explodira lá um incidente violento entre o Príncipe de Nassau e o famoso polaco Arcisiewsky<sup>18</sup>.

Este Arcisiewsky, oficial valentíssimo, havia, anos antes, militado com grande galhardia no Brasil. Fora ele que derrotara e matara, num combate memorável, a Dom Luís de Rojas y Borjas, o célebre general castelhano. Fora ele que arrasara, em Porto Calvo, o Conde de Bagnuolo, aquele medíocre italiano que sofria de gota e assistia aos combates esparramado numa cadeira-d'espaldar. Tornando aos Estados, depois dos seus triunfos, lá viera o polaco na maior intimidade com os membros do Conselho dos Dezenove. Tamanha foi a confiança angariada em Haia, que os Altos Senhores o mandaram de novo para o Brasil, ao tempo de Nassau, com ordens secretas de vigiar tudo o que se passava aqui. O Príncipe sentiu logo o espião. Entre ambos, instintivamente, surgiu funda odiosidade. Não se toleraram jamais. Odiavam-se. E nessa manhã, por acaso, viera à tona o escândalo. Maurício, graças a um criado de Arcisiewsky, tivera entre suas mãos, vira com os seus próprios olhos, certa carta do polaco, carta tremendíssima, em que o venenoso oficial denunciava aos Estados caluniosamente, coisas pavorosas sobre a administração do Príncipe. Nassau não pôde reprimir-se. Mandou reunir às pressas o Supremo Conselho. E, numa sessão espaventosa, presentes todos os membros, exigiu violentamente a demissão do espia e a sua deportação imediata para a Europa. O Conselho, nessa sessão, demitiu e deportou Arcisiewsky<sup>19</sup>.

Não podia haver, na pacateza da Cidade Maurícia, incidente mais reboante. E eis por que, naquela manhã, os corredores de Friburgo borborinhavam de gente. Gaspar Dias, íntimo no Palácio, varou familiarmente por eles. Fez-se anunciar ao Príncipe. Não se esqueceu de frisar ao camareiro:

— Diga que é negócio urgente.

Maurício mandou logo que o amigo entrasse. No salão, mal o avistou, a sós os dois:

— Que há?

Gaspar Dias abriu os braços espetaculosamente:

— D. Ana Pais foi espancada!

— Quê?

---

<sup>18</sup> Arcisiewsky é aquele que os cronistas portugueses da época chamavam de Artichoffe e outros Artichofsky.

<sup>19</sup> Netseher, Les Hollendeis au Brésil: "O Conselho ordenou que Arcisiewsky partisse para Holanda...".

— Sim, Príncipe! Imagine Vossa Alteza que esta madrugada, ao sair aqui do Palácio...

Gaspar Dias narrou a aventura incrível. Contou com todos os detalhes, bem picturalmente, o encontro no capão de mato, a monstruosa brutalidade de André Vidal, o desespero justíssimo de D. Ana, toda a ânsia da pobre dona por salvaguardar agora a sua reputação.

Longo tempo trancados no salão os dois homens conversaram secretamente. Que é que planejaram? Ninguém o soube. Apenas, ao partir, o perigosíssimo velhaco rematou a conversa assim:

— Vou procurá-lo lá.

E o Príncipe numa agitação:

— Vá. Vá e prometa tudo!

Meia hora depois, na Fortaleza Ernesto, Gaspar Dias fechava-se numa câmara com Carlos Turlon. Ruidoso, batendo-lhe forte no ombro, o espertalhão dizia com efusão:

— Caiu a fortuna em casa de Vosmecê, Carlos Turlon!

— Pois é de espantar, Gaspar Dias! Há tanto que estou no Brasil e sou o mais desafortunado dos que cá vieram. Todos os meus companheiros já subiram. Só eu, como Vosmecê sabe, ainda estou aqui, oficialzinho à espera de posição...

— Mas, hoje, enfim, chegou a sua vez! Fique certo, Carlos Turlon, que a fortuna sorri agora a Vosmecê como ainda não sorriu a ninguém.

E ali, sem mais exórdio, propôs-lhe de chofre:

— Vosmecê quer ser Secretário do Governo?

— Sim, senhor: Secretário do Governo e Comandante da Guarda!

Carlos Turlon ergueu-se dum salto:

— Vosmecê está a gracejar, Gaspar Dias?

— Não gracejo! É o que digo: Secretário e Comandante...

Surpreso, sem atinar com a razão de tão bondosos oferecimentos, o pobre moço mal pôde balbuciar:

— E Teodósio Hoogstraten?

Nada mais natural do que aquela pergunta. O lugar de Secretário e Comandante, toda a gente o sabia, estava destinado a Teodósio Hoogstraten. Soldado velho, tendo feito toda a guerra, o flamengo merecia a alta recompensa. Estava tudo assente. O próprio Maurício falava nisso como coisa decidida. Ora, diante de resolução tão notória, era de embasbacar a proposta de Gaspar Dias. Era, realmente, de uma pessoa não acreditar. Mas o valido do Príncipe desvendou logo aquele mistério:

— Vosmecê sabe que Arcisiewsky foi demitido. Demitido por falso e por traidor. Ora, como é público, Teodósio Hoogstraten é amigo íntimo do polaco; e todos os amigos do traidor, neste momento, são suspeitos em Friburgo. É impossível, portanto, nomear Hoogstraten para cargo de tanta confiança.

Foi só então que Tournalon compreendeu. As desinteligências entre o Príncipe e Arcisiewsky engendraram a situação imprevista. E dessa situação desse acaso, resultou a felicidade que lhe entrava pela porta a dentro. E aquilo era a sua ventura! Era a realização das suas ambições!

Mas, Gaspar Dias não ficou ai. Continuou numa efervescência:

— Não é só isso, Carlos Tournalon; eu trago a Vosmecê ainda mais! Eu trago a riqueza...

O rapaz agarrou com força em Gaspar Dias:

— Como?

— Sim, meu rapaz, a riqueza!

O raposão, piscando os olhos, perguntou espertalhonamente:

— Diga-me aqui, Carlos Tournalon, muito entre nós: qual a dona mais bela e mais rica de Pernambuco? Tournalon não pestanejou:

— É D. Ana Pais.

— Exatamente! É D. Ana Pais. Ora, meu amigo, eu pergunto agora: por quê é que Vosmecê não se casa com D. Ana?

— Eu?

— Vosmecê!

O oficial abriu-se numa risada:

— Vosmecê enlouqueceu, Gaspar Dias! Que despropósito tão grande é esse? Quem sou eu para pensar num casamento dessa altura?

Gaspar Dias iluminou-se. Havia lançado, com um anzol de ouro, a isca tentadora. Sentou-se, tomou ares paternais, e começou amigo:

— Ora, escute.

E discorreu avelhacadamente, muito arguto, com grandes habilidades convincentes. Era história fácil, não há dúvida, o conquistar naquele instante o coração do moço. Gaspar Dias, sutil e finório, venceu-o num abrir e fechar d'olhos.

Nesse mesmo dia, com o assombro de toda a gente, estrondou em Pernambuco a notícia incrível: Carlos Tournalon, o flamengo e herege, ficara noivo de D. Ana Pais! Ficara noivo da viúva de Pedro Correia da Silva, a mulher mais formosa e mais rica da Província!

Nessa semana, não haviam ainda serenado os espantos a famosa pernambucana fazia-se protestante, batizava-se em público na seita herética, e, entre pompas e espaventos, bem acintosamente, casava-se com Tournalon. No dia das núpcias, para coroa dessa felicidade, o Príncipe de Nassau, despejadamente,

escandalosamente, agraciava o noivo com a nomeação de Secretário do Governo e Comandante da Guarda. A boa fortuna, de fato, bafejava às escâncaras o oficialzinho Turlon... Hoogstraten encolerizou-se. Aquilo foi um espinho na sua vaidade. Desde então, muito em segredo, andou por ali a escafunchar coisas, a arrebanhar toda a espécie de acusações contra Maurício. Documentou tudo, escreveu cartas, mandou vasta papelada para a Holanda.

No engenho de D. Ana, enquanto isso, enquanto o despeitado Hoogstraten enredava, ia bonançosa a lua de mel. Carlos Turlon embebedava-se de felicidade. A vida corria-lhe branda e fácil. Era o homem mais ditoso de Pernambuco.

Mas, essa ventura durou pouco. Um dia, errático e despreocupado, trotava o Capitão a cavalo pelas cercanias do engenho. Eis que alguém, inopinadamente, salta na estrada diante dele. Era o Bastião.

O negro descobriu-se. E postando-se rente do cavaleiro, perguntou com humildade:

— O sinhô me conhece?

Carlos Turlon lixou-o. E depois de examiná-lo com atenção:

— Conheço. Você é o escravo de João Blaar; é o carcereiro da Fortaleza.

— Isso mesmo, sinhô. Mas primeiro, antes de sê escravo de João, Blaar, fui negro de D. Ana. Saí de lá quando Vancê casô. Saí por causa de Vancê.

— Saiu de lá por minha causa? Que coisa está você a disparatar?

— Eu conto tudo, sinhô. Vancê escuite! D. Ana, querendo se vê livre de mim, me vendeu p'ra João Blaar. Sabe Vancê por que D. Ana me vendeu? Só de medo que eu contasse p'ra Vancê tudo o que eu sei....

— Tudo o que você sabe? Que diabo é isso?

Turlon intrigou-se. Aquilo fez-lhe cócegas na curiosidade. Começou a dar trela ao negro.

— Pois conte lá o que você sabe, Bastião!

Ah, não foi preciso muita insistência. O enredeiro, com perversidade, desenrolou tudo. Contou com minúcias, bem maldosamente, as famosas aventuras de D. Ana com o Príncipe. Contou o noivado de André Vidal. Contou a chicotada na cara.

Turlon, ouvindo o escravo, empalidecia. Aquelas torpezas, narradas por um negro, entre risinhos de mofa, arrasaram-no. Compreendeu, moído, o papel ridículo que representara. Aquilo foi dura navalhada no seu amor próprio. Contudo não deixou escapar palavra alguma. Apenas, ao fim da narrativa, tomando um dobrão de ouro, passou ao negro:

— Pegue lá! Mas tome bem tento: se alguém no Arrecife souber dessas coisas, você vai parar na forca. Veja lá!

— Fique sussegado, sinhô!

A felicidade de Turlon, nesse instante, ruiu por terra. Começou desde então a odiar a mulher, a odiar Gaspar Das, a odiar ferozmente o Príncipe de Nassau. Dentro dele, acutilando-o, rugiam bravios desejos de vingança. Como fazer para desafogar-se? Uniu-se a João Fernandes. Fez-se íntimo do madeirense. Por isso mesmo, nessa intimidade, revelava-lhe tudo o que se passava no Palácio de

Friburgo. Penetrou no segredo da revolução que os pernambucanos urdiam. Assoprava-a, incitava-a. E não ficou Pôs-se, como Hoogstraten, a mandar para a Holanda acusações terríveis contra Maurício.

O Príncipe de Nassau, dentro do belo Palácio de Friburgo, governava sem arrepios os seus domínios. Mal sonhava, porém, que, na treva minando-lhe a reputação, corroendo-lhe o prestígio, andavam três inimigos de morte: Arcisiewsky, na Holanda, a atizar os membros do Conselho dos Dezenove; aqui, fortalecendo a intriga, Carlos Turlon e Teodósio Hoogstraten a forjarem delações venenosíssimas.

O palácio de Friburgo

A "Casa da Justiça" era rente do Palácio de Friburgo, dela, naquele dia, estavam os escabinos em câmara.

Paulo Damas, o escolteto, abancara-se na sege de espaldar. Em torno dele, junto à mesa inundada de papéis, sentavam-se os outros juizes.

Eram nove os escabinos. Quatro flamengos, quatro da terra, um presidente. O presidente, por força de estatuto, devia ser de Holanda. Resultava disso que os da terra não compareciam às sessões. Era inútil tal comparecimento. O voto deles de nada valia: arrasava-o a superioridade numérica dos outros. Daí, dessa abstenção, vinha a soberania absoluta dos conquistadores, esse predomínio incontrastável que gozavam em resolver irrecorrivelmente todas as questões. Justiça, se é que jamais houve Justiça nesses escusos tempos, atamancavam-se os belgas como bem queriam. Do lado em que desse o vento, ai era.

Nesse dia, nessa sessão, iam os escabinos julgar quatro soldados portugueses, suspeitos de haverem matado uma rês na campanha. João Blaar, o facínora, bradava alto:

— São quatro grandíssimos bandidos! Foram eles os que roubaram a rês de Ippo Ceulen. Roubaram e carnearam. A ossada ainda está na Várzea do Capiberibe. Portanto, senhores, nada de meias medidas com tal canalha. É força, senhores! É força; e força sem dó!

Frei Manuel pediu licença para defendê-los. Paulo Damas assentiu. O religioso levantou-se. Fez-se súbito silêncio.

Nisto, à entrada do salão, ecoou áspero rumor de passos. Uni quase tumulto. Todos voltaram-se rápidos. Gaspar Dias, arregalando os olhos, não pôde conter esta exclamação fragorosa:

— André Vidal de Negreiros!

Era de fato André Vidal. O paraibano surgiu acompanhado de Rodrigo Mendanha. Todos olharam com respeito aquele belo guerrilheiro, homem garboso, moreno e guapo, que era o mais audacioso dos inimigos de Holanda.

Gaspar Dias, alvoroçado e acolhedor, os braços abertos, precipitou-se para recebê-lo:

— Deus salve e guarde a Vosmecê, André Vidal!

— E a Vosmecê, tornou o soldado: que Deus salve e guarde, Gaspar Dias!

Paulo Damas, erguendo-se, saudou o paraibano com reverencioso aceno de cabeça. Os escabinos cumprimentaram-no também com polida mesura. Gaspar Dias, maneiroso e afável, foi logo dizendo:

— Já soube que Vosmecê chegou pelo patacho de Salatiel Bermudes. Contou-me o Príncipe de Nassau, com grandes alegrias, que Vosmecê havia pedido ordem para desembarcar. Disse-me, ainda mais, que nem só mandara a ordem que Vosmecê pedira, como também mandara um convite para Vosmecê vir comer esta noite no Palácio de Friburgo; não é verdade?

— É verdade. Fui honrado com essa galantaria do Príncipe. Hoje irei jantar em Friburgo.

— Muito bem, muito bem, bradou Gaspar Dias exultante. Vosmecê não imagina o quanto eu folgo em vê-lo aqui na nossa terra. Terei a maior honra em mostrar a Vosmecê as curiosidades da Cidade Maurícia. Hoje, pelo que presumo, Vosmecê vem visitar a nossa "Casa da Justiça, não é?

— Não foi o visitar a "Casa da Justiça" que me trouxe cá, tornou André; mais foi o falar com Vosmecê.

— Comigo?

— Sim, com Vosmecê. Ando buscando a Vosmecê por toda a parte, Gaspar Dias!

— Grande honra, André Vidal! Estou aqui para servi-lo. Qual é o seu negócio?

— Não posso explicar assim em público; é caso mais secreto. Quer Vosmecê marcar hora para eu procurá-lo?

— Oh, André Vidal, sorriu Gaspar Dias; marcar hora? Para Vosmecê? É a hora que lhe aprover.

— Vejo que é impossível neste momento, tornou André; sei que Vosmecê tem muito negócio a decidir em dia de câmara dos escabinos. A noite, como vou jantar Friburgo, sou eu que não posso procurá-lo. Será que amanhã, ao meio dia, Vosmecê pode ouvir-me?

— Perfeitamente. Tenho grande felicidade nisso. Amanhã, ao meio dia, estarei à espera de Vosmecê.

E amável, rindo-se apontou os réus:

— Vejamos agora, André Vidal, o desfecho deste julgamento. São uns soldados da Bahia acusados de malfeitores. É um caso interessante. Ainda não ouviu Vosmecê falar nisso?

— Já ouvi. Frei Manuel foi quem me contou a história.

— Pois nesse caso venha escutá-lo. Lá está o nosso frade a pedir por eles.

Frei Manuel discursava com ênfase. Batia rijo, com muitos raciocínios:

— Ninguém os apanhou roubando, senhores juizes! Ninguém os viu enforcando e nem depredando! Tudo palavras, meras palavras. E de que vale, senhores, alegar e não provar?

Desandava por aí afora. Quando o bom do padre terminou todo contente com a sua loquela Gaspar Dias murmurou para André Vidal:

— Diga Vosmecê uma palavra, André Vidal; uma palavra sua beneficia mais esses homens do que toda a arenga do frade.

Vidal de Negreiros pediu licença para uma palavra. O escolteto assentiu imediatamente:

— Fale, André Vidal!

— Estamos em tempo de grandes alegrias, senhor escolteto! As tréguas entre Holanda e Portugal, tão celebradas por nós, vieram por certo abrandar ódios, afrouxar os rigores. Festejem portanto a nova era, senhores, soltando esses pobres homens. É a mais bela maneira de apertar os laços que ora nos unem.

— Tem razão, exclamou Gaspar Dias. Vosmecê tem tanta razão que eu vou pedir ao escolteto.

Enveredou-se com familiaridade até a mesa do presidente. Debruçou-se nela. Desembuchou em flamengo, muito correntemente, estas coisas banais:

— Destes quatro maraus, só um, o de nome Simão Borrvalho, arranhou meia dúzia de dobrões. Seis dobrões apenas! Veja que migalha! Mas enfim já é alguma coisa. Ora, diante do pedido de Vidal, eu acho de boa tática perdoar a este. Só a este. Não pode haver pretexto mais oportuno.

O escolteto consultou os juizes. Todos assentiram. Foi lavrada a sentença.

O secretário leu-a. Dizia ela simplesmente que aqueles quatro réus haviam incidido em crime de morte. Mas à vista do pedido do mui nobre Senhor André Vidal de Negreiros, em consideração a pessoa tão alta, resolviam os escabinos perdoar ao de nome Simão Borrvalho. Os demais eram condenados a morrer na forca<sup>20</sup>.

Simão Borrvalho ergueu a André Vidal dois olhos fulgurantes, onde chispavam contentamentos vivos. O guerrilheiro, porém, desapontou-se. Aquela decisão era duma injustiça uivante. Mas que fazer? Agradeceu ao escolteto, despediu-se risonhamente, e saiu...

Fora, na Rua dos Judeus, o paraibano deu de chofre com Teodósio Hoogstraten. Ficou espantado. É que o amigo de Arcisiewsky fora despachado para o sertão. Andava desterrado lá pela Fortaleza de Nazaré, donde muito raramente vinha à Cidade Maurícia. Naquele dia, encontrando-se por mero acaso, Vidal e Hoogstraten estremeceram. Fuzilou em ambos a mesma alegria. Contudo, refreando-se, os dois se saudaram mui discretamente:

— Vosmecê, Teodósio? Não o fazia por aqui! Cheguei hoje de Nazaré.

— Pois seja benvindo!

André Vidal, depois de olhar em derredor, desconfiado, tornou baixo para o batavo:

— Chegou em boa hora, Hoogstraten. Tenho precisão de Vosmecê...

E apagando a voz:

— Amanhã, depois do escurecer, há uma ceia no engenho de João Fernandes. Negócios... Vosmecê pode ir lá?

---

<sup>20</sup> Vide "Valeroso Lucideno".

- Posso!
- É coisa decidida?
- É.

Foi rápida a cena. Nada mais do que isso. Os dois amigos, apertando-se as mãos, despediram-se com um sorriso.

André Vidal botou-se para a casa de Frei Manuel. Era já tarde. O paraibano tratou de paramentar-se para a festa do Palácio de Friburgo.

Rodrigo Mendanha, no entanto, tinha a alma aos pedaços. Não podia sopitar os nervos. A agonia mordente, o desespero, a única ânsia que o acutilava, era ver Carlota, dizer-lhe uma palavra, contar-lhe que estava ali. Mas como? Na sua angústia, na pungência daquela desolação, agarrou no único meio de desabafar-se: escrever! O pobre moço, desafogando-se tracejou um bilhete fremente.

Assim:

Carlota!

Estou aqui. Conte Comigo. O Casamento com o belga só se realizará quando eu morrer. Fique sossegada!

Rodrigo.

Correu à Fortaleza Ernesto e chamou o Bastião:

— Você sabe quem sou eu?

O carcereiro abriu um sorriso na boca preta:

— Nossa! Como não? Vancê é o afilhado de André Vidal.

— Isso mesmo!

Cauteloso, baixando voz, o rapaz ciciou timidamente:

— Você quer me prestar um serviço? Olhe que é serviço grave. Coisa de arriscar a pele.

— As ordens, sinhô. É o que vancê quisé.

Rodrigo passou-lhe um dobrão de ouro. E, com o dobrão, o bilhete:

— Entregue isso a Carlota!

— Fique descansado...

O escravo de João Blaar era uma alma infernal. Tudo o que cheirava a intriga, leva-e-traz, urdidura na sombra, era com ele. Diante de tais mistérios, o negro não titubeou: meteu-se riosamente naquela trama.

Na casa de Frei Manuel, ao mesmo tempo, André Vidal punha galhardamente o gibão de damasco, os calções de tufo, a vasta gola rendada, soberbo chapéu de plumas. Assim, vistoso e teful, rumou para o Palácio de Friburgo.

Mal transpôs o pórtilo da morada principesca, já André Vidal deparou, dentro do parque, com Maurício de Nassau a passear solitário sob as alamedas ensombradas.

O Príncipe, ao avistar o hóspede, apressou-se em vir saudá-lo efusivamente, acolhedoramente:

- Deus o salve e guarde, André Vidal!
- Deus o salve e guarde, Príncipe!

Apertaram-se as mãos com a mais quente cordialidade.  
E Maurício de Nassau, na sua simplicidade fidalga de encantar:

- Vosmecê não conhece o Palácio de Friburgo, André Vidal?
- Ainda não tenho essa honra, Príncipe.
- Pois eu, nesse caso, quero ter o gosto de mostrá-lo a Vosmecê. Este Palácio é o meu capricho! Que quer Vosmecê? Cada um tem o seu fraco... Venha daí comigo<sup>21</sup>.

O Palácio de Friburgo era a surpreendente maravilha época. Legítimo orgulho dos conquistadores, sonhara Nassau fixar naquele monumento a imponência da obra que realizara na América. Tudo ali era grande, harmonioso, artístico. Pelo parque imenso, alinhado com severos rigores estéticos, enfileiravam-se aquelas setecentas palmeiras tão formosas, aquelas palmeiras que o Príncipe, fantasioso como um rei bárbaro, fizera arrancar às praias onde vicejavam, altas e frondejantes, mandando transportá-las em grossas barcaças, à força de muito negro, para a delícia e enfeite dos seus domínios.

Pelos sítios mais rústicos, dentro de tocas selvagens, urravam onças e sussuaranas. Saracoteavam pelas árvores bugios e saguis. Espichavam-se modorrentamente, dentro de vastos cercados, o tamanduá e fagoim, a paca e a cutia, a anta e o coati. Baitacas palradoras, grandes araras vermelhejantes, mutuns bravios, canindés e jaburus, tucanos e urutaus, tudo aí rumorejava, gritava, piava, grulhava, guinchava, matracava.

Nos recantos pitorescos, sonoramente serpeados de águas cantantes, erguiam-se pavilhões ligeiros, dum rude gracioso e poético, enroscados de trepadeiras, onde o Príncipe, nas tardes cálidas, gostava de oferecer comezainas e beberetes às donas, como em Holanda.

No meio disso, vistoso e solene, o magnífico Palácio de Friburgo. Era de vê-lo! Com o seu pórtico rasgado, com a sua escadaria de pedra lavrada, com as suas torres quadrangulares, altíssimas, donde se descortinava o oceano para além de sete milhas, o Palácio de Friburgo falava majestosamente da opulência e da fidalguia do seu senhor.

Dentro, nas suntuosas salas apaineladas, estendiam-se, com grandezas de espantar, as nobres curiosidades daquela morada senhoril. Aqui, rude e feudal, a Sala d'Armas, onde fulgiam em cores fortes, ao lado do brasão dos Oranges, o retrato a óleo de Guilherme, o Taciturno: além, o Museu, aquela vaidade de Maurício, com os seus trezentos macacos empalhados e a sua maravilhosa, estupendíssima coleção de borboletas; acolá, no ângulo da torre, o Observatório Astronômico, de onde os sábios da Europa, através de compridos óculos de cana, pela primeira vez fincaram olhos científicos no céu opulento da América. Enfim a Biblioteca. Era ai rue repousavam, adormecidas em elzevires de luxo, todas as letras contemporâneas de Holanda: a copiosa sabedoria de Grotius, o Elogio da Loucura do esplendíssimo Erasmo, os

---

<sup>21</sup> Barlacus, Rerum per octenniam in Brasilia, pag. 245: "Fulget nitetque FOBURGUM, civium delictum atque voluptas, Nassoviae magnitudinis in alio orbe percune momentum".

Frei Calado, pag 53: "... tambem alli fez o Principe uma casa de prazer (Friburgo) que lhe custou muitos cruzados & no meio daquelle areal esteril, & infructuoso, plantou hum jardim, & toda a casta de arvore de fruto que se dão no Brasil. Tambem alli trouxe toda a casta de ave & de animaes que pode achar etc., etc."

poetas líricos de Vondel e de Hooft, as traduções da famosa Tessela assim como toda a matemática de Snellius, o grande professor de Leyden.

André Vidal pasmava-se diante de tudo. Mas quando, ao acender das luzes, o paraibano entrou no salão nobre do Príncipe. os seus olhos de provinciano extasiaram-se, enamorados! Espelhos que dardejavam, tapetes de coloridos gritantes, tapeçarias flamengas colgadas às paredes, grossas silhas de veludo turqui, tudo isso rutilou de súbito diante dele, fulgiu como num sonho, faiscando sob o foga réu crepitante dos candelabros de prata.

Já lá dentro, enterrados na fofeza dos coxins, os convidados da festa esperavam o hóspede ilustre. Ao verem surgir, conduzido pelo Príncipe, guapo e moreno, o talhe desempenado, flamejando no seu traje de gala, todos ergueram-se, reverentes. Maurício, com um gesto polido, apresentou-os um a um.

Quanta gente luzida! Era Henrique Cralitz, matemático e astrônomo das Flandres, que viera para Pernambuco no séquito de Nassau; Guilherme Pisou, médico do Palácio, destemeroso batedor de sertões, estranho sábio rústico que andava pelos matos a escrever a sua clássica *Historia Naturalis Brasiliae*; Jorge Maregraf, o botânico, cientista notabilíssimo, aquele que estudou e catalogou as espécies exóticas da brenha tropical; Francisco Plante, grande professor de Breda, filósofo e latinista, pastor e poeta, honrado conselheiro de Maurício; Pieter Poost, engenheiro e arquiteto, aquele mesmo que planejou, sob o olhar do Príncipe, o traçado primoroso da Cidade Maurícia. Ao lado de tão subidas gentes, o célebre Francisco de Poost, pintor distintíssimo, natural de Harlem, discípulo de Van Dick o primeiro artista que fixou na tela os esplendores selvagens da paisagem brasílica<sup>22</sup>.

Lã se viam, uniformizados de gala, Carlos Turlon e João Blaar. Gaspar Dias, ar de fuinha, barbicha rala, compareceu mui faceiro com o seu vistoso gibão de damasco florentino e os seus folgados calções de braguilhas de prata.

D. Ana Pais também viera. Mas, viera vestida sem garridices, com simpleza estranha, toda de cetim negro, apenas com uma baga no dedo e um aljofar de diamantes no cabelo trevososo.

Gilberto Van Dirth, membro do Conselho Político, muito adamado, muito maneiroso, lã estava a cortejá-la com os ditos, suspirosamente...

André Vidal, ao avistar a mulher perigosa, corou. Mas, ela, um cândido sorriso no lábio, estendeu-lhe a mão com uma cordialidade vivaz:

— Deus o sabe e guarde, André Vidal!

André Vidal corou ainda mais. Homem rude, desafeito a primores e gentilezas, apertou-lhe a mão rijamente, sem pronunciar palavra.

Pelos salões, aos grupos, os convidados já palravam barulhantemente. Zumbia vezeiro alacre. O Príncipe, com particular deferência, saudou a Gaspar Dias, o seu amigo íntimo. Ninguém pôs grande reparo na efusão acolhedora de D. Ana pala com André Vidal.

---

<sup>22</sup> Os quadros de Francisco de Poost foram comprados por Luís XIV, fazem parte da coleção do Louvre. Eduardo Prado, naquela faina tão sua, tão patriótica, de exumar e Brasil antigo, conseguiu autenticar e adquirir duas preciosíssimas telas do grande flamengo. No leilão, nunca suficientemente chorado, dos livros e objetos que pertenciam ao preclaríssimo paulista, foram esses quadros, por felicidade, vendidos ao Sr. Plínio da Silva Prado, em cujo poder ainda se encontram. O erudito Sr. Souto Maior, historiador dos mais distintos, foi quem pesquisou e descobriu no Louvre a coleção de Poost Vide Rev., vol. 75, Fastos Pernambucanos.

O guerrilheiro abaixou os olhos. Não sabia o que responder. Aquela amistosa jovialidade desconcertara-o. Mas, D. Ana, muito natural, continuou com o seu sorriso:

— A última vez ano nos vimos... Lembra-se, André Vidal?

André Vidal estremeceu. Franziu o cenho e respondeu seco:

— Não me lembro.

— Ora, veja Vosmecê como são as coisas, tornou D. Ana sarcasticamente; eu me lembro muito bem!

E abaixando a voz:

— Ainda não me esqueci...

Pieres Boninz, mestre-sala de Friburgo, entrou discretamente:

— Está servido Príncipe!

Os comensais, a um gesto convidativo de Maurício encaminharam-se para o comedor. Salão amplo, mesa florida, candelabros doirados nos bofetes, faianças pesadas de Delf, lacaios de jaqueta escarlate. A baixela era de prata. Aquela mesma famosa, riquíssima baixela que o rei do Congo mandara a Nassau numa embaixada que fez eco. Sentaram-se todos. Pieres Boninz fez servir as viandas. Estabeleceu-se logo, entre todos, quente cordialidade. A conversa, incendiada por vinhos capitosos, alastrou-se vivamente. O Príncipe dizia alto:

— Mas como, André Vidal, Vosmecê teve a coragem de pôr a minha cabeça prêmio?

Todos riram. Mas André Vidal, sem se perturbar, rindo-se como os outros:

— É verdade. Cinco mil florins ofereci eu pela cabeça de Vossa Alteza Olhe que já é uma soma! E Vossa Alteza? Vossa Alteza teve a coragem de avaliar a minha na bagatela de dois mil florins. Convenhamos que o preço foi barato...

Com esse bom-humor, joviais, aqueles homens desataram a tagarelar como excelentes amigos. O assunto caiu logo sobre feitos de guerra. Maurício, que fora o vencedor de Porto Calvo, não se cansava de louvar com muitos louvores a Miguel Gilberto, defensor daquele forte:

— Valente soldado! Não me esquecerei jamais de sua bravura. O Conde Bagnuolo, que era o general em chefe, já havia fugido pelo sertão...

— Apesar da gota, apartou Gaspar Dias.

— Apesar da gota, tornou Maurício sorrindo. Pois mesmo assim desamparado na fortaleza, ainda se bateu como um bravo! Resistiu até o último grão de pólvora. Entusiasmei-me tanto, meus senhores, que concedi a Miguel Gilberto, quando o forte se rendeu, todas as honras; saiu com a espada em punho, morrões acesos, as caixas tocando. Foi vencido, sim; mas foi um bravo!

André Vidal, por seu turno, achou de boa polidez responder à façanha dos nossos com outra façanha dos belgas.

— Mas, Vosmecês, senhores holandeses, também tiveram o seu Hans Pater! O honrado Pater! Que bravo marujo! Combateu contra D. Antônio Oquendo na mais travada ação que já viram águas do Brasil. Pelejou como um louco! Foi ao extremo, esgotou todos os recursos. Nada o fazia render-se. Só quando a sua caravela, incendiada estourava-se nas chamas. foi que Pater, para não se entregar, atirou-se ao mar enrolado na bandeira da pátria. Foi vencido, sim; mas foi um bravo!

João Blaar, porém, com seu vozeirão, virando copásios de vinho. achava que o feito mais assombroso da guerra não fora esse. Fora o de Henrique Dias.

— Que negro, exclamava ruidosamente; que negro de ferro! Em Porto-Calvo, logo no primeiro encontro, uma flecha de tapuia varou-lhe o braço. Parecia flecha ervada. Gritaram logo pelo físico, aquele famoso Mestrola, valenciano de nação. Pois sabem os senhores o que fez Henrique Dias? Não espera o médico. Levanta a espada, estende o braço ferido, mete uma cutilada bruta: metade do braço pula fora! E o negro, no mesmo instante, enrolando o braço cortado numa miserável faixa, indiferente à sangueira que jorrava atira-se no mais encarniçado da peleja. Isto sim, meus senhores, isto é que é ser homem!

E o banquete foi assim, pela noite afora, ruidoso, muito conversado. Os lacaios serviram doces. Pieres Boninz ordenou que deitassem vinho branco. O Príncipe ergueu então o seu copo:

— Benvindo seja Vosmecê. André Vidal, a esta casa! Eu tenho a honra de saudar em Vosmecê meu nobre amigo, mais temido e o mais valente guerrilheiro do Brasil!

Todos se levantaram, bateram os copos, brindaram com bulhenta alegria. Na mesa ainda mais vivaz, referveu tumultuário o vozeiro. Em meio à conversa a perigosa D. Ana Pais, que estava ao lado de André Vidal, não se conteve:

— Este mundo! Ora veja, André Vidal, o mundo é! Eu aqui a sorrir para Vosmecê, a brindá-lo, a bater o meu copo no seu copo...

André Vidal, a que a ruidosidade da festa havia um pouco mais desemperrado a língua, virou-se rindo para a mulher terrível:

— Que é que Vosmecê desejaria fazer, D. Ana?

Ela, muito baixinho, a voz surda, um áspero clarão nos olhos:

— Retribuir aquela chicotada...

Maurício de Nassau, nesse instante, cortou o diálogo:

— Saibam Vosmecês todos, meus senhores, que eu ordenei, para solenizar dignamente a aclamação de D. João IV, grandes festejos na Cidade Maurícia. Haverá, muito em particular, uma cavalhada pomposa, que desejo fique memorável.

Quero que todos os principais de Pernambuco tomem parte nela. Eu serei dos primeiros. Vosmecês, portanto, estão convidados. Espero que o nosso hóspede, se cá estiver, também nos honre com o seu comparecimento.

André Vidal agradeceu. E, com o agradecimento, levantou o copo em honra do Príncipe:

Todos, a uma só voz:

— À saúde, Príncipe! A saúde!

Terminara o banquete. Os com ensaia ergueram-se. E rumorosos, com aquela urbanidade folgazona, foram acabar a noitada no salão de honra do Palácio.

A Ordem do "Escolteto"

Frei Manuel acabara de dizer a sua missa. Missa secreta, é verdade, rezada em casa a portas trancadas: fora essa a grande mercê que o Príncipe concedera ao amigo.

Nesse dia, como de costume, o religioso abancou-se à mesa para quebrar o jejum com a sua fritada de chouriços. André Vidal sentou-se ao lado. Frei Manuel, encarando no hóspede, perguntou-lhe abruptamente:

— E Antônio Cavalcanti?

— Antônio Cavalcanti?

— Sim, tornou o frade; Antônio Cavalcanti! Será que o orgulhoso fidalgo irá hoje à ceia de João Fernandes?

— Conto muito com ele, redargüiu André. Espero que esta noite, mal escureça, seja Cavalcanti um dos primeiros a aparecer no engenho.

— Antônio Cavalcanti é dos nossos; não resta dúvida Mas... Já sei, Frei Manuel, atalhou André; já sei muito bem o que Vosmecê pensa. Vosmecê teme a velha rivalidade que existe entre Antônio Cavalcanti e João Fernandes Vieira, não é?

— É, afirmou o religioso; é isso mesmo, André!

— Vosmecê tem razão, concordou o paraibano. Ódio velho não cansa...

E depois de pensar um momento:

— Mas agora, segundo me parece, as coisas entre eles estão mais consertadas. Ninguém ignora o arranjo que deu João Fernandes aos filhos de Cavalcanti...

— O casamento?

— Exatamente.

— De pouco vale, filosofou o padre. Isso serve para ligar as casas, mas não para ligar os corações. No fundo de cada um — creia, André, — ainda continua a fermentar o mesmo despeito. A inveja que os rói não há de mudar tão cedo..

— Nesse caso, meu padre, que é que se pode fazer? As coisas são como elas são. Não há que lhes mudar o rumo. O que for soar...

— Isso é que é, tornou Frei Manuel, erguendo-se, pronto para sair. O quer for soar!

Mas André Vidal deteve-o por um momento:

— Eu, por mim, tenho grandes desconfianças dum outro homem...

— Sim, senhor! É de Sebastião de Carvalho.  
— O irmão de Bernardino? Aquele sujeito embezerrado?  
— Esse mesmo.  
— Pois tem Vosmecê muita razão! Aquilo é traste ruim. Muito cuidado com aquele tipo, André. Muito cuidado!

E Frei Manuel, abanando a cabeça, enfiou o chapéu e agarrou no seu inseparável bastão:

— Até breve! Sigo para as minhas obrigações. São horas de me ir à Fortaleza Ernesto.

— Ah, exclamou Vidal, interrompendo-o; Vosmecê vai assistir os condenados de ontem?...

— Exatamente!

— Eu desejaria também ver o enforcamento, redargüiu André. Mas como é dentro dos muros, no pátio da Fortaleza, estou que é custoso o meu desejo.

— Pois não o é, interveio o frade; Vosmecê pode ver mui facilmente. É só pedir Luís Tintz, aquele flamengo, mercante de pimenta, que deixe Vosmecê espiar pelas janelas.

E Frei Manuel, pesado e grave, abalou-se para a Fortaleza. André Vidal ficou só. Mas ficou só apenas um momento. Tinha o frade virado as costas e já alguém batia timidamente à porta. O guerrilheiro abriu-a. Exclamou com espanto:

— Oh, Simão Borrvalho!

Era Simão Borrvalho. Era aquele mesmo que, na véspera, escapara da morte no julgamento dos escabinos. O moço, mal entrou, atirou-se aos pés do paraibano:

— Deus lhe pague, André Vidal! Deus lhe pague!

As lágrimas saltavam-lhe dos olhos aos borbotões. André Vidal ergueu-o:

— Deixe-se de lágrimas! Deixe-se de agradecimentos! Você não me deve nada.

O soldado, porém, muito emocionado, ia bradando num escachôo:

— Eu devo tudo a Vosmecê. Eu devo a Vosmecê a minha vida Vosmecê quem me livrou da força!

— Você não me deve nada, eu já disse. Aquele perdão foi um acaso, nada mais. Vá tratar agora da sua vida, isso sim.

Pôs-lhe a mão no ombro, com um sorriso venenoso:

— Somente não se esqueça, homem, desse pedacinho que os flamengos fizeram você padecer...

O soldado endireitou-se. E com um gesto ameaçante, ríspido, onde fuzilava ira feroz:

— Ah, meu senhor, fique sossegado! Enquanto houver coração aqui dentro, há de ser para odiar de morte essa raça de heréticos! Vosmecê verá...

André Vidal, diante daquele assomo, lisonjeou-se. Simão Borrvalho, sem arredar pé, continuou firme:

— Não me mande embora, André Vidal! Eu quero ficar com Vosmecê o resto da vida. Quero ser um seu escravo. Quero seguir a Vosmecê por toda a parte como um cão de fila.

André ouviu aquele oferecimento resolutivo. Ficou embaraçado. Não sabia como decidir. O soldado prosseguia suplicando:

— Não me mande embora, André Vidal! Deixe-me ao seu lado! Deixe que eu acompanhe a Vosmecê pelo mundo!

A idéia de que havia de carecer, dentro em breve, de todas as ajudas, fez André pensar no caso. Fitou o moço de frente. Viu aquele rosto, aqueles modos decididos e francos, aquela espontaneidade que brotava de todo ele:

— Pois bem, exclamou, fique comigo, Eu levarei você para a Bahia.

Forte júbilo iluminou a fisionomia do soldado:

— Vosmecê não se há de arrepender!

— Pois está resolvido, afirmou Vidal. Fique! E se quiser, desde já, venha daí comigo. Vamos ver o enforcamento dos seus companheiros...

Saíram. Rumaram os dois para a casa de Luís Hintz. O holandês, velhote mercante de pimenta, recebeu-os com muito bom semblante:

— Vosmecê quer ver o suplício? Ah, meu nobre senhor André Vidal, bem se vê que Vosmecê não é homem da terra. Isso é acontecimento aqui tão repetido, que já ninguém se abala de casa por tão pouco. É coisa de todo o dia! Mas já que assim Vosmecê o deseja, nada mais fácil: ali estão as janelas que dão para a Fortaleza. É só olhar por elas.

André Vidal e Simão Borrvalho aproximaram-se das janelas. Diante deles, no pátio, que quadro chocante! A forca, armada no centro, acabava de funcionar: trepidava nela, ainda estrebuchando, o corpo de um homem. Era um dos condenados da véspera. O infeliz, suspenso no ar, tinha os olhos escancarados, imensa língua de fora, mãos crispadas, pernas baloiçantes. Era lúgubre!

Os soldados, a uma ordem de João Blaar, acercaram-se dele, apalparam-no, verificaram se estava bem morto. Desataram depois o laço da corda, meteram-no dentro da rede. João Blaar, feito isso, gritou para o magote de mosqueteiros ao lado:

— O outro!

Os mosqueteiros empurraram o outro.

Era um sujeitinho escaveirado, todo ossos, a cabeleira suja e grudenta, sem camisa, as pantalonas rotas e empoeiradas.

— Foi este que roubou a rês de Ippo Ceulen, não foi?

— Parece que foi, responderam os soldados. Dizem que é este o ladrão...

— Nesse caso, tornou João Blaar, nesse caso, antes da forca, vamos ensinar um pouco a este magriça.

Fechando o sobrolho, com o seu forte vozeirão, o sanguinário flamengo gritou para o condenado:

— Estenda o braço!

O rapazote estendeu o braço. João Blaar, ergueu a espada, desferiu um golpe rápido, violentíssimo. O desgraçado soltou um uivo: a mão saltara-lhe fora! O sangue, aos jorros, espirrava longe.

Mas, João Blaar era um monstro; não se contentou com aquilo:

— A outra mão!

O pobre diabo, transido e bestificado, um pavor indizível arregalando-lhe os olhos, estendeu a outra mão, timidamente.

João Blaar, com uma calma cínica, berrou furioso:

— Estenda direito! Que medo é esse?

O coitadinho espichou o braço um pouco mais. O flamengo brandiu novo golpe, fulminante: a outra mão saltou fora! O miserável urrou, alucinado de dor. João Blaar ordenou secamente aos mosqueteiros:

— Enforcem agora!

Com os tocos dos braços gotejando, vermelhos da sangueira, o condenado caminhou às tontas para a forca. Subiu o estrado. A corda de cânhamo, com a laçada feita, tombou-lhe ao pescoço. Girou a roldana. O estrado fugiu-lhe bruscamente dos pés. Rangeram forte as traves do madeirame. O corpo desabou, pesado e solto...

André Vidal arrepiou-se. Aquela cena bárbara causou-lhe engulhos. Não teve ânimo de assistir ao do último condenado. Tocou de leve no ombro de Simão Borrvalho:

— Vamos!

Simão Borrvalho contemplava aquilo, estatelado, um suor de morte borbulhando-lhe na testa.

— Que bandido, bradou com os dentes rilhados, numa fúria. Mas deixa estar, João Blaar! Deixa estar! Nós havemos ainda de nos encontrar na vida...

Saíram. Tocaram ambos, sombrios e calados a caminho da casa de Frei Manuel. Mas aquela selvageria assanhara na alma de André Vidal ódios ainda mais ferventes contra os flamengos. Espumejava ele um anseio de vingança, vontade rugidora de espadeirá-los de trucidá-los, de espostejá-los. Sentia ele então, mais do que nunca, ânsias aguilhoantes por deflagar a rebelião na Capitania. Ah, era preciso expulsar aqueles hereges! Era preciso, a toda força, repelir esse bando de facínoras e de enforcadores!

Em casa de Frei Manuel, logo ao entrar, André Vidal topou com Rodrigo Mendanha. O moço chorava, debruçado soturnamente sobre um papel. Ao avistar o guerreiro, precipitou-se ao encontro dele, modos desordenados, a voz fremente:

— Leia!

André leu:

Rodrigo:

Não há palavra que conte a minha dor.

O bilhete de você, neste desespero, foi a minha vida. Você, e André, são as minhas únicas esperanças.

Carlota.

— Sossegue, Rodrigo. Ao meio-dia em ponto estaremos em casa de Gaspar Dias. Hoje aconteça o que acontecer, havemos de deslindar esse negocio.

Ambos, azocrinados, com uma irascibilidade que lhes mordida os nervos. ficaram-se ali, cheios de pensamentos lúgubres, esperando que corresse, grão por grão, a areia lerda da ampulheta.

Meio-dia... Grande cópia de clientes na antecâmara do homem prestigioso. Lavradores de cana, senhores-de-engenho, homens do fisco, compradores de papagaios, carregadores de pau-brasil, mercantes de especiarias, um padre. O padre chocava pelas pimponices do trajar. Estava luzido e cheiroso, trazia meias de preço, escarpins, lobs de rendas finas.

Gaspar Dias, que já esperava os dois homens recebeu-os sem mais delongas. Trancou-se com eles na sua sala particular. Logo, muito acolhedor, foi perguntando com chã cordialidade:

— Vosmecê reparou naquele padre que ali está?

— Reparei, volveu André; é um sacerdote mui taful. Quem é?

— Vosmecê não o conhece? Pois é o Padre Ferreira, vigário de Ipojuca, um grandíssimo maroto que anda ai metido na mais perigosa das entaladas. Imagine que esse malandro é vigário: mas vigário sujeito unicamente à Cidade Maurícia, sem ligação alguma com o Bispo da Bahia. Os flamengos proibiram rigorosamente — e isto sob pena de forca! — que os padres recebam ordens de fora. Ordens, aqui, são só as do Supremo Conselho. Mas esse tonto que Vosmecê ai vê, mandou buscar, às escondidas, uma licença do Bispo da Bahia. Olhe para essa! Uma licença para casar, em oratório particular, as filhas de Antônio Cavalcanti com os cunhados de João Fernandes. Vosmecê compreende decerto a gravidade disso! Pois uma desobediência dessas, meu amigo, então é lá caçoada?

Nesse ponto, batendo na testa, Gaspar Dias mudou bruscamente de assunto:

— Santo Deus! Eu aqui a palrar coisas de somenos. Vamos ao nosso caso, isso sim! Estou aqui meu nobre André Vidal de Negreiros, pronto para ouvir e servir a Vosmecê. Já falei e repito agora: Eu tenho muita honra nisso. Diga, portanto, sem rebuço tudo o que Vosmecê pretende.

André Vidal, que ardia de impaciência, entrou logo em matéria:

— O negócio que me traz a casa de Vosmecê, Gaspar Dias, é de carecer eu de sua ajuda...

— Valha-me Deus!

— De sua ajuda, sim senhor! E é isto: preciso que Vosmecê me arranje, custe o que custar, uma ordem do escolteto...

— Uma ordem do escolteto?

— Uma ordem do escolteto, afirmou André. Eu explico por quê. Vosmecê sabe de certo que João Blaar arrebatou da casa de D. Joana a minha Carlota Haringue.

— Sei de tudo. Então?

— Então, continuou Vidal, eu preciso que Vosmecê ma faça restituir. Essa menina é a minha loucura. Eu a estimo como filha. Trouxe-a pequenina, via crescer, ficou moça. Agora é noiva do Rodrigo Mendanha. Ora, como Vosmecê vê, não há tirania mais crua do que essa que os flamengos acabam de fazer: arrancar a noiva do seu noivo! E arrancá-la assim, caprichosamente, para dá-la a outro que ela nem conhece. É duro! Vosmecê há de concordar que é muito duro!

Gaspar Dias ouviu aquilo, meneou a cabeça. Não respondeu palavra. Mas André, depois de certa pausa, irrompeu de novo:

— Por causa disso, por causa dessa brutalidade, é que venho me recorrer a Vosmecê. Eu bem sei do seu poder junto aos escabinos. Se Vosmecê quiser, com pequeno esforço, alcançará do escolteto a ordem do livramento. E Vosmecê não haverá de trabalhar assim de mão beijada! Longe disso! Diga Vosmecê o quanto necessita por esse trabalho: eu lhe entregarei a soma sem titubear.

Gaspar Dias coçou a barbicha. Tossiu. Semicerrou os olhos...

— É quanto quiser, Gaspar Dias! É quanto quiser! Exclamava André insistente e tentador. Não se embarace no pedido! Vosmecê terá tudo o que desejar...

O velho repuxão continuava a coçar a barbicha e a menear a cabeça... Enfim, depois de angustioso silêncio, virou-se para o guerreiro com um sorriso dúbio:

— O negócio de Vosmecê não é assim coisa tão complicada como imagina, André Vidal. Ao contrário! É tudo quanto há de mais fácil.

André sentiu um alvoroço no coração. Olhou para o velho com surpresa:

— Tudo quanto há de mais fácil, continuou o velhaco, sorrindo com o seu sorriso dúbio. Basta um pouco de jeito, meu amigo, um pouquinho de jeito, só isso, e Carlota estará de novo nas mãos de Vosmecê.

André Vidal e Rodrigo Mendanha devoravam as palavras do foinha. E ele, muito melífluo, continuava:

— Vosmecê disse, André Vidal, que quer à Carlota como filha...

— Como filha, afirmou o paraibano. Carlota é a minha loucura, Gaspar Dias!

— Nesse casa, tornou o rábula, uma pequenina coisa, simples concessão de sua parte, será o bastante para salvar a menina. E isso, meu amigo, sem custar dinheiro, sem pesar uma placa ao seu bolso.

— Como: Vosmecê está mofando, Gaspar Dias! Está por acaso, a motejar de nós?

— Não, volveu o trapaceiro com voz firme; eu não motejo, André Vidal! Falo a sério. Muito a Sério! É só uma concessãozinha de sua parte, um quase nada, e Vosmecê salvará Carlota.

— Mas, de que jeito, Gaspar Dias? Esclareça-nos, meu amigo!

— É muito fácil. Escute! Vosmecê, André Vidal, sairá daqui comigo. Iremos, juntos, até a casa de D. Ana Pais...

— De D. Ana Pais?! Bradou o guerreiro erguendo-se, como se o foinha houvesse tocado nele com um ferro em brasa; à casa de D. Ana Pais?!

— De D. Ana Pais... Tornou Gaspar Dias impassível. Vosmecê a conhece bem, não conhece? Pois foi ela quem conseguiu dos escabinos a prisão de Carlota. Ora, como e sabido, D. Ana é hoje mulher poderosa. A mais poderosa da Capitania. É ela, neste instante, quem tem entre as mãos a sorte da moça. Só D. Ana, portanto, só ela, poderá hoje salvar Carlota...

André Vidal ouviu aquilo, fervendo, os olhos injetados, grande cólera zunindo-lhe na alma. Mas Gaspar Dias, meloso e inocente, continuou sorrindo:

— Vamos nós dois, portanto, à casa de D. Ana, André. Vamos e entramos. Na sala, mal D. Ana apareça, Vosmecê, André, atira-se aos pés dela...

— Que diz Vosmecê? Uivou André, franzindo o cenho, as mãos crispadas; que diz Vosmecê, Gaspar Dias?

O velho, porém, manhoso e pérfido, continuou na sua inocência:

— Digo que Vosmecê, quando D. Ana entrar, há de atirar-se aos pés dela... Atirar-se de mãos postas, chorando...

André Vidal não se dominou. O sangue referveu-lhe nas veias. Trêmulo de fúria, saltou sobre o velho como um tigre. Esbofeteou-o. E, na sua ira, agarrou-o pelo pescoço. Espremeu-o. Ia esganá-lo... Rodrigo Mendanha, aterrorizado, precipitou-se entre ambos aos berros:

— André Vidal! André Vidal! Vosmecê está louco?

Gaspar Dias já tinha o pescoço retinto, a língua de fora, olhos esbugalhados. Rodrigo, metendo-se entre ambos, separou-os brutalmente, com um golpe.

— Vosmecê está louco, André Vidal? Não vê que assim Vosmecê faz a desgraça sua e a dela?

André Vidal caiu em si. Olhou esbraseadamente para Gaspar Dias, os dentes rilhando, gago de cólera:

— Cão!

Rodrigo, temeroso e ansiado, empurrou André Vidal com força para fora. Gaspar Dias fuzilava. Dos seus olhos pequeninos, muito piscos, saltavam agora lascas de ódio. O velho bradava com furor:

— De mãos postas — ouviu? — de mãos postas, chorando, para ela cortar a cara de Vosmecê com uma chicotada...

André e Rodrigo atravessaram a câmara. Iam sair. Nisto, bruscamente, retumbou pela sala estrídula gargalhada. Os dois homens, como se alguém os acutilasse pelas costas, viraram-se rápidos. Ambos, estuporados viram surgir na porta do fundo, que se escancarara, a figura revolta de uma mulher. Era D. Ana Pais! Era a odienta pernambucana que se ria com aquele riso sarcástico.

A Ceia

No Engenho da Várzea, célebre fazenda de João Fernandes Vieira, vai uma cena dolorosa. André Vidal de Negreiros, pálido, a voz trêmula, gesticula iradamente. A um canto, mãos fincadas no cabelo, sombrio e calado, Rodrigo Mendanha. Sentidos, ouvindo a narrativa do guerrilheiro, com um pasmo estúpido pintado no rosto, Frei Manuel e João Fernandes. O paraibano desabafara toda a cólera que lhe rugia na alma. Tracejara a fogo impetuosamente o atrito com Gaspar Dias. E bradava num esbraseamento:

— Hei de arrancar a menina das garras de João Blaar. Ah, isso juro eu! À fé de André Vidal, senhores que hei de arrancá-la de qualquer jeito, de qualquer forma, aconteça lá o que acontecer!

— Arrancá-la como?

— Como? Já expliquei como; e repito-o agora. Vou à casa do bruto e digo-lhe cara a cara: "vim buscar a minha Carlota. Quero que você me entregue a moça. E que me entregue já". Se o bandido ma recusar, é como já disse — mato-o! mato-o ali sem pestanejar.

João Fernandes ouvia boquiaberto. A perfídia de Gaspar Dias assombrou-o. Ao escutar, afinal aquele projeto desatinado do amigo aconselhou-o com prudência:

— Não, André. Vosmecê não pode pensar assim. O que Vosmecê quer intentar é uma temeridade vã. Um arrojado inútil. Com essas loucuras, meu amigo, não salvará a ela nem a Vosmecê. Siga antes o plano que eu tracei. É o caminho mais certo: o único que ainda poderá salvá-la.

Todos olharam angustiosamente para João Fernandes. O poderoso senhor-d'engenho principiou:

— O casamento de Carlota não se realiza já. Só poderá realizar-se quando Segismundo voltar de Cabedelo, o que não sucederá tão cedo. Ora, nesse meio tempo, enquanto o rapaz não torna tomamos esta resolução violenta: façamos desencadear a revolução! Façamos desencadear a revolução já!

— Já?

— Sim, senhor — já! E assim: Vosmecês sabem que as filhas de Antônio Cavalcanti vão se casar, dentro em breve, com os meus cunhados; não e verdade? Ora, como é público, eu planejei uma festa pomposa para celebrar a boda. Convidei para ela todos os principais de Maurícia. Não me esqueci de ninguém: desde o Príncipe até o oficialzinho mais insignificante. Estou certo que não faltara um só. Pois bem, meus amigos, nada mais fácil então do que uma cilada. No momento em que a boda estiver a ferver, em que mais quente andar a alegria pela festa, os nossos, irrompendo pelas salas, cairão de improviso sobre os flamengos. É uma fuzilada só! Arrasaremos tudo. Não há de ficar holandês de pé. Em seguida, com o mesmo ímpeto, havemos de cair sobre a Cidade Maurícia. Sem oficiais para comandar, a defesa será impossível. Tomaremos facilmente a cidade. Senhores dela, meus amigos, estamos senhores de Pernambuco! E Vosmecê, André Vidal, poderá assim, só assim, arrancar a menina das garras de João Blaar<sup>23</sup>.

— Bravos, exclamou Frei Manuel, com alegria. Não há plano mais acertado. É romper o movimento já! Basta de delongas...

Mas, João Fernandes, com calma e pausa, continuou:

— Vosmecê, André Vidal, partirá imediatamente para as Capitânicas do norte com a notícia do que vamos executar. Vosmecê poderá levar consigo a Simão Borrvalho, o seu novo amigo, o homem que por milagre se livrou da força. Ambos tratarão de também desencadear a revolta por lá.

— E Carlota, exclamou Vidal; a minha filha? Como hei de abandoná-la assim?

— Não se inquiete por ela, continuou João Fernandes. Rodrigo ficará em Pernambuco vigiando. Nós, eu e Frei Manuel, haveremos de estar sempre de atalaia, seguindo todos os passes dos flamengos, velando ciosamente a sua pupila.

— Vá sossegado, André, afirmou Frei Manuel com gravidade. Nós a defenderemos contra tudo e contra todos. Não se apoquente! Afianço, com todas as minhas forças, que o casamento não se realizará na ausência de Vosmecê.

— Ah, rosnou Rodrigo, erguendo-se do seu canto, e olhar fuzilante; ah, isso juro eu! Segismundo, para se casar com Carlota, precisa matar-me! Ouviram bem? Matar-me! Vá sossegado, portanto, padrinho: eu, com a minha espada, saberei livrá-la desse perigo.

— Pois seja! Nesse caso, sigo amanhã. E Vosmecê, João Fernandes, faça estourar a rebelião!

— Parta tranqüilo, tornou João Fernandes; a coisa estoura no dia aprazado. Demais, tudo aqui já está prestes...

Chegou-se rente de Vidal. Abaixando a vez, misteriosamente:

— O homem chegou...

— Chegou? Onde está?

— Aqui, na minha casa.

Murmurou rápida frase aos envides do amigo, Nisto, bruscamente, Frei Manuel cortou-lhes o cochicho:

---

<sup>23</sup> O plano de João Fernandes vem em todas as crônicas. Vide Nienhoff.

— Deixem-se de segredos, senhores, que os convidados já estão ai para a ceia.

Os convidados, de fato, começavam a surgir. O primeiro que apareceu foi Bernardino de Carvalho, irmão daquele estranho Sebastião de Carvalho, inimigo odioso de João Fernandes. Logo após, austero e solene, cem as suas barbas respeitadas, o sogro da casa, Francisco Berenger de Andrade, juiz ordinário de alta circunspeção na Capitania. Depois, pisando miúdo, a toledana no talim de prata, Cosme de Araújo, alto e magro, muito ossudo, sempre a burlar contra os holandeses. Em seguida, Antônio Bezerra, cortador de toras de brasil, feições ásperas e queimadas de sol, com o seu ar de honradez e de singeleza rústica. O velho Uchoa, o Antônio Borges, opulento moedor de canas. Lá compareceu também com os seus cabelos brancos, com a sua bela estampa decorativa e patriarcal. Amaro Lopes, chato e redondinho, famoso pelas suas lavouras de pimenta, entrou muito vistoso, com o sombreiro de plumas, as esporas rangedoras nas botas de couro cru. Nem faltou o Padre Diogo com os seus olhos esgrouvinhados, de míope, nem o Pantaleão Cirne com o seu pigarro atroante.

O último a entrar foi Antônio Cavalcanti. Homem soberbo! A fronte alta, olhos dominadores, o arrogante pernambucano tinha ares atrevidos, empáfia altaneira de dom fidalgo.

A ceia correu alegre, muito ruidosa e quente. Os comensais, com estreita cordialidade, palraram destrambelhadamente. Aqui, como em toda a parte, foi a aclamação de D. João IV o foco da conversa.

— Sabe, André Vidal, exclamava João Fernandes, que o Príncipe resolveu solenizar a aclamação com cavalhadas de estrondo? Vai ser festa de encher olho! A mais pomposa que já se viu no Brasil.

— Tive a honra de ser convidado para ela, João Fernandes; e Vosmecê?

— Também eu. Eu, e todos os demais que aqui estamos. O Príncipe é mui galanteador; não se esquece de pessoa alguma. No convite, que o mestre-sala nos trouxe, pede Sua Alteza que ninguém se escuse. Para dar o exemplo irá o Príncipe em pessoa — imagine! — tomar parte nos torneios.

Em torno das cavalhadas, das justas, do luzimento dos trajes, da ânsia pela festa, rodou a conversa da ceia. Ao fim da noite, entre riso e folgazanices, ergueram-se os copos à saúde do hóspede:

— André Vidal, à saúde!

— À saúde!

Foi um tinir de copos brindar alegre, tudo incendido de boa e afetuosa amizade.

Nisto, André Vidal fez um gesto significativo a João Fernandes. O madeirense ergue-se. Mandou fora os escravos. Trancou as portas cautelosamente. Pediu silêncio.

Que era aquilo? Que eram aquelas estranhezas? João Fernandes, debaixo do pasmo de toda a gente, exclamou:

— André Vidal, diga o que há!

Caiu fundo silêncio. Os convidados olhavam, sem compreender, aquela encenação. Que é que iria acontecer? André Vidal levantou-se. Do topo da mesa, pausado e solene, começou:

— Meus amigos! Esta ceia, que João Fernandes nos oferece teve como pretexto o festejar a minha chegada nesta Capitania. Esse pretexto, como Vosmecês bem vêem, é tudo quanto há de mais frágil; não passa dum embuste para desviar desta reunião as desconfianças dos flamengos. O fim que nos coliga nesta noite, cm torno desta ceia, é muito mais alto, profundamente mais grave. Trata-se da nossa vida e da nossa honra. Trata-se, numa palavra, da sorte de Pernambuco!

Esse começo, dito sentenciosamente, palavra por palavra, fez gelar o riso na boca dos convivas. Todos cravaram olhos ávidos no paraibano.

— Vosmecês, um por um, já abriram o peito para comigo. Eu sei que no fundo de Vosmecês todos, escondido, arde ódio tremendo contra os hereges. Eu sei que cada um bem recalçado no peito, guarda rancor feroz contra essa raça de excomungados, profanadores de igrejas, cães que andam por aí a espadeirar as nossas imagens. a beber vinho de Holanda pelos cálices sagrados. Não se assustem, meus senhores, que eu fale assim desassombrado e claro. Ninguém tem a temer um do outro. Todos nós — atentem-no bem! — somos conjurados na mesma trama. Estamos todos já envolvidos na rebelião. Por isso brado aqui a Vosmecês: amigos, chegou a hora de desembainharmos as espadas! Chegou o momento de varreremos o belga de Pernambuco! Chegou, enfim, a hora de salvarmos a Pátria!

Os comensais ouviram aquilo suspensos, os cabelos no ar. Todos sentiam nitidamente a gravidade brutal de tais palavras. André Vida!, De pé, solene e pausado, continuou assustador:

— Eu ajuntei a Vosmecês aqui, senhores, para lançarmos o grito de liberdade. Eu os ajuntei aqui para uma decisão de peso. Ei-la: aqueles, dentre Vosmecês, que estiverem resolvidos a deixar a família e os teres, a largar mercancias e lavouras, a sair a combater os hereges sem descanso, dia e noite, até a ultima gota do sangue, que se levantem! De pé, amigos! É a hora de firmarmos, como homens de honra, um pacto de morte!

Foi um choque! Mas os convivas, sem vacilar, como tocados por secreta mola, ergueram-se de pronto. Nem um só ficou sentado! André Vidal, com rude gesto, arrancou então da espada:

— Pois bem, senhores! Juremos todos, sobre a cruz desta espada, que estamos unidos para a vida e para a morte!

Os pernambucanos, com o mesmo ímpeto, a uma só voz, bradaram firmes, estendendo a mão:

— Juro!

André Vidal, sacando do bolso larga folha de papel, exibiu-a aos conjurados:

— Assinemos agora, senhores, este pergaminho. É o nosso documento. Este papel, meus amigos, é a bandeira da nossa liberdade. Escutem!

E leu:

Nós, abaixo assinados, nos conjuramos e nos comprometemos, em serviço da liberdade, a não faltar, a todo o tempo que for necessário, com toda a ajuda de fazenda e pessoas, contra qualquer inimigo, em restauração da nossa Pátria; para o que nos obrigamos a manter todo o segredo que nisto convém, sob pena de, quem o contrário fizer, ser tido por rebelde e traidor. Debaixo deste comprometimento nos assinamos em 23 de maio de 1645.

Começaram as assinaturas:

João Fernandes Vieira  
Antônio Bezerra  
Antônio Cavalcanti  
Francisco Berenger de Andrade  
Antônio da Silva  
Pantaleão Cirne da Silva  
Luís da Costa Sepulveda  
Manuel Pereira Corte Real  
Antônio Borges Uchoa  
Amaro Lopes Madeira  
Bernardino de Carvalho  
Manuel Alves Deusdará  
Antônio Carneiro Falcato  
Antônio Carneiro de Mariz  
Francisco Bezerra Monteiro  
Álvaro Teixeira de Mesquita  
Padre Diogo Rodrigues da Silva<sup>24</sup>.

Depois que todos assinaram, naquele ambiente que se carregou de súbito entusiasmo, André Vidal ergueu-se de novo:

— João Fernandes! Traga-nos o homem que chegou hoje...

João Fernandes levantou-se. Tocou na parede, apertou estranha mola, abriu-se bruscamente uma porta falsa<sup>25</sup>. Os comensais olhavam assombrados aquela esquisitice. Caiu um silêncio de morte. Naquele silêncio diante do aparvalhamento geral, surgiu na sala um soldado. João Fernandes, com um gesto largo, exclamou:

— Capitão Antônio Cardoso! Conte aqui, para os nossos companheiros, o que Vosmecê é e a que é que Vosmecê veio aqui!

O homem falou assim:

---

<sup>24</sup> Este compromisso foi publicado no famoso folheto holandês de 1617 Claar Vertooch Varnhagem descobriu-o na Bib. de Evora e no Real Arquivo de Haia. Vide pág. 186. Luta contra os Holandeses.

<sup>25</sup> Southey, Histd. do Bras., vol. 3. pág. 112: "João Fernandes tinha sempre o seu cavallo arreiado, ia dormir na matta, e tambem mandara preparar no seu engenho uma porta falsa por onde pudesse escapar... etc.".

— Eu sou, meus senhores, o Capitão Antônio Cardoso, oficial na milícia da Bahia. Vim aqui a mandato do Viso-rei do Brasil...

— Sim, senhores! O Viso-rei, que está a par dos planos de Vosmecês. Sabendo das coisas grandes que aqui estão sendo tramadas, mandou às ocultas. Debaixo do mais severo sigilo, que eu me pusesse à frente de quatro companhias de soldados e viesse ajudar a empresa de Vosmecês...

Não podia haver notícia melhor, mais acutiladora, que alegrasse tanto! Os revolucionários fremiram. O Capitão continuou:

— Viemos pelo sertão, disfarçados, abrindo caminhos com grandes cautelas. Aqui chegamos são e salvos. Fomos nos esconder na mata de João Fernandes. Ninguém suspeita da nossa chegada. Ao primeiro grito, senhores, estaremos ao seu lado. Viemos combater com Vosmecês pela causa da Liberdade!

Foi um alvoroço. Grandes alegrias. Palmas.  
André Vidal bradou então:

— Senhores! Falta-nos agora um chefe. Qual há de ser o comandante que nos há de conduzir em empresa tamanha? Eu proponho um. É homem de ferro. É senhor mais alto do Arrecife. É o mais rico da terra. Ei-lo!

E apontando o madeirense, exclamou:

— É João Fernandes Vieira! Todos nós conhecemos as energias deste lutador. É inútil rememorar-las aqui. Portanto, meus senhores, que seja ele o nosso chefe. Eia, pois, amigos: reconheçamo-lo como tal e tratemos de obedecer-lhe em tudo.

Antônio Cavalcanti ouviu a proposta. Ouviu e empalideceu. Os seus olhos chispavam estranhamente. Não se dominou:

— João Fernandes?  
— João Fernandes, confirmou André.

Bernardino de Carvalho, o desafeto do madeirense, ergueu-se. Aquela proposta agitara-o também. E bradou com ímpeto:

— E Vosmecê, André Vidal? Por que não Vosmecê?<sup>26</sup>

— Eu sou apenas soldado. Sou parcela pequenina nesta empresa. As pessoas de prol, as mais poderosas da terra, são as que devem prestigiar o movimento, chefiando-o. Eis por que, na minha opinião, para Governador da Liberdade Pernambucana, pensei em João Fernandes Vieira; e para Vice-Governador, pensei em Vosmecê, Antônio Cavalcanti! Que dizem Vosmecês desses dois nomes?

— Viva João Fernandes!  
— Viva Antônio Cavalcanti!  
— Bravos! Bravos!

---

<sup>26</sup> Mem. Hist. de Pernambuco, de Fernandes Gama. Vol. 11, pág. 149.

João Fernandes ergueu-se. Serenou o tumulto. O madeirense explicou aos comensais:

— É preciso que Vosmecês saibam, meus amigos, que já despachei dois emissários: um para Henrique Dias, o chefe negro, outro para Camarão, chefe bugre. Ambos já responderam. Ambos a estas horas, estão descendo das matas para virem se bater pela causa da Liberdade!

Romperam novos brados de alegria.

— Camarão!  
— Henrique Dias!  
— Viva! Viva!

Tocaram-se os copos em honra das dois bravíssimos chefes. Nisto, cm meio à bulha, ecoou inesperado tropel de cavalo. Arrefeceram incontinenti os brados. Instante de silêncio. Na sala, diante da estupefação de todos, surgiu um oficial flamengo, chapéu emplumado, pantalonas encarnadas. Os convivas ergueram-se pálidos, aturdidos. Mas. André Vidal conteve-os com um gesto:

— Não se assustem. É Teodósio Hoogstraten, um dos nossos...  
— Como?  
— Um dos nossos, tornou André, sorrindo. Um grande amigo da nossa causa!  
— E a prova disso, bradou Hoogstraten, que venho trazer a Vosmecês uma notícia soberba. E é isto: a causa está ganha!

E com o gesto amplo:

— O Príncipe Maurício de Nassau, o único homem capaz de conter a rebelião, acaba de ser chamado à Holanda.  
— Quê?  
— Sim, Maurício vai partir do Brasil: foi demitido de Governador! Acabo de receber, pela nau que aportou agora, um aviso secreto de Holanda. Só eu, neste momento, o sei em Pernambuco. A palavra de Arcisiewky, as minhas cartas, as cartas de Tournalon, fizeram efeito: Maurício está por terra!

A notícia era fulminante. Maurício de Nassau demitido! Ah, aquele nobre Príncipe, com o seu prestígio, era, sem dúvida, o mais forte estorvo para a vitória da empresa. E a partida dele, assim imprevista, vinha em hora tão providencial, tão incrível, que todos viram nela o dedo de Deus. Que alegria! Eletrizados, sacudidos, prorromperam num delírio:

— Viva Pernambuco!

Uma tarde de cavalhadas

O Príncipe de Nassau desentorpecera a Cidade Maurícia com atordoante ribombo de festa.

O eco das cavalhadas retumbava longe. De toda a Capitania, dos rincões mais ásperos, timbraram os principais da terra em acudir luzidamente aos torneios.

Foi em toda a parte um açodamento nunca visto. Que reboliços! Saíram das velhas arcas os belos trajes garridos, os estofos de cores uivantes, as plumas, as golas de renda, os passamanes acairelados de ouro, mil louçânias magníficas, de pique elegantes, talhadas no Reino e nas Flandes, que eram o toque do tour entre as gentes de nascimento e prol.

Todo empoado o senhorio-de-engenho, estadeando capricho e pompa, aprestara-se com faustos de embasbacar. Não houve poupança. Abriu-se a bolsa rasgado e largo.

Rodrigo Mendanha foi o único rapaz que não se alvoroçara com tão provocante reboar de festa. Venenosa tristeza embrumava-lhe a alma. O noivo, no desespero que o pungia, não cogitara em sair à liça disputar justas.

Frei Manuel veio sacolejá-lo como uma rajada. Era preciso, dizia o velho, não desatender a convite tão honroso; furtar-se aos torneios, no momento em que Maurício andava tão empenhado neles, era um desprimor. Era forçosamente ofendê-lo. E por quê?

— Nada de prantos, filho! Atavie-se com as melhores galas, isto sim: salte para riba dum ginete, seja o mais apontado cavaleiro das corridas!

Frei Manuel espicaçou-o tanto, com tais incitamentos, que Rodrigo se decidiu afinal.

Chegou o grande dia. A Cidade Maurícia enguirlandou-se vistosamente. Era um fervilhar de gente, eram galhardetes palpitando ao vento, música de adufes, pavesees vermelhos nas fortalezas, troar de colubrinhas, tudo a alvoroçar a cidadezinha com vivida alacridade.

Rodrigo Mendanha enfeitou-se com bizarria. Que magnífico donzel! Ia ser, fatalmente, o mais galhardo dos torneadores da tarde. Saiu. Um baio de raça esperava-o. Cavalos esbeltíssimos, pernas finas, ar de agilidade nervosa. Rodrigo montou. O animal, entezando o pescoço, partiu num trote largo, com ufanía.

O ponto de encontro era na Várzea. Aí é que se formariam as quadrilhas antes de partirem para o curro. Já por toda a esplanada, quando Rodrigo apareceu, fervilhava garrido tumulto de torneadores. Estava tudo prestes. Esperava-se apenas por Maurício. O Príncipe, à frente das alas, deveria romper a marcha.

Nisto, varando em meio aos cavaleiros, o Bastião esgueirou-se até Rodrigo Mendanha. Chamou-o de parte, com grande cautela:

— Vim trazê isto...

— Entregou-lhe um bilhete, sorrateiramente. O moço, com surpresa, lançou olhos ávidos sobre o papel. Dizia assim:

**Rodrigo** — Segismundo Stake chegou. Salve-me!

**Carlota**. — O rapaz empalideceu. Um raio, que estourasse nele, não o fulminaria tanto! Foi uma punhalada. Que fazer? As letras do bilhete bailavam diante de seus olhos tontos. O infeliz não podia raciocinar.

Em meio dessa tonteira, naquele aparvalhamento, estrondou de súbito férvida algazarra. Romperam de todo o lado gritos atroantes:

— Viva Nassau! Viva Nassau!

É que Maurício de Nassau chegara. Vinha esplêndido, chispando, mui teful na sua garridice de gentil-homem, distintíssima. Montava um belo alazão encaracolado, orelhas trepidantes, arreiado custosamente de prataria que fuzilava ao sol. Trazia gibão de seda pérola, calções fofos com cairel de prata, gola encanudada, chapéu de plumas vivas, botas franjadas de cano alto, espada.

As quadrilhas formaram-se de pronto. Dum lado, os flamengos e os estrangeiros: doutro lado, os pernambucanos e os portugueses. Assim:

Príncipe Maurício da Nassau  
Paulo Damas, escolteto  
Carlos Tournalon, secretário  
Capitão Pistol  
Capitão Pelnes  
Cap. André Vandlor  
Teodósio Hoogssraten  
Cap. Alexandre Bucocht  
Capitão Doctri  
Capitão João Cuint  
Capitão Lindamão  
Alferes Huitonouem  
Pedro Morinho Falcão  
Antônio Cavalcanti  
João Fernandes Vieira  
Rodrigo Mendanha  
João Pais Cabral  
Pedro Correia da Cunha  
Antônio Bezerra  
Manuel Gonçalves Diniz  
Tomé Lopes  
Vicente Reis da Costa  
Lourenço Nunes Vitória  
Pedro Cardigo, o velho<sup>27</sup>

O Príncipe esporeou o ginete. Rompeu a marcha. As duas fileiras ondearam com grandes garbos. Que lindo! Era um gosto o ver aqueles saios, aqueles tufos, aquelas plumas, aquelas cabeleiras em trunfa, aqueles colares à balona, aqueles mantéus de nizas brancas, todos aqueles atavios ostentosos que fulgiam numa bizarrice de coloridos fortes. As duas serpes, ondulando magníficas de pimponice e brios, atravessaram a ponte, cortaram as ruelas da Cidade Maurícia, desembocaram triunfalmente na praça dos jogos.

Foi um delírio!

Tiniram charamelas. Trovejaram vivas. Reboou estrépito de palmas frenéticas. Os cavaleiros, dois a dois desfilaram sacudidos diante das paliçadas que fremiam. Que galas! Toldos de seda, colchas da Índia, damascos de listrões encarnados, franjas, cortinas, chamalotes, tudo se estadeava airosamente ante o olhar enamorado dos torneadores. Dentro dos pavilhões ligeiros, recobertos de cochins de veludo, enguirlandados de bandeirolas, ia uma grulhante ninhada de donas, muito louçãs e custosas, rindo-se, papagueando, numa profusão gritante de veludos e pedras.

---

<sup>27</sup> Frei Calado, pág. 109.

Nada mais estonteador do que aquele marchetado torvelinho de damas. Ali, as coifas de ramais de seda, as vasquinhas de tafetá, as saias de girão, as mangas golpeadas, os chapins de fivela de ouro, os corpilhos de cetim muito atacados na cinta...

D. Ana Pais estava no camarote do Príncipe, veio espantosa, recamada de jóias, pingentes nas orelhas, afogadeira de rubis ao pescoço, a fulgir dentro da sua rica aljuba lavrada e da sua imensa saia-rodada coberta de bretanhas.

Gilberto Van Dirth, sempre adamado e casquilho, não se despregava um instante dela, devorando-a, cortejando-a com escândalo, suspirosamente.

Rodrigo Mendanha, ao desfilar pela Praça, corraera olhos febreiros por aquela multidão faustosa. De repente com um uivo de dor, o rapaz viu no camarote de João Blaar a cena lancinante: Carlota Haringue e Segismundo Starke. Os noivos vieram assistir à tarde das cavalhadas. Rodrigo contemplou-os por um segundo. O sangue, num alvoroço, chofrou-lhe febrilmente ao rosto. Que angústia! O seu desejo, naquele instante, era pular no camarote, agarrar Carlota, derrubá-la na garupa do seu cavalo, fugir com ela pelo mundo.

As duas alas deram volta à Praça. Estacaram diante do pavilhão dos juizes. Ai, com primor e gentileza, os cavaleiros desembainharam as espadas. Feita a saudação do estilo, desencadearam atordoantes as charamelas: e os cavaleiros, debaixo de braçadas de flores, saíram a correr a primeira lança.

A primeira lança... Ah, foi um encontro férvido! As duas alas, num galope solto, precipitaram-se uma na outra, a lança em punho, como em combate sangrento. O ginete de Carlos Turlon, tropeçando, desgarrou-se do bando. O cavaleiro não pôde se medir com o adversário. Mas, as duas alas chocaram-se rijamente. Chocaram-se com fúria. No ímpeto do choque, houve cavalos que baquearam e cavaleiros que desabaram. Fernandes Vieira, no entanto, portou-se com soberba mestria. Muito airoso e composto, a lança em riste, foi o único torneador que agüentou firme na sela. Foi o único: todos os demais competidores, findo o encontro, ou estavam por terra ou estavam sem ginete. Estrugiram ovações reboantes! O poderoso senhor-de-engenho conquistara galhardamente o prêmio de honra.

Mas, os juizes eram flamengos. Doeu-lhes a vitória do madeirense. Por isso, ao verem Carlos Turlon desgarrado das alas, serviram-se desse pretexto para anular a justa: mandaram correr mais outra lança. As quadrilhas, com o mesmo ímpeto, precipitaram-se uma na outra. Novo choque flamejante. Mas, Fernandes Vieira continuou o primeiro. O madeirense, mais uma vez, foi o único que não caiu da sela: ganhara briosamente aquela lança.

O vencedor subiu ao palanque onde estavam os juizes. D. Ana Pais, convidada para entregar os mimos, escolheu na salva de prata um trancelim cravejado de pedras. A linda pernambucana, com o seu melhor sorriso, ofertou-o graciosamente ao cavaleiro triunfante.

João Fernandes agradeceu, tomou da jóia, virou-se para Carlos Turlon, o seu competidor, apresentou-o cavalheirescamente:

— Permita, Carlos Turlon, que eu ofereça a Vosmecê este mimo.

E entregou-lhe o trancelim<sup>28</sup>.

Tempestuaram palmas. A música rompeu com vivo estrépito.

E continuaram os torneios...

---

<sup>28</sup> Frei Calado traz, com esse e outros detalhes, a descrição minuciosa das cavalhadas.

Que tarde cheia! Lanças, alcanzias, jogos de cana, tira-cabeça, corrida aos patos. Tudo foi disputado com desempenho loução.

Rodrigo Mendanha desistira de correr lança. A cabeça fervia-lhe. As têmeoras latejavam-lhe esbraseadas. Toda a tarde, oculto atrás dos palanques, o rapaz esmoera-se num desespero.

Afinal, pelo vasto pátio embandeirado, estrugiu grande alarido de júbilo. Prorrompeu de todo o lado um grito só:

— Argolinhas! Argolinhas!

É que os escravos, cortando o circo, distendiam a corda das argolinhas.

Era a hora suprema. As moças casaduras freiriam de ânsia. Não havia rapariga que não sentisse pular o coração, ao receber diante do olhar do povo, a prenda que conquistasse o seu cavaleiro.

Frei Manuel, com jeito, muito discretamente, descera das paliçadas e corra à cata de Rodrigo:

— Você está louco, rapaz! Os belgas andam a chalacear a sua ausência. Deixe de fraquezas! Vá disputar as argolinhas! Mostre quem é você!

O rapaz encarou no frade com fúria. Aquilo alfinetou-lhe o coração. Aquele "mostre quem é você" lanhou-lhe o orgulho como uma espadeirada. Virou-se com assomo:

— Fique sossegado, frade! Eu vou mostrar quem sou eu!

Afogueado, com um pulo nervoso, saltou para o baio. Havia nele estranha deliberação. Frei Manuel assustou-se.

— Que irá fazer esse desmiolado?

Rodrigo Mendanha entrou na liça. Vinha pálido e belo. O lustre do traje ressaltava-lhe o garboso do donaire. Saio chamalotado, pantalonas de cetim azul-ferrete. mangas tufadas, forro de veludo negro, o terçado de copos no talim de prata. Por todos os pavilhões, ao vê-lo, foi um murmúrio só:

— Que soberbo garção!

Rodrigo, a lança em punho, a cabeça erguida, correu orgulhosamente os olhos pelos camarotes. Avançou até as alas dos cavaleiros. Enfileirou-se aos demais. Sofreou o halo. Esperou.

De súbito, atroaram os adufes. Era o sinal.

Os cavaleiros, curvos na sela, fincaram-se pelo pátio como um furacão. Foi um redemoinho de pó! Dez segundo de anseio, de palpitação. O coração dos espectadores estrondejava forte no peito. E todos eles, quando os cavalos estacaram, cravaram olhos sôfregos nos lidadores: Rodrigo Mendanha era o único que trazia a argolinha bailando na lança!

Estrugiram brados e reboaram aclamações:

— Rodrigo Mendanha!

— Viva! Viva!

O rapaz aproximou-se do palanque dos juizes. Sobranceiro, a fronte alta, mostrou-lhes a argolinha vencedora. D. Ana Pais, a distribuidora dos prêmios, enfiou-lhe na ponta da lança um belo anel de ouro com diamantes de preço. E sempre maldosa, com a sua ingenuidade pérfida, felicitou risonhamente o vencedor:

— Parabéns, Rodrigo; que vitória!

E com um sorriso escarninho, venenoso:

— Qual será a moça venturosa que vai ganhar tão rica jóia?

Rodrigo fitou-a. Teve vontade de esfaqueá-la. Mas, não se perturbou. Arrogante, com esmagadora altanaria, respondeu impávido:

— Esta jóia é para minha noiva, D. Ana Pais.

E virando-se ao lado, para o camarote de João Blaar, alto, muito firme, estendendo provocantemente a lança:

— Carlota, minha noiva, esta prenda é para você: ei-la!

Carlota Haringue embranqueceu. Aturdida, sem saber como, a pobre noiva agarrou às tontas na jóia...

Momento de estupefação. Súbito calefrio arrepiou a todos. Segismundo Starke ergueu-se lívido, olhos faiscantes, a espada em punho. Num ímpeto, antes que alguém o tolhesse, atirou-se dum salto para dentro do pátio. Rodrigo, ao mesmo tempo, lançou-se rápido do cavalo abaixo, com o terçado já fora da bainha. Foi um relâmpago!

Toda a assembléia, sacudida, levantou-se a ofegar, estuporada. Diante da multidão, diante dos olhos tontos dos espectadores, desenrolou-se então esta cena fulminante, violentíssima:

Segismundo Starke, espumejando, manda contra o brasileiro formidável golpe de espada; mas Rodrigo Mendanha, desviando-se, atola a lamina do terçado no peito do batavo!

Vivo jorro de sangue brota nos bofes alvos da camisa. Segismundo desaba ao chão. A assembléia freme, estatelada.

— Oh!

Os soldados da guarda, saltando a estacada, acorrem precipitados. Grande balbúrdia. Algazarra. Vai-vém de gente. Confusão de vozes...

Rodrigo Medanha é logo preso. Conduzem-no, entre carabineiros, para a Fortaleza Ernesto.

A partida do Príncipe

Nessa mesma tarde, inesperadamente, aportou à Cidade Maurícia um caravelão flamengo. Era o Zaz van Gent. Vinha dos Estados com despachos importantíssimos. Trazia para o Príncipe, além de certo ofício urgente, mandado pelo

Conselho dos Dezenove, uma carta secreta do próprio Stathouter da Holanda, primo de Maurício.

O Príncipe ainda tinha festa no Palácio de Friburgo. Sua Alteza oferecia aos torneadores, depois das cavalhadas, grandiosa representação de cômicos. Pela primeira vez, no Brasil, ia ser levada à cena uma comédia. Comédia francesa, dita em língua francesa, por cômicos franceses: foi aí, como se vê, nesse alvorecer bruxoleante da nacionalidade, que primeiro se injetou na alma brasileira o vírus do francesismo...

Antes de receber os convidados, ao tornar do pátio dos jogos, Maurício de Nassau correu ansiosamente os olhos por aquelas letras.

O ofício do Conselho dos Dezenove era longo e grave. Nassau leu-o. Leu-o e empalideceu. Referveu-lhe no coração surda ira.

Com mordente irascibilidade, agarrando na carta secreta que recebera do primo, Stathouter dos Estados, devorou-a dum fôlego.

Nunca imaginara o Príncipe, na sua vida, receber as notícias que recebera! Sim, era de assombrar! Sombrio, com os nervos revirados, o grande flamengo remoía-se. Ódio fundo espumejava nele...

Súbito, varando pelos aposentos de Sua Alteza, Estrebon, o pagem e camareiro, avisou que Gaspar Dias era já chegado ao Palácio.

— Gaspar Dias? Diga que entre para aqui. E que entre já!

Gaspar Dias entrou. O Príncipe, ao vê-lo, foi bradando com agitação:

— Sabe que há despachos de Holanda, Gaspar Dias?

— Sei, Príncipe. Contou-me o capitão do veleiro. Chegaram letras importantes?

— Importantíssimas! Bradou Nassau fremindo; há uma, sobretudo, que é de espantar!

— Ouça, Gaspar Dias, ouça e pisme: acabo de ser dispensado de governador do Brasil!

— Vossa Alteza?!

— Eu!

— É incrível, prorrompeu Gaspar Dias, abrindo os braços, revolucionado; é um absurdo!

— Leia!

E o Príncipe passou a Gaspar Dias o despacho dos Estados. O funha leu. Não havia dúvida! Maurício fora chamado para a Holanda.

— Diabo, exclamava o rábula aturdido; que ato estranho! É inconcebível...

E coçando a barba, zozzo:

— Diabo! Qual seria a razão desse despacho. Príncipe? Que deliberação descabida!

Maurício não comentou. Tomou da carta secreta e entregou-a secamente a Gaspar Dias:

— Leia!

Na carta, entre outros tópicos, o primo dizia que:

“... Se admirava muito de dizerem, e escreverem, que Maurício fazia coisas muito fora de caminho, levado por conselhos dum Portuguez muito do seu peito...”

Gaspar Dias levantou para Maurício olhos que fuzilavam. Mas o Príncipe, com um gesto, ordenou ríspido:

— Continue!

A carta desenrolava-se deste jeito:

“... Que Maurício estivesse certo que se sabia tudo o que no Brasil se passava; e lhe fazia saber que em Olândã se affirmava que elle, Maurício de Nassau, tinha tres grandes amigos portuguezes com os quaes de continuo tratava, a saber: o primeiro, era um frade de nome Frey Manoel do Salvador; o segundo, João Fernandes Vieira; o terceiro, Gaspar Dias Ferreira. Este último fazia-lhe emprehender coisas injustas e executar muitos desaforos contra os moradores; que o caminho por onde este home o levava era o interesse de ajuntar dinheiro à custa do sangue dos pobres; que este home fazia. rico ao Príncipe e se fazia rico a si...”

Gaspar Dias arregalava os olhos, assombrado.

— Que infames!

Nassau, porém, com o seu gesto ríspido:

— Continue!

A carta arrematava então com este capítulo arrasador:

“Que tambem se dizia — e isto era o mais grave! — que a primeira e principal causa de tanta privança deste home, havia tomado fundamento por via de CERTA MULHER, pessoa mui formosa, moradora na terra...”<sup>29</sup>.

— É fabuloso, gesticulava Gaspar Dias, chamejando; que intriga mais vill!

— É alusão direta a D. Ana Pais... Exclamava Maurício.

— Direta, concordava Gaspar. É alusão clara. E quem seria essa alma-danada que enviou para a Holanda tanta alcovitice?

Os olhos piscos de Gaspar Dias despediam centelhas. O raposão irradiava fúria. E depois de um rápido silêncio:

— O forgicador desta trama, Príncipe, é alguém que se dói por D. Ana. Para mim, francamente, só há uma pessoa... — Carlos Toulon! Bradou Gaspar Dias.

— Carlos Toulon! Confirmou o Príncipe de Nassau. É ele! Não há outro.

Nisto, abrindo de novo a porta, Estrembon penetrou com violência na câmara:

— D. Ana Pais está aí; precisa falar com urgência a Vossa Alteza.

— Que entre!

---

<sup>29</sup> Frei Calado, pág. 611.

D. Ana entrou. Vinha pálida, ofegante, um ansioso desespero pintado no rosto.

— Sabem, senhores, o que aconteceu?

— Rodrigo Mendanha fugiu!

Ambos, o Príncipe e Gaspar Dias prorromperam num só grito:

— Quê? Fugiu?

— Como? Bradou o Príncipe espantadíssimo, fugiu como?

— Não sei! Pergunte Vossa Alteza a Carlos Turlon, o encarregado de vigiá-lo...

— Carlos Turlon?

— Sim, Príncipe. Rodrigo Mendanha foi conduzido à Fortaleza Ernesto. Carlos Turlon fechou-o na prisão, com o carcereiro à porta, esperando que Vossa Alteza decidisse o caso. Eis que agora, com assombro de toda gente, o preso e o carcereiro fogem! Fogem juntos, como amigos, mesmo nas barbas de Carlos Turlon!

— Mas é um traidor esse Turlon, exclamou o Príncipe num rompante; é um miserável!

— É um canalha! Bradou Gaspar Dias, fuzilando.

— É um canalha, reafirmou Maurício, numa exaltação; ainda agora, D. Ana Pais, por carta secreta de Holanda, acabo de saber coisas terríveis. Imagine isto: uma denúncia contra mim, D. Ana! E uma denúncia por causa de Vosmecê...

— Por minha causa?

— Por causa de Vosmecê. Leia!

E mostrou a carta.

A pernambucana correu olhos ansiosos pelo papel confidencial. Leu. E abriu a boca, estatelada! Não queria acreditar no que via. Bradou indignada:

— Foi Turlon, insistiu Gaspar Dias; isso é claro como a luz do sol. Foi o biltre! Ali, não é a toa que o abandonado vive aos abraços e aos beijos com João Fernandes! Tudo para ele é João Fernandes! Só João Fernandes! E agora, vejam, para bajular a esse cão de João Fernandes, deixa Rodrigues Mendanha escapar!

— Que tratante, vociferou Maurício; é um bandido!

E bateu palmas Estrembon entrou.

— Faça vir aqui o Capitão Carlos Turlon.

O pagem partiu às pressas à cata do Capitão da Guarda.

A história que acontecera a Rodrigo fora simples. Carlos Turlon, mal o conduzira à Fortaleza, ordenara ao Bastião que se postasse às grades do cárcere para vigiar de perto o recolhido. Viu bem o Capitão que o rapaz estava desgraçado. A sorte dele era força. Força, nada mais! D. Ana saberia, mais do que nunca, tirar uma vingança cruel.

Então, diante daquela fatalidade. Turlon incendiou-se da coragem mais louca. Enveredou-se num ímpeto pela prisão a dentro. Chamou o preso. Bateu-lhe forte no ombro:

— Você quer fugir?

Rodrigo arregalou os olhos, bestificado. Diante daquele espanto, o Capitão sacudiu-o com força:

- Você tem um companheiro de confiança?
- Tenho!
- Quem é?
- O Bastião...
- O Bastião? Exclamou Turlon, pasmado; o carcereiro?
- Esse mesmo!
- Bravíssimo! Não pode ser melhor. Dentro de meia hora, meu rapaz, vocês terão dois cavalos às ordens. Sejam felizes! Adeus...

Meia hora depois Rodrigo e Bastião, envoltos em grandes mantéus de capuz, voavam como loucos, fantásticos, a caminho do engenho de João Fernandes.

Eis porque, naquele instante, Carlos Turlon entrou pálido, nervosamente, na Câmara do Príncipe. A voz tremia-lhe:

— Alteza!

Nassau encarou-o. E com a mais rude bruteza do gestos:

- E Rodrigo? É certo o que acabo de saber?
- É Alteza. O preso fugiu.
- Mas fugiu como?
- Subornou o carcereiro que o vigiava. Ambos, não se sabe de que jeito, escaparam juntos da Fortaleza.
- Mas isto é um escândalo, Capitão! Uma farsa!

Turlon defendeu-se como pôde:

— Que podia eu fazer, Alteza? Encarcerei o moço. Encarcerei-o com sentinela à vista. Vossa Alteza bem vê que tomei a maior precaução. Mas vai o guarda e entende-se com o preso. Prepararam a fuga. Fogem! Que culpa, Príncipe, é que me cabe nesta fatalidade?

Nassau fitava-o com uma fúria chispante. Depois, num escachô, borbulhando:

— Sabe o que mais, Capitão? Eu devia mandar enforcar a Vosmecê. Vosmecê é um traidor. Um vendido!

— Alteza!

— Um vendido! Toda a gente me dizia que Vosmecê atraía a Holanda. Que andava metido entre conjurados. Eu não quis jamais dar crédito aos delatores. Mas vejo agora que errei. Vosmecê é um traidor! E para que se acabem, uma vez por todas, essas torpezas e patifarias, Vosmecê está demitido! Ouviu? Amanhã, sem mais tardança, Vosmecê embarcará no veleiro que está no porto, partirá direto para os Estados. Não quero que Vosmecê permaneça aqui mais um instante. Quero que saia da minha vista! Quero que saia para nunca mais...

Carlos Turlon ouviu a ordem fulminante. Fitou o Príncipe bem nos olhos. Sorriu um sorriso irônico:

— Partirei, Príncipe; mas, antes de partir, peço a Vossa Alteza uma graça. Uma só! Com ela, creia-me, estarei pago destes longos anos de América: suplico à Vossa Alteza que ordene a D. Ana Pais ficar no Brasil. Quero partir só. Deixo-a para quem quiser...

D. Ana pulou:

— Vosmecê se engana! Eu é que não quero acompanhá-lo! Tenho pejo de seguir ao lado dum miserável como Vosmecê. Pode partir sozinho! Partir expulso daqui como traidor.

O Príncipe interveio:

— Basta! Está decidido: Vosmecê partirá sozinho. E partirá amanhã, sem mais tardança<sup>30</sup>.

Com um gesto duro, apontando a porta da saída, bradou áspero:

— Retire-se!

Pieres Boniuz, mestre-sala do Palácio, varejou nesse momento pela câmara a dentro:

— Estão repletos os salões, Príncipe. Os cômicos só esperam por Vossa Alteza.

Maurício, como batido por uma lufada de ar frio, amainou as suas cóleras. Compôs o semblante. Desanuviou o cenho. Afofou os bofes de renda.

Depois, virando-se para D. Ana, muito solícito:

— E Segismundo Starke?

— Não morreu, Príncipe. O doutor Pison garante que o salva. Por isso lá está, com os seus unguentos, à cabeceira do rapaz.

— Ainda bem!

E Nassau, já serenado, como se nada houvesse acontecido:

— Vamos para o salão?

E lã se foram todos assistir à representação dos cômicos.

Foi naquela tarde de cavalhadas, portanto, que Maurício recebera a ordem de partir para os estados. Sua Alteza não se fez esperar. Anunciou a partida, largou o governo na mão dos sucessores, e aprestou-se. Aprestou-se celeremente.

Dentro de poucos dias, na Cidade Maurícia, reboou grande estrépito de caixas e clarins: o grande Príncipe de Nassau deixava definitivamente a terra do

---

<sup>30</sup> Frei Calado, pág. 61: "Esse capitulo da carta mostrou o príncipe; e deitando o pensamento a que poderia ser o mexeriqueiro, resolveu que dentro de sua casa lhe avião feito o mal. E logo tirou o ofício a Carlos Tournalon, que era o Capitão da Guarda, etc.". Varnhagem, pág. 172: "acreditou-se que estava entre os conjurados o próprio Carlos Tournalon, Comandante da Guarda de Nassau, casado com a bella pernambucana D Anna Paes".

Brasil. A Capitania inteira moveu-se para a despedida. Os membros do Supremo Conselho, escabinos e escoltetos de todas as Câmaras, poderosos senhores-d'engenho, capitães das fortalezas, companhias e companhias de soldados, tudo lá foi, num séqüito pomposo, por léguas de caminho, acompanhando respeitosamente o homem que governara o Brasil durante oito anos fulgurantes. O grande político rumou caminho da Paraíba. Acampou-se naquela Capitania. Esperou aí pelas naus que deviam conduzi-lo para os Estados.

Antes da partida, porém, com surpresa e espanto, viu Maurício surgir diante de si o vulto esganiçado de Gaspar Dias. Vinha o rábula num desespero, aturdido, devorando sertões, com medo agonizante no coração. O Príncipe, ao vê-lo, gritou alarmado:

— Que há, Gaspar Dias? Que é que trouxe a Vosmecê assim tão descomposto?

Gaspar Dias, abrindo os braços:

— Revolução! Revolução, Príncipe! Revolução por toda a parte!

— Que diz Vosmecê? Exclamou Maurício, chocado; que diz Vosmecê aí, Gaspar Dias?

— Pará e Maranhão já se rebelaram contra Holanda. Vai por lá tremenda carniçaria. Henrique Dias atravessou o Rio Real com os seus negros. Camarão, à frente dos índios deixou o mato. Só falta, Príncipe, a revolução rebentar no próprio Pernambuco, E isso é já...

Maurício franziu o sobrolho:

— Como Vosmecê sabe de tudo isso, Gaspar Dias?

— Por mensageiros que chegaram à Maurícia. Todos os Governadores mandaram pedir socorros. O Supremo Conselho reuniu-se. Eu fui ouvido...

— Vosmecê, atalhou Maurício, diante de fatos assim graves, que é que pretende fazer?

— Uma coisa só, Príncipe; e é isto: partir para a Holanda!

— Quê?

— Partir para a Holanda! Partir com Vossa Alteza! Brasil já não me tenta. Quero ir-me desta terra. E longe, sem arriscar a vida e os teres, quero assistir ao vai suceder cá pela colônia...

No outro dia, seguido pelo seu velhaquíssimo amigo, Maurício de Nassau embarcava para a Holanda.

Partiu assim do Brasil a figura mais culminante da época. Ninguém, como esse Príncipe, enchera a Colônia de fama tão alta. É que Maurício de Nassau aqui aportara com a alma ressoante de entusiasmos. Trouxera para o país novo a sua energia moça, galharda, sôfrega de realizações magníficas. Guerreiro e político, artista e fidalgo, culto de toda a cultura de seu tempo, sonhara Maurício transplantar na terra virgem todas as conquistas civilizadoras da sua Pátria. Foi ele o primeiro que lançou na América, com as Câmaras dos Escabinos, os primórdios da representação popular. Foi ele o primeiro que, inacreditavelmente, com um modernismo chocante esses obscuros tempos, convocou essas mesmas câmaras numa Assembléia Representativa, assembléia essa que legislou sobre as necessidades da terra. Foi ele que se bateu vigorosamente, em meio da tormenta religiosa, pela liberdade de todos

os cultos. Foi ele que conseguiu de Holanda, com um tino genialíssimo, que o nobilita, a abertura dos portos da Colônia a todas as nações do mundo.

Mas não foi só isso. Além desses rasgos políticos, tão prodigiosamente avançados para a época, Maurício aformoseou com decoro os seus Estados. A Cidade Maurícia, que ele construiu com carinho, sob um plano traçado pelo seu próprio punho, foi, no consenso unânime dos que a viram, uma prodigiosa realização. O Palácio de Friburgo, tão celebrado nas crônicas coevas, arremessou longe, pelos sertões mais rudes, a fama da sua opulência e da sua grandeza. O sulco dessa passagem do Príncipe, não há dúvida, marcou fundo o seu porte de gigante. Seria o único homem capaz de consolidar na América a conquista flamenga. E eis porque, ao partir daqui, por uma impolítica gritante, partiu com ele, para todo o sempre, o domínio holandês no Brasil.

As notícias que arreventaram na Cidade Maurícia aterrorizaram aos três do Supremo Conselho. Os homens mal acreditavam no que ouviam. O levante do Maranhão sacudiu-os. A marcha depredadora de Camarão e Henrique Dias estatelou-os. Foi um pânico! Diante de tanta borrasca, apavorados, reuniram-se para decidir.

Hamel, mercante de Amsterdan, Bollestrate, antigo carpinteiro de Midleburgo, Pedro Bas, traficante de negros, são agora os sucessores de Maurício.

Os três, dentro do Palácio de Friburgo, discutem com alvoroço, ansiadamente, os acontecimentos incríveis. Eis que, rompendo pela sala do Conselho, surge Sebastião de Carvalho.

Sebastião de Carvalho! É aquele estranho lavrador de pau-de-tinta, aquele homem sombrio, de poucas falas, que traz no coração grandes ódios recalcados. Amigo dos flamengos, Parceiro devotado deles, a palavra do miserável tem uma autoridade única. Os três do Supremo Conselho ouvem-no. Ouvem-no estuporados, os cabelos no ar, uma assombro idiota nos olhos. E Sebastião de Carvalho, infame e cínico, delata com firmeza.

— A rebelião desencadeia-se já, meus senhores! João Fernandes e Antônio Cavalcanti são os chefes. André Vidal foi a alma que a tramou. Está tudo preste a romper. Os revoltosos, na ceia de João Fernandes, assinaram um pacto de morte. O plano é este: por ocasião do casamento dos filhos de Cavalcanti com os cunhados de João Fernandes, realizar-se-á, com grandes pompas, a festa das bodas. Para essa festa, como é notório, Vosmecês todos já foram convidados. Pois bem, no meio da alegria, quando, desprevenidos, estiverem todos a se divertir, os revoltosos cairão de surpresa sobre Vosmecês... Vai ser chacina! Não ficará vivo um só holandês!

Foi por aí afora. Denunciou tudo. Enumerou nome por nome. Desvendou detalhe por detalhe. Os homens escutaram-no suspensos, devorando-lhe as palavras.

— Mas, como Vosmecê sabe de tudo isso, Sebastião de Carvalho?

— Como sei? Imaginem que o meu irmão, Bernardino de Carvalho, é revolucionário. E, como tal, compareceu à festa de Vieira. Foi dos primeiros a assinar o compromisso de Vidal. Mas como é meu irmão, e quer abrigar-me de qualquer surpresa, revelou-me toda a conjuração! Quer à viva força que eu fuja da Capitania..<sup>31</sup>

---

<sup>31</sup> John Nieuhoff, Voyage and Travels to Brasil, pág 51: "The Great Council was, by the deposition of Sebastian Karvailho, fully convinced the treachery of John Fernandes Vieira and his adherentes... etc.".

Os três do Supremo, diante de denúncia tão categórica, já não hesitaram mais. E tomaram deliberações extremas. Ficou determinado, como medida preliminar, que João Blaar, naquele instante mesmo saísse com uma escolta a prender os cabeças do movimento. Em vez dos revolucionários caírem de improviso sobre os holandeses, os holandeses é que cairiam de improviso sobre os revolucionários.

João Blaar partiu as correrias. E na Cidade Maurícia, angustiosamente, esperou-se o resultado da busca.

Era já tarde, caíra a noite, quando o general tornou. Todos correram a circundá-lo. Que é que aconteceu? O flamengo, abrindo os braços, exclamou num desconsolo:

— Revolução, senhores! Ninguém mais está na cidade. É a revolução que estourou em Pernambuco!

— Revolução, João Blaar?

— Revolução, senhores! João Fernandes, com toda a escravatura, abandonou desde ontem os seus engenhos. Antônio Cavalcanti seguiu-lhe os passos. Antônio Bezerra também. Francisco Berenger também. Todos os principais do Arrecife já se meteram pelo mato. É um levante geral!

Os homens entreolharam-se. A gravidade das notícias arrepiou-os. Não sabiam como resolver. Enfim, com um murro na mesa, Hamel exclamou:

— Senhores! É preciso lutar. Nada de sustos! Dar caça a esses cães, espostejá-los vai ser para nós um brinco militar. Vá preparar imediatamente os seus homens, João Blaar! Vosmecê partirá, amanhã mesmo, ao encalço dos revoltosos. E antes de mais nada, ainda hoje, mandemos pôr a prêmio a cabeça de Vieira...

Redigiu-se ali mesmo, açodadamente, o edital que punha a prêmio a cabeça de João Fernandes: era a revolução!

A semente de André Vidal frutificara.

Tabocas

Pela Província inteira, sacudindo-a, rompeu a notícia formidável:

— Revolução!

João Fernandes Vieira afundara na mata da redondeza. Aí, do seu arranchamento pequenino, soltara pelos sertões o grito da Liberdade. Essa rebeldia, como um raio, acendeu patriotismos loucos. Pernambuco, desentorpecido, ergueu-se formidável, como um só homem. Terra brava e heróica! Não houve ainda, nos entrechoques da nossa história, insurreição mais comovedoramente bela. A nobre Província, a nobre pioneira de Liberdades, essa que tanta vez, por causa delas, haveria de avermelhar com o seu sangue o chão da Pátria, arremessou-se uivando contra o invasor que a sufocava com mãos de ferro. Pernambucano algum que se prezasse impassibilizou-se ante a rajada sangrenta. Tudo correu, num ímpeto, a unir-se ao Grande Chefe. Era de ver-se!

Antônio Bezerra, com todos os filhos, pulara do seu penhasco da serra, feroz como onça acuada. Arnão de Holanda, senhor fidalgo, sobrinho do Papa, descera também de suas largas terras, enchendo medonhamente os matos com o alarido de sua negrada. Antônio Borges Uchoa, que era rico, atulhando as bruacas de muita peça de ouro, botou-se com elas a pelejar contra os excomungados. Antônio

Cavalcanti e Bernardino de Carvalho aperrearam as alabardas, embrenharam-se juntos pela mataria, vieram fervilhantes. D. Maria de Sonsa, a velha senhora-d'engenho, chamou os dois filhos. Eram meninos; um tinha treze anos, outro, apenas doze.

— Meus filhos, disse-lhes, o pai de vocês odiava os belgas, morreu na guerra. Todos os seus irmãos, que os odiavam com o mesmo ódio, também morreram. Agora chegou a vez de vocês. João Fernandes atçou a revolução; vão, meus filhinhos, vão combater os hereges!

Equipou os dois meninos, municiou-os, meteu nas mãos de cada um o mosquete biscainho, mandou-os morrer ao lado de João Fernandes.

Que delírio! Todos os cabos da campanha, fascinados, atropelaram-se em torno do madeirense. Domingos Fagundes, a cassununga do sertão, trouxe consigo briosos leva de mancebos da Várzea, armados de grossos arcabuzes já arrebatados aos flamengos. Francisco Rabelo, o Rabelinho, apareceu no acampamento, radioso, com duas cabeças de belgas espetadas gloriosamente na ponta dos piques. O Capitão Souto, guerrilheiro velho, bravíssimo, surgiu em triunfo, sob um atoar de aplausos, arrastando em velha carreta uma grossa peça de bronze, dois pés-de-cabra, várias palanquetas e muitíssimas balas de picão.

João Fernandes rompeu a marcha pela brenha a dentro. Ah, estavam reservadas para aqueles homens consolações e surpresas incontáveis! Em Maciapé, ao acampar o exercitozinho, entusiasmo fanático explodiu nas gentes daqueles sítios: uma ondada de oitocentos homens veio incorporar-se aos revoltosos! Daí em diante, em cada pouso, sem cessar, chegavam bandos e mais bandos. Escravos, índios, mamelucos, moedores de cana, roçadores, gente de todas as Capitânicas, de todas as idades, de todas as condições. Por fim, no Engenho das Covas vasta partida de soldados, ao mande de Amador de Araújo, engrossou definitivamente o exército rebelado.

Foi aí, em Covas, que João Fernandes estacou. Era necessário arregimentar, compor, instruir aqueles mil e quinhentos homens desordenados e heterogêneos. Principiou, então, no acampamento tremenda lufa-lufa de aprestos.

É noite. Barracas, fogueiras acesas, redes armadas em troncos de árvores, soldados dormindo sobre couros de boi, caldeirões suspensos em correntes de ferro. Esparsos pelo chão, aos montes, bacamartes de vários jeitos, sacatrapos e bandeirolas, alviões e pás, ceiras de esparto, toda a mescla tumultuosa de um exército em campanha.

Numa das barracas, onde há luz dois homens conversavam sombriamente. Um é Antônio Cavalcanti; outro é Bernardino de Carvalho. Ambos, o aspecto irado, fervem.

Bernardino, o irmão de Sebastião de Carvalho, aquele que o delator infame, brada:

— E dizer que tudo isto, Antônio Cavalcanti, que estes mil e quinhentos homens obedecem às ordens do filho da Benfeitinha!

— É verdade, tornava o outro sinistramente; tudo isto obedece a João Fernandes! Ao filho da Benfeitinha! Ao mulato! Ao menino de açougue! Ora veja o mundo, Bernardino de Carvalho...

— E Vosmecê, Antônio Cavalcanti clamava Bernardino asperamente, Vosmecê aqui às ordens desse homem? Como é que Vosmecê pode suportar a

chefia dum vilão? Vosmecê, de sangue tão limpo, de gente tão alta, ao mando de João Fernandes? Ao mando do forro? Isso é lá possível?

Antônio Cavalcanti abria os braços num desconsolo:

— Que se há de fazer?

— Não é possível, tornava Bernardino com azedume. Não há quem acredite. Vosmecê, não outro, é que devia ser o nosso chefe. O exército inteiro sabe quem é João Fernandes! O tipo, além de traste, é português. E esta campanha é de brasileiros. Toda a tropa é só gente da terra.

Antônio Cavalcanti ouvia aquilo com furor. Bernardino de Carvalho, de repente fitou-o com brusqueza:

— Se Vosmecê quiser, Antônio Cavalcanti, Vosmecê será o nosso chefe!

Antônio Cavalcanti estacou. Os seus olhos fuzilaram:

— Eu?

— O exercito inteiro aclamará a Vosmecê...

— Vosmecê está louco, Bernardino?

— Não estou louco, não... Sei muito bem o que digo! Os cabos de guerra odeiam a João Fernandes. Há um desgosto geral. Ninguém quer saber dele no acampamento. O Capitão Fagundes, ainda ontem, dizia isso com todas as letras. O próprio Amador de Araújo é por Vosmecê. É só querer, Antônio Cavalcanti. É só querer e Vosmecê será o chefe!

Antônio Cavalcanti enrugou a fronte. Mordia-lhe o coração um desejo bravio de suplantar o velho rival. E exclamava compungido:

— É pesado aturar esse homem... Um mulato!

— É pesado, incitava Bernardino de Carvalho; pesadíssimo! Vosmecê é um dos mais antigos na conjuração. Vosmecê sempre foi contra os flamengos. Vosmecê nunca tirou proveito deles; nunca recebeu uma dádiva, uma honra, nada! Nem sequer foi escolhido para escabino. Tudo isso foi para João Fernandes. E Vosmecê agora, Antônio Cavalcanti, a obedecer ordens do aderente... A receber ordens do último que chegou?

— É duro, Bernardino de Carvalho! É uma injustiça que dói.

De golpe, batendo forte no ombro do amigo, Cavalcanti interpelou-o com voz surda:

— Vosmecê está bem seguro de que os cabos são por mim?

— Estou perfeitamente certo! Vosmecê quer ouvi-los, Antônio Cavalcanti? Ora, espere. Eu os trago aqui num pulo.

Partiu. Fora, mal saiu da barraca, Bernardino de Carvalho topou estranhamente com um negro que se afastava rápido. Reconheceu-o logo:

— Olá, Bastião!

Era o Bastião. O escravo virou-se solícito:

— Sinhô chamô?

— Chamei. Você não viu o Capitão Fagundes?

— Está arranchado na casa da purga, mais o Capitão Souto e o Rabelinho.

— Pois vá chamá-los. Diga que venham a barraca de Antônio Cavalcanti.

Que venham já!

Daí a pouco, reunidos, os cabos de guerra discutiam com quentura. A barraca ferveu. Vieram à tona despeitos antigos. Bernardino de Carvalho tinha razão! Não havia discordância: o descontentamento era um só. Todos aqueles homens abominavam a chefia de João Fernandes. Todos bradavam uníssonos:

— Eu sou por Vosmecê, Cavalcanti!

A essa mesma hora, diante de João Fernandes o Bastião mexericava... O negro, aquele perigoso leva-e-traz, não perdia vasa de mostrar a alma. E dizia baixinho, entre grandes sigilos:

— Tá tudo lá! O plano deles é derrubá Vancê. Querem o Cavalcanti... A coisa tá pegando fogo!

— E quem é que está lá?

— É o Rabelinho, é o Fagundes, é o Bernardino de Carvalho, é o...

— Bem! Vá em paz.

E despediu o negro com um gesto.

João Fernandes ficou só e começou a refletir. Viu claro aquela trama. Compreendeu logo o despeito de Cavalcanti. Sentiu aquele velho ódio soturno, que vinha sempre à tona, insopitável. Mas João Fernandes não se atemorizou. Era um lutador encarniçado. Nunca fora homem para se abalar atoa. Aquele que principiara como menino de açougue e conseguira impor-se como general em chefe numa rebelião sabia, por certo, desbravar todos os estorvos do caminho. O madeirense encarou frente a frente a situação. Pensou muito e fundo. Depois, meneando dolorosamente a cabeça:

— Cavalcanti! Cavalcanti! Hás de pagar caro. Hás de pagar caríssimo! Verás...

E bateu palmas. Surgiu um soldado.

— Você conhece Rodrigo Mendanha?

— Conheço, General.

— Vá procurá-lo. Diga-lhe que venha à minha barraca. Diga-lhe que venha já.

O soldado ouviu a ordem e partiu às carreiras. Dentro em pouco, no tenda, João Fernandes e Rodrigo Mendanha conversavam em segredo. Que é que disse o grande chefe? Ninguém ouviu. Unicamente, ao fim da conversa, fitou o rapaz com um ar astucioso:

- Entendeu?
- Perfeitamente!,
- Pois então vá. Faça tal qual eu disse...

Rodrigo saiu. João Fernandes acompanhou-o até à porta. Fora, pelo acampamento, ia o mesmo silêncio uma ou outra fogueira, muito amortecida, ainda avermelhava pelas redondezas. Somente numa barraca, que era a de Cavalcanti, distinguam-se algumas sombras de homens que gesticulavam. João Fernandes lançou para lá um olhar comprido. E no silêncio da noite, cerrando o punho, murmurou:

- Hás de pagar caro, Cavalcanti! Hás de pagar caríssimo.

O madeirense tornou a entrar. E de novo, pela noite quieta, caiu um silêncio enorme.

De repente, quebrando a soturnidade da hora, ecoou na solidão brusco patear de cavalo. Ouviu-se pelo acampamento súbita agitação. A sentinela bradou armas. E logo, à presença do chefe, apareceu um cavaleiro. Vinha esbaforido, anelante. Era Rodrigo Mendanha. O moço exclamou dum fôlego:

- Os holandeses avançam! Há pelo mato rumores de marcha...

Não terminou. João Fernandes mandou trombetear o toque de alarma. O clarim reboou seco. Imediatamente, por todo o campo foi um arranco só! Os cabos de guerra precipitaram-se fora das barracas, a espada em punho. Cerraram-se todos em redor do Chefe.

Grande alarido. Lufa-lufa tumultuoso. Partiam ordens rápidas. Os soldados estenderam-se em linha de combate. Aquela presteza, aquele ímpeto no momento do perigo, mostrava claro o decidido dos ânimos. João Fernandes envaideceu-se. Montou o seu ginete, desembainhou a espada, correu vistosamente por aquelas filas de homens. Não faltava um só! Todos a postos...

Foi então, diante do exército, diante daqueles soldados distendidos, que o Governador da Liberdade, desembainhando a espada, gritou com retumbância:

— Soldados! O inimigo está prestes a surgir. Fui eu que vos chamei. Eu que vos arregimentei. Eu que vos conduzi até aqui. Agora, soldados, chegou o momento de vos levar a combate. Quereis seguir o vosso Chefe?

Houve um momento de estupor. Nenhuma voz se levantou. João Fernandes, alto e firme, continuou teatralmente:

— Quereis seguir o vosso Chefe? Tendes confiança no vosso Chefe? Dizei-o, soldados! Pois, se não confiais em mim, se não quereis seguir-me, escolhei um outro que me substitua. Irei então ao vosso lado, como vosso irmão, derramar o meu sangue pela salvação de Pernambuco! Soldados: que dizeis?

Das fileiras, isolada e forte, retumbou uma voz atroante:

- Viva João Fernandes Vieira!

Aquela voz foi a descarga elétrica. Rajadas de entusiasmo sacudiram o exército. Os soldados romperam numa algazarra delirante:

- Viva! Viva!
- Viva o Chefe! Viva o nosso grande chefe<sup>32</sup>.

Em meio a esse fêrrido alvoroço, Rodrigo Mendanha, subitamente, varou desabalado pelo acampamento. Vinha, de novo, num galope furioso. Os soldados emudeceram. O rapaz aproximou-se de João Fernandes, perfilou-se, murmurou umas palavras atropeladas. O rosto do Governador da Liberdade iluminou-se. Com a espada na mão, bradou alto, num gesto largo:

— Soldados! Deus está nos ajudando. Acabamos de ter um rebate falso! A sentinela tomou por inimigos os que vêm como amigos. Não são os flamengos, não! São os primeiros índios de Camarão e os primeiros negros de Henrique Dias que aí chegam. Vêm eles aí, atroando os matos, anunciar a chegada próxima dos dois grandes guerreiros...

Surgiram na estrada vários bandos. Logo, entre berros selvagens, estrondaram mescladamente um rufar de atabaques e um troar de inúbias. Eram os índios! Eram os negros!

Aqueles toques e rufos revolucionaram os soldados. Forte estremeção perpassou nas fileiras. De todas as bocas partiram gritos de festa. Dois nomes reboaram freneticamente:

- Henrique Dias!
- Camarão!

João Fernandes, sutil e astuto, compreendeu o momento. Agarrou duma bandeira e desfraldou-a ao vento. Correu um frêmito por todos. O Governador da Liberdade reuniu os oficiais. E ali, em pleno acampamento, diante das linhas, ordenou com autoridade ao bravo Domingos Fagundes:

— Vosmecê, que é o mais velho, jure, por esta bandeira, em nome dos camaradas, que hão de todos ser fiéis ao seu Rei e ao seu Chefe!

A cena foi desnorteante. Não houve tempo para reflexões. O bravo Fagundes não vacilou:

— Juro, por esta bandeira, que havemos de ser fiéis ao nosso Rei e ao nosso Chefe!

Todos, estendendo a mão, a uma só voz:

- Juro!

---

<sup>32</sup> Castrioto.

Antônio Cavalcanti lançou a João Fernandes um olhar de ódio. O madeirense, compreendendo-o, mandou-lhe um sorriso esmagante, perfidamente escarnekedor. Ficaram ambos, nesse instante, mais do que nunca, dois inimigos de morte...

No dia seguinte, deixando o acampamento de Covas, o Exército Libertador tocou para o monte das Tabocas. João Blaar, nessa mesma hora, partiu ao encalço dos sublevados.

Era fatal, nas Tabocas, o choque das duas massas.

Manhã de agosto. A madrugada pincela o azul de ouro pálido. Esbate-se na altura um eco de porcelana, muito fresco. Vêm do mato cheiros úmidos de troncos. No monte histórico, entre as tábuas altas, vai grande cena emocionadora. Lá acima, no cocoruto do morro, ergue-se o altar. Sobre ele, todo verdejante de folhagens, abre o Cristo dolorosamente os seus braços pálidos, no crucifixo negro. Frei Manuel reza a missa... O Exército Libertador, ajoelhado, assiste compungido ao sacrifício sagrado. É a hora da bênção. O frade, virando-se, lança vasto gesto em cruz sobre aqueles homens ásperos. Todos persignam-se.

Mas eis que um vulto, de repente, rompe por entre soldados. Aproxima-se desvairadamente do altar. É alto, ossudo, feio. O seu olhar fuzila. Revolto, com grande desespero dramático, o homem estranho atira-se ao chão, soluçando, entre brados:

— Peccavi! Peccavi!

Os soldados botam olhos idiotas no espetáculo. Que aquilo? Ninguém entende. E o homem, batendo furiosamente no peito, continua no seu desespero:

— Peccavi! Peccavi! Abjuro a seita falsa! Abjuro para todo o sempre! Peccavi!

Frei Manuel, com triunfante sorriso, reconhece imediatamente o miserável que se estorce, arrancando os cabelos, uivando com tanta angústia.

É o padre Manuel de Moraes. É o famigerado jesuíta apóstata. É o homem que retumbantemente escandalizara a Província com a sua vida de romance.

Manuel de Moraes nasceu na vila de S. Paulo. É um dos mais remotos paulistanos de que há lembrança na história de Piratininga. É o primeiro escritor brasileiro. Educado pelos jesuítas, o pequeno piratiningano entrou e recebeu ordens na Companhia de Jesus. Erudito e enérgico, falando e escrevendo o tupi com suprema perícia, confiaram-lhe os da Companhia a direção de uma das aldeias bugras de Pernambuco. Foi ai, entre o gentio, que veio surpreendê-lo a invasão holandesa. O padre alistou-se logo, decididamente, entre os mais tremendos matadores de batavos. Tão animoso se mostrou, destacou-se tanto pelos rasgos de valentia, que o General Arcisiewsky, ao sabê-lo preso entre um magote de soldados que mandara enforcar, poupou-lhe generosamente a vida e mandou-lhe até passar, em fé de ofício, a certidão da sua bravura. Mas os flamengos triunfaram. Manuel de Moraes, alma de aventureiro, passou-se descaradamente para o campo dos hereges. Fez-se logo protestante. Um jesuíta feito protestante! Que escândalo... Os holandeses, exultando, fizeram-no partir para os Estados.

Na Holanda, mal desembarcou, já o apóstata morria de amores, novelescamente, por loura flamenga de abundantes carnes, Margarida Vanderhait, filha de Arnoldo Vanderhait "arrematante do peso", na Gueldria. Da paixão ao casamento foi um passo. O jesuíta, pisando a roupeta, caiu voluptuoso nos braços da mulher amada. Partiu então para Amsterdam. Ai viveu dois anos combatendo

formidavelmente a religião católica. Ao fim deles, a mulher morreu-lhe. O viúvo, deixando o filho único em poder do sogro, partiu para Leyde. Foi tentar aí, com o célebre editor Abraham Elzevir, a publicação de suas tão faladas obras literárias. Eram elas, entre outras, a História da América e o Dicionário da Língua Tupi, citadas pelo eminentíssimo Grotius. Em Leyde, nas vizinhanças da Universidade, morava certa criatura divina, mulher surpreendentemente bela. Era Adriana Smetz, filha de um corretor de bolsa, tida e havida como a mais formosa holandesa de seu tempo. O jesuíta apaixonou-se de novo pela moça. Casou-se. Um dia, não se sabe por que, fugiu para Amsterdam. Lá, muito às ocultas, procurou o agente do Papa, caiu-lhe aos pés, confessou os seus pecados, repudiou a sua vida, pediu-lhe a absolvição dos crimes. Obteve mais do que a absolvição: conseguiu um breve com poderes para de novo dizer missa. Depois disso, por estranha deliberação, embarcou para o Brasil. Aqui, sempre aguilhoado pelos estos lúbricos do sangue, atirou-se tropicalmente nos braços da mulata Beatriz. A Inquisição de Lisboa não o perdoou: queimou-o em estátua. Mas, o padre Morais, indiferente, meteu-se outra vez com os flamengos. E ajudado por eles, começou a explorar, com grandes proveitos, a indústria do pau-de-tinta.

Estavam as coisas neste pé, quando deflagrou a rebelião. Manuel de Morais, com um faro divinatório, larga inesperadamente as suas toras de brasil e surge entre soluços, com espavento, na missa campal do Exército Libertador. No seu desespero, o rosto no chão, clama entre lágrimas desabaladas:

— Perdoai-me! Eu abjuro a seita falsa! Perdoai-me! Eu renego os hereges! Eu abrenuncio os flamengos! Perdoai-me! Perdoai-me!

Chora convulsivamente. Frei Manuel com um júbilo borbulhante, ilumina-se:

— Deus apiedou-se de Vosmecê, meu filho! Deus abriu os olhos do cego! Vosmecê arrependeu-se a tempo. E essa contrição é uma glória para nós. Seja benvindo, Padre Manuel! Eu abenço a Vosmecê...

Agarra no hissope, mergulha-o na caldeirinha, borrifa o apóstata de água-benta. João Fernandes ergue-se. Toma duma espada e entrega-a solenemente ao jesuíta:

— Padre Manuel de Morais, seja benvindo! A conversação de Vosmecê é augúrio propício. Ela quer dizer que Deus está conosco. Tome desta espada, Manuel de Morais, faça dela um raio, que ela o redima dos seus erros!

Manuel de Morais levanta-se. Cinge a espada. E alto, com uma energia vibrante:

— Vosmecê é nobre e generoso, João Fernandes! Pois bem! Vosmecê há de ver quem é Manuel de Morais! Eu quero ser o mais infame dos homens — digo-o diante de todo o exército — se embainhar a espada enquanto houver um só flamengo na Capitania...

Que festa! Os soldados todos, diante do apóstata reconvertido, sentiram supersticiosamente que Deus estava com eles. E começaram, com grandes alaridos de júbilo, os aprestos da batalha.

Monte rude, ouriçado de tabocais medonhos, ermo selvagem e áspero, fora o sítio onde se embrenhara a horda rebelde. João Fernandes escolhera-o com tino. Conhecia ele bem as sutilezas do terreno, os seus recortes e anfractos, todas as goelas abertas naquele morro bruto, invisíveis a olhos inespertos, tão disfarçadas estavam sob os caniços altos.

O Governador da Liberdade entocaiou os soldados por aqueles esconderijos. Dispôs forte companhia de homens à base do morro. No alto, lá no cocoruto, arranchou o seu quartel general. E esperou...

Nesse mesmo dia, já o sol ia alto, os esculcas romperam açodadamente pelo acampamento:

— Os holandeses, General!  
— São muitos?  
— Uns três mil homens. João Blaar é quem comanda. Vêm eles em marcha forçada...

João Fernandes tocou febrilmente a reunir. Revistou os soldados, deu ordens, emboscou as companhias pelas tabocas. Depois, de ma tenda, lá do alto do morro, cravou os óculos de cana por aquelas vastidões afora.

De repente, nos longes do horizonte, tingindo o campo de vermelho, os holandeses surgiram com estrépito. Marchavam galhardos, com os chapelões de pluma, rufando com estrondo. Lá vinham à frente os mosqueteiros com os arcabuzes flamengos ao ombro e bala na boca; depois, os lanceiros, ao centro, ouriçando o céu de piquês e de meio-piquês; e enfim o grosso dos infantes, bizarros e guapos, armados de espadas largas e pistolas de cavalgar.

João Fernandes deixou-os aproximar. De súbito, a um gesto dele, Rodrigo Mendanha dispara o trabuco... A companhia de homens, que se postara à base do morro, larga-se num arranco e, entre uivos, num alarido feroz, precipitou-se como um tufão ao encontro dos belgas. O Capitão Fagundes vai na frente, a espada cm punho, berrando:

— Aos hereges! Aos hereges!

Estrugem surriadas de mosquetaria. Os dois exércitos despenham-se um no outro. É um choque bruto! Fagundes, com suas arteirices, atacando e afastando, fugindo e resistindo, atrai manhosamente o inimigo para dentro do tabocal. Mas eis que, de funda garganta do morro, surgem bruscamente os homens de Antônio Cardoso. Caem como raios, numa fúria, arrazando, fulminado, estraçalhando. Os holandeses, colhidos de surpresa, recuam em tumulto, aparvalhadas. E foi um fugir desabrido de belgas...

Mas, os oficiais holandeses, clamando e vociferando, recompõem a desordem. Num relâmpago, à frente de tropas frescas, lançam-se raivosamente à peleja. Alcançam os homens do Capitão Cardoso, tomam-lhe o reduto, avançam pelo tabocal. Mas naquela avançada louca, em que ia tudo razo, eis que estacam de golpe, desnorteados. Das tabocas, como por encanto, reboa de novo, assanhadamente, brutíssima saraivada de tiros. E logo, de todo o lado, erguendo-se como sombras, os homens do Rabelinho tombam em catadupa sobre os hereges. Chacina infrene, sangueira desatada!

E foi um outro fugir, mais tumultuoso, mais desabalado...

Ao sentir o fracasso, ferventes de cólera, os de Holanda despejam na luta, novamente, companhias de homens. Parte o reforço numa lufada. Mal desembocam nos caniços, porém, já os soldados do Capitão Souto, erguendo-se da emboscada, largam-se com um ímpeto selvagem e espostejam o herege com fúrias sangrentas. Novo recuo dos atacantes! E que recuo desanimador...

É então que João Blaar, à frente de todos os seus homens, a espada em punho, precipita-se como um desatinado no redemoinho da batalha. O ar enche-se de uivos rugidores.

— Aos papistas! Aos papistas!

Ao contemplar, lá do alto, aquela acometida desesperada, João Fernandes estremece. Há um relâmpago de ansiedade. Frei Manuel, com ímpeto fervoroso, cai por terra. E bruscamente, ali, diante da peleja que bramia, o frade, braços abertos, lança aos ares, atroadoramente, o hino da Salve-Rainha! Sim, o hino da Salve-Rainha! O exército inteiro, escutando-o, freme... De todas as bocas, por um fascínio contagiante, começa então a subir para o céu o hino místico do frade:

— Salve, Rainha! Mãe de misericórdia, vida, doçura, esperança nossa! Salve...

João Fernandes crava os olhos na peleja. De repente, num assomo, esporeia o cavalo. Aperreia o mosquete, e, à frente dos soldados, lança o grito de guerra:

— Aos hereges! Aos hereges!

E despenha-se na luta. Os soldados, com entusiasmos de fanáticos, rezando e cantando, lançam-se após ele. Então, no morro das Tabocas, é um pelear fanático! São morteiros que atroam, bombas de artifício sacudindo os ares, pelouradas ensurdecedoras, colubrinhas que estrondam, fumaradas enegrecendo o céu, sangue aos jorros, cadáveres pelo campo, toda uma algazarra louca, infernizante, debaixo do estrepitar das caixas e do trombetear angustioso das buzinas da guerra.

Era noitinha, pontilham no alto as primeiras estrelas, quando João Blaar sentiu enfim o inútil do seu ataque. Pelas fileiras holandesas, deflagrando, reboou o grito fúnebre:

— Salve-se quem puder!

E foi uma debandada vertiginosa.

João Fernandes ganhara uma vitória formidável. O reencontro das Tabocas fora altíssimo feito de guerra. Triunfo tão culminante, sabia-o bem o Governador da Liberdade, arremessaria o seu nome aos quatro ventos, popularizando-o por todos os ângulos do Brasil. Agora, para coroamento da façanha, era preciso que o Rei, o próprio D. João IV, soubesse, com detalhes, da vitória imensa. A vaidade do madeirense, só ao pensar nisso, entumescia-se. Ah, D. João IV iria falar nele! Agradecer a ele! Isso era a sua ambição. Era a sua paga e a sua apoteose. Glorioso, nessa mesma noite, o antigo menino de açougue chamou ao Frei Manuel:

— Tenho necessidade de Vosmecê, frade...

— É só mandar, João Fernandes!

— Amanhã, logo de madrugada, quero que Vosmecê parta para a Bahia. E de lá, no primeiro galeão, para Portugal...

— Para Portugal?

— Sim, Frei Manuel! Careço que Vosmecê vá falar a El-Rei...

— ... Falar a el-Rei de minha parte. Contar a Sua Majestade a nossa vitória. Pintar o nosso transe, as nossas aperturas, a nossa desajuda, as canseiras que temos sofrido. Narrar-lhe tudo, com todas as minúcias, sem faltar detalhe...

Frei Manuel babava-se de gozo. Ir a Portugal! Falar a el-Rei! Ser mensageiro afortunado! Oh, que supremo triunfo...

E o nosso bom frade, na manhã seguinte, partiu radiosamente a caminho do Tejo.

A ajuda do Viso-Rei

A derrota das Tabocas estuporou os flamengos. O eco do fracasso, daquele fracasso sem precedentes, teve um retumbar doloroso na Cidade Maurícia.

É que os holandeses, soldados de grandes brios guapos e aguerridos, acostumados a vencer sempre, sorriram desdenhosamente ao arrebentar da rebelião. Aquilo, alardeavam eles espavoridamente, não passava de uma estulta bravata de gente desmiolada. Abafar o levante era um simples brinco militar: meia dúzia de colubrinhas, umas pelouradas de arcabuzaria, bastariam para aterrorizar o bando roto. Mas o desastre, o tremendo desastre das Tabocas, veio acordá-los bruscamente da ilusão fanfarrona. Atordoou-os!

Os três do Supremo Conselho reuniram-se numa aflição. João Blaar, diante deles, fez o relato da batalha. Os batavos ouviram-no pasmados. Era de entontecer...

— É incrível, João Blaar! É incrível!

— É incrível, eu bem sei, tornava o façanhudo; mas que se há de fazer? Os homens bateram-se como tigres. Foram duma coragem surpreendente. Eu nunca vi nos papistas tanto arrojo! Nunca vi tanto ímpeto e tanta bravura!

Os membros do Supremo Conselho abriam a boca, estatelados. Hamel, de pé, o sobrolho franzido, com furor:

— Vosmecê não se envergonha dessa derrota, João Blaar? Vosmecê não cora em confessar que foi batido por essa canalha de papistas? Por essa corja de mamelucos, de índios, de negros? Por esses Joãos-Toucinho, gente suja, em trapos, que não sabem nem sequer desfechar um mosquete de Biscaia?

João Blaar sorriu.

— Como Vosmecê está enganado, Hamel! Os homens mudaram. Já não são os mesmos do tempo da conquista. Os homens hoje são outros. Aprenderam a combater. São tão aguerridos como os soldados de Holanda. Pena é que Vosmecê não houvesse assistido ao combate. Haveriam então de ver, com os próprios olhos, como tudo mudou. Os homens são outros, Hamel! São outros!

Hamel estava numa irascibilidade causticante. Andava de um lado para outro, mordendo o lábio, todo nervos. De vez em quando, estacando, dardejava um jorro de perguntas:

— E Henrique Dias? E Camarão? Que há sobre eles? Quando chega essa gente?

— Estão a caminho, exclamava João Blaar, abrindo os braços, num desconsolo. Mais hoje, mais amanhã, os dois chefes surgem por aí...

— E então?

— Não sei, senhores! Não Sei! É esse, mais que todos, o perigo. Que faremos nós diante de reforço tão poderoso?

A situação, de fato, era extremamente amedrontadora. O perigo desenhava-se nítido. Difícil imaginar expectativa mais acabrunhante. Nessas aperturas, na angustia do momento, os três do Supremo Conselho ansiavam loucamente pela prometida ajuda do Viso-Rei. Agarravam-se de unhas e dentes a essa esperança. Era o único remédio que os podia salvar. Hamel explicou a João Blaar:

— Mandamos ao Viso-Rei do Brasil uma embaixada..

— Vosmecês mandaram uma embaixada ao Viso-Rei do Brasil?

— Ao Viso-Rei. E porque não? Holanda e Portugal estão hoje amigos. Firmaram pazes. São até aliados. Ora, diante de tal situação, não é mais explicável que exploda no Brasil um levante a favor de Portugal. Vosmecê não pensa assim?

— É evidente, concordou logo João Blaar. Não há absurdo maior do que isto: as metrópoles em paz e as colônias em briga!

— Pois bem! O Viso-Rei acolheu o nosso embaixador com o melhor semblante. Ouviu-o numa audiência solene. Ao saber da rebeldia, ao saber da traição de João Fernandes, teve duras palavras de indignação!

— Vosmecê tem a certeza disso? Está bem seguro, Hamel, de que o Viso-Rei desaprova o levante?

— Tanto, de tal jeito, que nesse mesmo dia com muitas cóleras, mandou o Viso-Rei aprestar a flor do seu exército para vir castigar os revoltosos.

— Bravos, exclamou João Blaar com entusiasmo. É uma ajuda. Mais do que preciosa; é a nossa salvação, senhores; é a nossa única salvação!

Arrefeceu um pouco:

— Mas quando chegarão essas tropas?

— Teodósio Hoogstraten, que foi o embaixador, afirma que as tropas aportam hoje. Os ventos estão a favor e sopram rijo...

Não pôde continuar. Rompendo com estrondo, borrascosamente, surgiu em pleno Conselho a figura revolta de D. Ana Pais. Os seus olhos chispavam. Os seios arfavam-lhe, túrgidos. Tudo nela era fúria:

— Acabo de saber a vergonha das Tabocas. Que poltronice, senhores! Que bando de covardes!

João Blaar escutou o desaforo. Fitou-a com ira, trêmulo. Ia responder com um insulto bravo. Ela, porém, brusca e autoritária, conteve-o com um gesto ríspido:

— Inútil a sua fúria, Blaar! Vosmecê foi derrotado vergonhosamente. Eis a única verdade ouviu? Não há como sair daqui. É baldado, meu pobre general, estarmos aqui com palavras. Não discutamos, pois.

Deu-lhe irritadamente as costas. Depois, virando-se para os três do Conselho:

— Vim aqui, meus senhores, para sugerir um plano a Vosmecês.

Os homens, aturdidos, escutaram a rajada desabrida. Sentiam todos, como D. Ana, doída humilhação daquele esmagamento. E ao ouvirem, no seu aturdimento, aquelas palavras mágicas sugerir um plano — todos bradaram:

— Plano, D. Ana?

— Um plano, sim, senhores, redargüiu a fogosa pernambucana com uma voz que vibrava. Um plano fulminante. É este: os conjurados, na precipitação do levante, deixaram as esposas no Arrecife. Ai estão elas, dentro de casa, a chorar com desespero. É a mulher de Francisco Berenger de Andrade, o sogro de João Fernandes; é a mulher de Antônio Bezerra; é a mulher de Amaro Lopes... São tantas outras! A própria Carlota Haringue aí está. Pois bem! João Blaar, sem perda de um minuto já e já, que parta em busca dessas mulheres. É agarrá-las, trancafiá-las na prisão, guardá-las como reféns. E hoje, sem mais tardança, lançar uma violenta proclamação aos rebeldes. Assim: ou os maridos largam as armas, ou as esposas serão enforcadas! Ah, meus senhores, os homens hão de fazer tudo para salvar as mulheres. Hão de enlouquecer. Hão de vir aqui numa aflição, com lágrimas nos olhos...

— Ótimo! Exclamaram os do Conselho, num alvoroço; idéia soberba!

Hamel gritou imediatamente para João Blaar:

— Vá, João Blaar! Cate todas as mulheres que Vosmecê achar; prenda-as e conduza-as para Friburgo!

D. Ana interveio:

— Para Friburgo? Vosmecê está louco, Hamel? Pois não vê que isso é um disparate! Vosmecê não tem gente. Não tem sequer vigias para o Palácio. Todos os soldados, neste momento, entrincheiraram-se no meu engenho, que é hoje o quartel-general. Não há, para guardar as pombinhas, lugar mais seguro do que lá, dentro das trincheiras, no meio do próprio exército.

— Pois que seja, concordou Hamel sem pestanejar. Leve as mulheres, João Blaar, para o engenho de D. Ana<sup>33</sup>.

O flamengo partiu como uma flecha. Mal virou as costas, porém, surgiu inesperadamente no Conselho um oficial. Vinha pálido, ar doente, o peito atabafado em grandes faixas. Era Segismundo Starke.

— Senhores, bradou o rapaz dum jacto, nervosamente: o reforço da Bahia chegou!

Foi estocada. Ergueram-se todos dum salto. Segismundo continuou:

---

<sup>33</sup> Castrioto Lusitano, pág. 323: "Predeu João Blaar a Dona Antonia Bezerra, mulher de Francisco Berenger de Andrade, a Dona Izabel de Góes, mulher de Antonio Bezerra; a Dona Luiza de Oliveira, mulher de Amaro Lopes, e outras, tendo-as feito transportar para o engenho da Casa Forte"...

— Chegou hoje. Ao invés de saltarem em Maurícia, como esperávamos, preferiram os chefes desembarcar no costão da Barreta. A estas horas, a marchas forçadas, vão eles à cata dos rebeldes!

Que alegria! Exclamações de júbilo, fragorosas, romperam de todas as bocas, num só tempo. Ah, era a salvação! D. Ana Pais, com fogaréu nos olhos, exclamou exultante:

— Não há notícia melhor! Essa ajuda do Viso-Rei é decisiva. Vai desmoralizar os cães. E você, Segismundo, você que trouxe tão boa nova, corra agora ao meu engenho. Espere lá as mulheres que foram presas.

— As mulheres que foram presas?

— Sim! O Supremo Conselho ordenou a prisão de muitas mulheres. Entre elas, fique sabendo, vai a nossa Carlota Haringue!

O rapaz empalideceu. Fitou a pernambucana com assombro:

— Não compreendo!

— Carlota, sim, senhor! Mas não se assuste assim. Ao contrário, Segismundo...

— Sim, hoje 'você terá o seu grande dia! Hoje você realizará o seu maior desejo...

— Não a compreendo, D. Ana!

— Ora, escute... Corra a casa de Vicente Soler, o nosso predicante calvinista. Peça-lhe que vá com você ao meu engenho. E lá, sem mais delongas, realize hoje o seu casamento com Carlota. Hamel, neste instante, mandará a João Blaar ordem nesse sentido. Quer?

O moço cintilou. Um contentamento irrefreável explodiu nele. Agarrou as mãos de D. Ana, apertou-as com força, beijou-as enternecidamente:

— Oh, D. Ana!

— Pois vá à Casa-Forte, meu filho. Vá e case. Mas não se esqueça de vigiar bem as mulheres que lá estão. Que nenhuma escape! Veja lá.. — Segismundo perfilou-se, rodou nos calcanhares, saiu numa precipitação.

Exatamente a essa hora, pelo acampamento de João Fernandes, ia fêvido alvoroço. É que as sentinelas avançadas romperam desabaladas pela barraca do Chefe. O madeirense pulou:

— Que há?

— O exército da Bahia esta a vista! Vem da Barreta, em marcha forçada, atroando os matos...

O Governador da Liberdade estremeceu como um tigre baleado. Reuniu os cabos. Expediu ordens. Incendiou os ânimos. E foi logo, pelo exército, um rebôo atroante de cornetas, um rufar de caixas, um ferir pederneiras, um acender morrões. Os soldados estenderam-se em linha de combate.

Ao longe, sob a poeira, estronda o fragor da marcha. De súbito, coalhando o horizonte de piquês e de arcabuzes surge na estrada a linha inimiga. Os soldados sentem o coração apertar-se. Fincou-se-lhes na alma, agonizando-lhes, dorida pua: são irmãos que vão bater-se contra irmãos.

Os da Bahia marcham airosamente. Vem estrepitosos, entre rufos e toques, com galhardia. É belo!

João Fernandes, imperturbável não dá ordem alguma. Sorri apenas um sorriso fugaz, esquisito. Já estão os atacantes a tiro de mosquete... Já se divisam nitidamente os soldados... João Fernandes, correndo pelo campo os seus óculos de cana, continua imperturbável, a sorrir o seu sorriso fugaz, enigmático. De repente, a uma ordem seca, o exército invasor estaca. Então, sob o sol radiante, em plena campanha, as duas hordas brasileiras contemplam-se frente a frente.

Eis que, com espanto de toda a gente, tremula pelas fileiras opostas uma bandeira branca. O comandante inimigo, seguido por um clarim, avança em pessoa até o meio do campo. João Fernandes, esporeando o ginete, também parte em pessoa, inesperadamente, ao encontro do chefe contrário. Os dois exércitos vêem aquilo com surpresa. E ali, naquele instante único, diante dos soldados atônitos, os dois cabos de guerra saudaram-se rasgadamente:

— Deus o salve e guarde, João Fernandes Vieira!

— Deus o salve e guarde, André Vidal de Negreiros!

João Fernandes Vieira, muito airoso e composto, o aspecto grave, exclama:

— Vosmecê, André Vidal, conhece as nossas desditas. Conhece os agravos que temos sofrido. Conhece os menoscabos à nossa Religião. Conhece as atrocidades incontáveis dos hereges. Pois bem! Será Vosmecê, diante de tudo isso, que virá sufocar esta guerra santa? Será Vosmecê, Vidal, que virá trucidar os seus irmãos?

André Vidal de Negreiros escuta a arenga do madeirense. Depois, a fronte erguida, simpaticamente galhardo, responde alto, a voz firme e vibrante:

— João Fernandes Vieira! Eu sei bem das pesadas tiranias que vos apertam. Eu sei bem do que tem feito herege nesta terra cristã. Vosmecê não carece, ó nobre chefe, memorá-las aqui! É por isso que eu, com os meus soldados, não vimos da Bahia para trucidar os nossos irmãos. Nós vimos, João Fernandes, para pelejar debaixo da bandeira de Vosmecê. Nós vimos para combater com Vosmecê pela Liberdade de Pernambuco!

Ambos abraçaram-se... Os soldados, pasmados, contemplam a cena incrível. E ao ver aquele grande abraço de paz, todos eles, num assomo, sacudidos, disparam os mosquetes no ar. Estruge surriada fragorosa. As cometas vibram. Rompem as caixas, um delírio! Os dois exércitos precipitaram-se um no outro. E é um explodir de alegrias, abraços fraternais, risos, vivas, toda uma festa enternecedora!

Mas o júbilo não parou aí. Foi além. O Exército Libertador, naquele dia, teve a ma grande bebedeira de felicidade. Ainda ribombavam pelo ar disparos furiosos de mosquetes, quando ecoou de súbito um alarido longínquo, vozerio confuso, alarmante... Que será? Os oficiais e soldados ficam à escuta. E o rumor ia

crescendo, ia destacando-se pouco a pouco. Bem claros e nítidos, agora, começava a distinguir-se os estranhos ruídos. E logo, enchendo os ares, retumbantes berros, pateado de danças, buzinas, gritos roucos e medonhamente selvagens. O exército, com um estremeção de alegria, rompeu num grito de festa:

— Henrique Dias!  
— Camarão!

Eram os dois formidáveis capitães do mato que chegavam.

O Chefe negro, com o seu desempenho garrido, um belo sorriso jovializando-lhe a cara retinta, vinha pimponamente repoltreado num zaino vistoso, os arreios de prata fuzilando ao sol. Felipe Camarão, cacique de alto renome, bugre latinista que o Rei afidalgara com o título de Dom, marchava a pé, carrancudo e grave, a aljava ouriçada de flechas, o arco emplumado trepidando ao ombro. Seguia-lhe os passos, armada curiosamente de espada e bacamarte, uma indiazinha ligeira, enfeitada de penas, o batoque no beijo. Era D. Clara Camarão. Era a bugra guerreira a mulher heróica da campanha, aquela que se batia assanhadamente, onça ferocíssima, valente como o guerreiro mais valente da tribo.

João Fernandes recebeu-os com quente cordialidade. Tudo nele era festa. Tudo riso. E foram abraços, novos estrondos de morteiros. entusiasmos loucos, inenarráveis.

André Vidal o herói modestíssimo, aquele que se apagava nas horas trombeteantes de exibição distanciou-se furtivamente do grupo. De longe, a alma entumescida de legítimo orgulho, contemplou em silêncio, riosamente, a obra imensa que realizara: João Fernandes Vieira, Henrique Dias, Dom Felipe Camarão... Ah, mal sabia o paraibano que aqueles três homens, coligados ali, coligados tão vibrantemente em torno duma só bandeira, não eram apenas os três grandes chefes da rebelião. Eram mais do que isso. Os três homens, naquele instante, encarnavam alguma coisa mais alta: eles eram um símbolo. Eles significavam, na sua solidariedade épica, a pátria nova que despontava. Eles eram o Brasil que nascia. Ali estava o Português. Ali estava o Negro. Ali estava o Bugre. Ali estavam as Três Raças. Ali estavam, no momento do perigo, unidos pelo mesmo assomo bravio, os três sangues que iam se caldear ao sol dos trópicos; que iam se fundir, neste rude laboratório da América, para formarem um dia a nacionalidade nova.

André Vidal, de longe, contemplava-os com vaidade, eis que alguém veio despertá-lo do seu enleio. Era o Bastião. O negro, com ar de mistério, aproxima-se dele matreiramente:

Sinhô! Tudo que é mulher do Arrecife foi hoje preso...

André Vidal estremeceu:

— Que é que você está resmungando aí negro?

— A mulherada do Arrecife foi preso, sinhô! João Blaar carregô as tar pr'o engenho de D. Ana. Aquilo vai tudo espichá na forca!

André Vidal branqueou. Fitou o escravo com um pavor angustioso:

— Você está louco, negro?

— Não tô louco, não! A mulher de António Cavalcanti já tá lá. A de Antonio Bezerra também. A de...

— E Carlota, atalhou Vidal tremulo; e Carlota?

— Carlota também... Tá tudo lá!

André Vidal precipitou-se para João Fernandes. Coutou-lhe a notícia brutal. Numa agitação, a alma aos pedaços, bradou torrencialmente:

— Nem mais um minuto de repouso, João Fernandes! Partamos já contra os flamengos! É preciso cair sobre eles de improviso, como um raio...

Ainda nessa mesma noite, a marchas forçadas, o Exército da Liberdade partiu a caminho da Casa-forte, o engenho de D. Ana Pais.

O combate da Casa-Forte  
É na Casa-Forte<sup>34</sup>.

João Blaar e o Coronel Dons, diante de uma botelha de genebra, tracejavam novo plano de ataque. Esporeia-os agora, mais do que nunca, mordente desejoso de vingança.

O descalabro das Tabocas lanhara fundo a vaidade dos flamengos. Eis porque, no engenho de D. Ana, os olhos fuzilantes, encharcados de genebra, maquinam os dois homens uma desforra sangrenta. João Blaar vocifera:

— Deixe que venha a ajuda da Bahia, meu caro Hous! Hoje, garanto-lhe eu, a tropa rompe aí. Então, com gente fresca, arcabuzaria nova, peças de vinte e duas libras, verá o estrago que faremos nos papistas! Havemos de caçar pernambucano como quem caça bicho. Eu quero ainda eu mesmo, com minhas mãos, ter o gosto de enfiar o pescoço de João Fernandes na corda! Hei de ver ainda esse João Toucinho estrebuchar, língua de fora, dependurado de uma trave. Ah, vai ser uma carnagem.

— Vosmecê está enganado, afirmava Hous, gravemente: dentro de dois dias a rebelião está sufocada. E sufocada sem briga, sem correr pinga de sangue, sem se queimar arratel de pólvora...

Rindo-se, rindo um riso maldoso, apontou com o dedo, ironicamente, amplo quarto trancado, onde havia sentinela à porta:

— Aquelas bichinhas que ali estão, meu general, aquelas, sim, é que vão ganhar a guerra! Os pernambucanos hão de fazer loucuras para as livrar. Vai ser uma debandada! Não fica um só chefe com João Fernandes. Vosmecê verá. Há de vir tudo aqui, de rastros, mendigar pelas mulheres. Ah, essa idéia de D. Ana Pais foi de ouro! Que mulher, João Blaar, que mulher aquela...

Engoliu o copo de genebra, ergueu-se, espiou pelo vão da janela. Fora, no pátio da Casa-Forte, ia chocante desordem. Pairava com tudo o ar da derrota. Ar acabrunhante de desânimo. Os soldados haviam fugido em massa das Tabocas, mim corre-corre atropelado, tumultuosíssimo. Descansavam agora, largadamente, daquela canseira bruta. Era dolorosa a cena.

Bacamartes amontoados, peças descavalgadas, cucharras e soquetes pelo chão, homens resfolegando forte nas redes, planchadas de chumbo por toda a

---

<sup>34</sup> Mem. Hist. de Pernamb. pág. 202: "Henrique Hous fez alto na Várzea e alojou-se a uma légua de Recife, no Engenho da D. Ana Pais, conhecido por Casa-Forte".

parte. O Coronel Hous teve medo. Sentiu, num relance, o perigo daquela barafunda. Virou-se bruscamente para João Blaar.

— Venha ver que desmantelo! Aqui é um crime, João Blaar! É necessário pôr em forma esses homens...

João Blaar não pôde responder. Surgiu na sala, atarantadamente, a figura pálida de Segismundo Starke. O moço, com o peito encastado em faixas, vinha acompanhado de Vicente Soler, pastor calvinista. João Blaar, ao vê-los, abriu um riso largo:

— Já sei ao que Vosmecês vêm, senhores! Já sei muito bem! Bravos! Uma boda em tempo de guerra é coisa rara. É coisa raríssima! Vamos a ela, senhores.

Ríspido, com o seu vozeirão atroante, berrou para a sentinela postada na porta do quarto:

— Traga a de nome Carlota, É aquela prisioneira loura, moça...

O soldado, escancarando a porta, gritou pela de nome Carlota. Não teve que esperar.

A moça apareceu. Vinha descorada e desfeita, olheiras muito grandes e muito roxas. Carlota Haringue, na sua desgraça, estava impressionantemente sedutora. João Blaar, com a sua aspereza, bradou-lhe secamente:

— Aproxime-se!

A rapariga aproximou-se. Estava espavorida. E João Blaar:

— Eis aqui Vicente Soler. É o nosso pastor. Veio ele para o casamento...

Carlota sentiu o coração estourar-se-lhe no peito.

— Para o casamento?

— Sim, tornou Blaar duramente; para o casamento com Segismundo Starke.

A moça recuou, fremente. Surda rajada de cólera sacudiu-a. Teve diante do perigo, intrépido assomo de coragem:

— Mate-me, João Blaar! Mate-me se quiser; mas casar fique Vosmecê sabendo, não caso!

João Blaar enfureceu. Cerrou os punhos, iradíssimo. Sentiu ímpetos de esmurrá-la. Mas Vicente Soler, pacificador e cordato, interveio maneiramente:

— Calma, minha filha, calma! Não se irrite assim. Ora veja um pouco o noivo. É um moço belo. É flamengo honrado e nobre. Não há razão, minha filha, para que Vosmecê não queira casar com um patricio assim. Vamos lá! Pense um pouco...

A moça fitou-o com ódio. Opressa, os olhos a saltarem, soltou um uivo:

— Não!

João Blaar não se conteve. Ergueu o braço no ar: e enorme, brutalíssimo, com a sua força de touro, ia desandar uma taponada... A moça deu um salto apavorada...

Foi quando, ribombando, esfuziaram, de golpe milhares de estampidos! A casa tremeu. E os soldados holandeses, diante do inesperado ataque, encheram o ar de berros ansiosos:

— Às armas! Às armas!

Blaar e Hous precipitaram-se num ímpeto às janelas. E empalideceram! É que de todos os lados, envolvendo-os, surgiam soldados brasileiros.

Foi então, no acampamento, desabalada correria! As descargas dos atacantes trovejaram. Bombardeio furioso. Começou a carnificina. Os belgas tomados de surpresa caíam aos montes. Debalde estrondavam as buzinas, debalde rufavam as caixas, debalde berravam os oficiais, tentando uma defesa. A sortida dos brasileiros fora tão rude tão súbita, que não havia como conter os flamengos no seu pavor. O engenho de D. Ana, num relâmpago, atulhou-se de gente. A soldadesca, alucinada, atropelou-se pele casarão adentro. Era aí o único reduto.

Houve então, naquelas aberturas, rápido momento de resistência. Os batavos entrincheiram-se. Das portas e janelas, estrondejando, principiaram a partir balas às tontas. Mas tudo em vão! Os brasileiros cerravam ferozmente o cerco. Apertavam os de Holanda. Sufocavam-nos num abraço de fogo. Enlouqueciam-nos com o pipocar da mosquetaria.

Hous, de repente, sacudiu com força os ombros de João Blaar:

— Henrique Dias! Veja..

João Blaar esgueirou um olhar sôfrego pela frincha da janela. Recuou, transido:

— Henrique Dias e Camarão!

Os assaltantes redobravam em sanha. As balas zargunchavam. Sentia-se já o nítido urrar dos negros selvagens. Sentia-se já o claro grito dos bugres. Medonho estrondar de pelouros.

Foi naquela angústia, em meio à pólvora, que Segismundo arremessou este grito de matar:

— Os soldados da Bahia!

João Blaar correu à janela.

— Onde?

— Com eles! À direita, saindo do mato, veja! Lá estão os oficiais portugueses...

Diante do que via, diante do perigo brutal, João Blaar engendrou uma idéia repentina. A única salvadora. Bradou impetuosamente:

As mulheres! As mulheres!

O Coronel Hous atirou-se dum salto ao quarto das prisioneiras. Agarrou-as violentamente. Arrastou-as pelos cabelos.

Foi um momento de febre. O troar dos pelouros redobrava. Distinguiam-se claro, já rente, as vozes dos soldados. Era o assalto ao próprio engenho! Era a chacina dentro da Casa-Forte! João Blaar não vacilou: suspendeu desesperadamente as mulheres às janelas! Suspendeu-as bem no alto, à vista de todo o exército, expondo-as em alvo às balas inimigas<sup>35</sup>.

Nas filas brasileiras houve um minuto de estatelamento! Que fazer? Impossível continuar a descarga. Os chefes entreolharam-se atônitos. Arrefeceu o assalto. Cessou a fuzilaria. Foi tudo um instante rapidíssimo. E nesse instante, nesse relâmpago de pausa, tremulou no engenho a bandeira branca. João Blaar apareceu à porta. Vinha com um clarim. Avançou até o meio do campo. Vidal de Negreiros, seguido de Rodrigo Mendanha, partiu ao encontro do belga. Os dois capitães, diante dos soldados, parlamentaram alto e claro:

— Que quer Vosmecê, João Blaar?

— Capitular!

— Quais as condições?

— Que saíamos com todas as honras militares. Os oficiais com as suas espadas, os soldados com os morrões acesos e bala na boca. Que sejamos todos, oficiais e soldados, tratados como prisioneiros de guerra..

Os chefes estavam tão perto do engenho que os entrincheirados distinguiam perfeitamente o diálogo. Segismundo Starke, espiando por um vão de janela, ouviu o ajuste da capitulação. A cabeça zoía-lhe. Aquilo não era apenas um desastre de guerra: era a perda de Carlota, era a vitória do rival, era o esmagamento de sua vaidade! O flamengozinho não conseguiu refrear o seu despeito. Ergueu o mosquete, assentou-o contra Rodrigo, acendeu o morrão, debruçou-se na mira...

— Aceito as cláusulas, João Blaar! Mas aceito unicamente para Vosmecês, os de Holanda. Não entram neste ajuste os bugres. João Fernandes é quem vai decidir a sorte deles. De acordo?

— De acordo!

Vidal dá um passo para frente. Rodrigo fremente de alegria, salta desabalado para o engenho. Mas eis que estronda no ar uma bala de mosquete... Que é isso? André Vidal lança um grito de dor: a bala, em vez de cravar-se em Rodrigo, varou o braço do paraibano, lado a lado! João Blaar bambeou, estatelado:

— Céus!<sup>36</sup>.

---

<sup>35</sup> Fernandes Gama, op. cit.: "Estavam no mais encarniçado combate, quando Hous expôs nas janelas as matronas que havia aprisionado"...

<sup>36</sup> E' o próprio André Vidal, numa carta escrita ao Supremo Conselho, quem narra o episódio.

Então, dentro da Casa-Forte, foi rude pânico. Todos compreenderam as conseqüências tremendas que podia ocasionar o tiro insidioso. Circundaram Segismundo. Crivaram o miserável de insultos. Rodrigo Mendanha, embarafustando-se por entre os soldados, surgiu bruscamente no engenho. Lívido, gago de cólera, fitou o oficialzinho cara a cara:

— Covarde!

André Vidal também partira como um tigre para a Casa-Forte. E rompendo desatinado pelo bando:

— Quem foi?

— Segismundo Starke!

O moço tremia. Ali diante daquelas iras, arrazado, olhos fincados no chão, Segismundo Starke era a personificação viva da desonra. André Vidal olhou-o com desdém. Depois, sob um silêncio de morte, bradou para Rodrigo.

— Tome você a espada do vil! Ate-lhe as mãos. Esse oficial é um indigno. Não pode sair daqui com honras militares. Que saia, portanto, infamado como um galé!

Os circunstantes acabrunharam-se. Aquela era a maior e a mais dolorosa das humilhações de guerra.

Rodrigo avançou para o holandês. Segismundo arrancou a espada da bainha. Entregou-a. O brasileiro recebeu-a. Ali mesmo, diante de todos, atou as mãos do covarde. Foi uma cena esmagante...

Nisto, varando a massa, eis que aparece no quadro doloroso a figura trêmula de Carlota! Vinha fremindo, a alma ardendo nos olhos, louca! Rodrigo, ao vê-la, precipitou-se desvairado para a moça:

— Carlota!

— Rodrigo!

Ambos, abrindo-se os braços, uniram as bocas num beijo sôfrego, entontecedor, o beijo mais longo, o beijo mais embebedante das suas vidas!

André Vidal contemplou aquilo. Viu, com o coração aos saltos, aquela felicidade inundante. E o guerreiro não se conteve: desatou a chorar como um menino, num desafoço, sacudido por dilacerante emoção! No seu contentamento, os olhos pingando lágrimas irrefreáveis, exclamava às tontas:

— Sejam felizes, meus filhos! Sejam felizes! Eu abençoô a vocês

Carlota, ouvindo-o, despregou-se subitamente dos braços do noivo. Toda num carinho, branda como uma ave, atirou-se veludosamente ao pescoço do guerreiro:

— André Vidal!

Quente ondada de gozo alagou a alma tosca do soldado. Abraçou-a, apertou-a. sentiu-a! André chorava. Carlota chorava. Rodrigo chorava. A ventura punha-os, matava-os... André Vidal não pôde resistir mais tempo:

— Meus filhos, eu vou deixá-los. Continuem nessa felicidade! Continuem nesse noivado! Eu abençôo a vocês...

E saiu.

No acampamento de João Fernandes iam alegrias estrepitosas. Loucuras desenfreadas. Oficiais e soldados deliravam. Eram entusiasmos frenéticos por toda a parte. E com razão. Que vitória a da Casa-Forte! Um aniquilamento radical. Quatrocentos prisioneiros, bocas de fogo, munições, viveres, tudo! A rendição foi soturna. Cabisbaixos, por entre duas alas de brasileiros, os de Holanda entregaram se acabrunhados. Decidiu-se então a sorte deles. João Fernandes interrogou o paraibano:

— Quais as condições de capitulação, André Vidal?

— Prometi que os flamengos seriam tratados como prisioneiros de guerra. É mister cumprir a palavra: não haja, portanto, um só fuzilamento! Será de bom alvitre enviá-los à Bahia. O Viso-Rei que faça deles o que entender.

— Muito bem. E os bugres?

— Os bugres não têm quartel. Vosmecê pode mandar espadeirá-los, se quiser.

João Fernandes não hesitou. O madeirense era duro e frio. Não teve o mais leve assomo de piedade. Deu uma ordem rápida a Camarão. Logo, pela Casa-Forte, desenrolou-se a chacina horripilante: todos os bugres, aliados aos holandeses, foram trucidados. Passaram-nos a fio de espada, ali mesmo, sem dó.

Tratou-se, a seguir, de arregimentar forte esquadrão que conduzisse os presos para a Bahia. Missão grave e melindrosa. André Vidal pôs-se a catar pelas companhias os cabos de maior confiança. De repente, na sua faina, alguém tocou-lhe o braço. Era Simão Borrvalho. Era aquele soldado que escapara da morte no julgamento dos escabinos. Vidal fitou-o surpreso:

— Que há?

— Se Vosmecê permitir, André Vidal, desejaria ser incorporado ao esquadrão. Quero ir vigiando os prisioneiros...

André Vi daí sorriu:

— Você deseja ir no esquadrão?

— Se Vosmecê permitir. É que eu não quero perder de vista a João Blaar. O tigre tem manhas. É capaz de escapular.

— Ah, exclamou o paraibano com um sorriso de júbilo; ainda não se esqueceu daquele enforcamento, não é verdade?

— Ainda não me esqueci. Não me esquecerei jamais. É preciso que a fera vá bem guardada.

André Vidal compreendia bem aquele rancor. Tinha achado ali o homem que desejava. E exultando:

— Muito bem, Simão Borrvalho. Você irá. Mas não irá como um subalterno qualquer. Irá como chefe do esquadrão. Ouviu? Entrego a você os prisioneiros: leve-os à Bahia. Você é, Simão Borrvalho, o responsável por essa marcha.

— Fique sossegado, bradou Simão, gloriosamente; eu hei de me conduzir a contento de Vosmecê. Afianço, André Vidal, que Vosmecê não se arrependerá...

Compôs-se o esquadrão. Aprestaram-se os prisioneiros. Um dia, enfim, debaixo do olhar vigilante de Simão Borrvalho, o tremendo João Blaar, à frente dos derrotados, partiu rumo da Bahia.

Rodrigo Mendanha, por seu turno, delibera esconder cautelosamente a noiva. Era impossível a permanência dela nas barracas, por entre as asperezas daquela vida nômade, correndo os riscos de uma campanha incerta. Carecia depositá-la onde a rapariga vivesse precatada, livre de perigos, até que findasse a guerra.

Sítio nenhum afigurava-se-lhe tão propício como Uruassu, no Rio Grande. Era aí a terra de Rodrigo. Era aí a casa de seus pais. Lugarejo perdido à beira-mar, vilota esquecida, grão de areia longínquo e morto, Uruassu, como toca selvagem, estava a calhar para esconderijo de Carlota. Lá no ermo daquele retiro, tão apartado dos homens e das coisas, a guerra certamente não estalaria. Lá podia o moço confiar sossegadamente o seu coração.

Os noivos partiram. Afundaram-se desabalados pela bruteza do sertão. Ah, que dias! Que disparada romântica! A felicidade estrugia-lhes forte na alma.

Nunca houve idílio tão belo, tão pitorescamente vivido, como esse idílio rústico dos dois noivos pela mataria selvagem. De dia, sob o sol áspero, era um troar vertiginoso pela terra adentro; de noite, com a alma constelada de júbilo, era um dormir na brenha encipoada, as redes suspensas aos troncos, perdidos de amor, bêbedos de sonho e de paixão. Quanta vez, nessa corrida novelesca, a manhã não veio acordá-los nos mais hirsuto do mato virgem, a sombra dos nhacatirões bravios, sob um pavilhão chilreado de pássaros, gloriosamente enguirlandado de flores estonteantes...

Foi nesses mesmos dias, enquanto os namorados voavam assim tão embriagadamente, à busca de Uruassu, que os prisioneiros da Casa-Forte seguiram rumo do seu exílio. No primeiro pouso, sem que ninguém o suspeitasse, desenrolou-se no acampamento uma cena arrepiante, inauditamente feroz.

É noite. Simão Borrvalho armara a barraca num capão de mato, Dentro dela, agitado, um vinco na testa, o oficial passeia nervosamente. De súbito, estacando, Borrvalho grita pelo soldado da guarda. A sentinela aparece.

— Traga o prisioneiro!

O soldado traz o prisioneiro. É João Blaar. O flamengo vem com as mãos amarradas, o ar sucumbido. A sentinela retira-se. João Blaar e Simão Borrvalho ficam sós. O oficial fita o prisioneiro com rancor:

— Lembra-se de mim, João Blaar?

O holandês ergue para o moço olhos surpresos. E depois de fixá-lo por um momento:

— Não! Não me lembro.

Borrvalho sorriu um sorriso sangrento. Bateu-lhe rijamente no ombro:

— Eu sou o companheiro daquele soldadinho que Vosmecê fez enforcar na Fortaleza Ernesto. Daquele a quem deceparam os dois braços... Vosmecê se lembra?

João Blaar estremece. Não pronuncia palavra. Finca soturnamente os olhos no chão. Simão Borrvalho grita-lhe, ríspido:

— Assente-se, João Blaar! Assente-se e espere.

Dentro da barraca chameja forte lume. Sobre ele, num tripé, um caldeirão negro. Dentro do caldeirão, pipocando, ferve borbulhante cozinhada de azeite e breu.

Simão Borrvalho, em silêncio impressionadoramente, prepara larga mecha de estopa. Depois, com sinistra calma, espeta-a cuidadosamente num espeto de ferro. De quando em quando, aproximando-se do caldeirão, remexe a cozinhada estranha. João Blaar não compreende. Olha aquilo, esgueira para Borrvalho olhos tontos, bate os dentes nervosamente. De súbito, esbraseando, o caldeirão referve. Simão Borrvalho sorri. Levanta-se. Toma do seu mosquete biscainho e fere fogo no morrão. Imperturbável, com irritante serenidade, Borrvalho desata imprevisivelmente os nós que algemam o holandês. Ordena-lhe seco:

— Erga-se!

O prisioneiro ergue-se.

— Tire as calças!

O batavo esfria. Olha em roda, lívido, estuporado. Que fazer? Borrvalho fixa-o duramente, o mosquete aperreado, o morrão aceso. Diante disso, diante da arma apontada, não há remédio: tira as calças.

— Dispa agora a jaqueta

O preso obedece. Fica nu. Simão Borrvalho, com a mesma tranquilidade, agarra no espeto de ferro. Mergulha-o na caldeira de breu. Encharca a mecha no cozimento que borbulha. E grita para o flamengo:

— Vire as costas!

João Blaar olha espavorido. Os queixos batem-lhe angustiadamente. Que fazer? Vira as costas... Simão Borrvalho, com a cataplasma fumegante, bate em cheio na nádega do belga. João Blaar solta um uivo! A carne chia. Mas Simão Borrvalho é impassível. Torna a mergulhar a mecha na caldeirada. E com novo berro:

— Vire as costas!

De novo, bruto e bárbaro, bate em cheio na outra nádega. Estronda um uivo mais doido, mais lancinante. Borrvalho continua impassível. Mergulha outra vez a mecha na caldeirada. E outra vez, na barraca, estruge o berro do miserável...

Denso cheiro de carne queimada empesta o ar. O flamengo tem os olhos desvairados. Mas Simão Borrvalho é cruel. Não cessa. O martírio do holandês prossegue, implacável e fúnebre. De instante a instante, durante a vasta noite, foi aquela mesma cena bárbara. Foi aquele mesmo trágico queimar de carne humana. Não houve um pedaço do desgraçado em que não batesse a estopa de breu. O corpo ficou-lhe em carne viva. Era uma chaga só.

João Blaar não resistiu. Pela madrugada, muito ao de leve, sentiu o toque da derradeira mechada. Gemeu palidamente. Cerrou os olhos. Desmaiou...

Desmaiou e nunca mais se despertou.

No outro dia, pela Capitânia inteira, estrondou a notícia jubilosíssima: João Blaar. o grande facínora, morrera na viagem à Bahia...<sup>37</sup>.

Antônio Cavalcanti

O Bastião era um alcoviteiro cínico. Não se cingia aquela alma diabólica em enredar no acampamento de João Fernandes. Transbordava-se. Conhecedor da terra como ninguém, sutilíssimo em artimanhas, o negro tinha o descoro de carrear à Cidade Maurícia todas as novidades do Exército Libertador. Mal os holandeses, na Casa-Forte, compravam a vida com a entrega das mulheres, já o escravo se esgueirava pela casa de D. Ana Pais. A pernambucana ouviu-o petrificada! E exclamou com pasmo:

— Escaparam todas?

— Todas!

— E Carlota?

— Partiu prô Rio Grande. Rodrigo foi escondê ela em Uruassu, na casa do pai...

A perigosa dama não escutou mais. Partiu, trêmula, para o Palácio de Friburgo. Chegou, galgou as escadarias, embarafustou-se pelo salão adentro. Os três do Supremo Conselho haviam se reunido em sessão urgente. Estavam pálidos. Hamel, o olho chamejante, dizia com gestos desatados:

— Blaar, preso! Hous, preso! Os oficiais, presos! Oitocentos soldados presos! Raios me partam! Com mil bombas! Isto é derrota nunca vista no Brasil...

Agitado, crispando os punhos, estacava a cada passo diante dos companheiros:

— Por desgraça, senhores, não é só a derrota. Ainda há mais! E a ajuda do Viso-Rei? E André Vidal de Negreiros? Que dizem Vosmecês do biltre? Que cão!

Os três homens entreolhavam-se. Meneavam a cabeça. Murmuravam todos com desconsolo:

— Estamos perdidos! Estamos perdidos!

---

<sup>37</sup> João Blaar foi o único que morreu nessa viagem. Todos os demais chegaram sãos e salvos. Vide as curiosas Memórias de Matheus Van Broc, nas quais esse oficial holandês deixou as peripécias da jornada.

Mas eis que surge no salão, inesperadamente, um mensageiro de guerra. Vem anelante, empoeirado, grande alegria chispando nos olhos. E Hamel, ao vê-lo:

— Que há ?

Acabo de chegar de Cunhaú. Jacob Rabbi, com os seu bugres, passou a fio de espada todos os moradores da cidade! Não ficou um...

Os três do Supremo Conselho rodearam alvoroçados o mensageiro.

— Jacob Rabbi? Pois Jacob Rabbi arrasou os de Cunhaú? Como? De que jeito? Quando?

O mensageiro explicou dum fôlego:

— Jacob Rabbi, ao saber do levante, desceu do mato com toda a sua bugrada. Botou-se para Cunhaú. Ai, lançando uma proclamação, mandou que os moradores se reunissem na igreja, à hora da missa. Os moradores reuniram-se. O padre pôs-se a rezar a missa. A igreja ficou cheia. Não faltava um só morador. No momento de maior silêncio, quando o papista erguia o cálice, Jacob Rabbi fez um gesto aos bugres... Ah, meus senhores, que arranco! Os selvagens caíram sobre os homens. E rompeu a carnagem. A primeira tacapada foi no padre: esborracharam a cabeça do velho, o miolo saltou pelo chão, jorrou sangue pelo altar. E a bugrada despenhou-se sobre a igreja, espadeirou as imagens, quebrou as alfaias, o sacrário, tudo! Não ficou nada de pé!

— Bravos, exclamaram todos fremindo, bravos! Que desforra de mestre! Viva Jacob Rabbil

D. Ana Pais delirou. A pernambucana, toda coragem e incitamento, exclamava nervosamente para os três do Supremo Conselho:

— Nada de desânimos, senhores: Nada de desespero inútil! Agora, mais do que nunca, é preciso lutar! Que é que Vosmecês pretendem fazer?

Os homens não sabiam. Estavam desnorreados. D. Ana acutilou-os com seus ímpetos:

— Não vêem Vosmecês o Rio Grande? Não temem Vosmecês um levante nessa Capitania? É preciso não perder o Rio Grande! É um ponto precioso. Não há ponto mais estratégico...

Os do Conselho concordaram logo:

— Não resta dúvida! É preciso ter o Rio Grande nas mãos.

D. Ana insuflava-os:

— Mas, é preciso tê-lo já, meus senhores, custe a que custar... Dominá-lo antes que os revoltosos invadam a região.

Tomou-se ali mesmo, sem titubear, enérgica deliberação. Partiram ordens imediatas ao Capitão Paulo de Linge para que seguisse incontinenti com os seus homens para o Rio Grande.

Mas D. Ana não se contentou. Aquilo era ainda pouco. E lembrou:

— Não se esqueçam, meus senhores, de Jacob Rabbi! Aquele, sim, aquele é que é homem! Vejam que chefe! Por quê Vosmecês não ordenam a Jacob Rabbi que vá, com a sua indiada, incorporar-se a Paulo de Linge?

Nesse mesmo dia, aprestou-se vertiginosamente um mensageiro para Jacob Rabbi. As ordens que recebeu eram apenas isto: voar ao encontro de Linge. D. Ana Pais tracejou às pressas um bilhete para o chefe bárbaro.

Assim:

Jacob Rabbi:

Às notícias de Cunhaú foram o nosso consolo. A única alegria que tivemos em meio de tantos fracassos. Bravos, Jacob, bravos! Agora, meu amigo, vão ordens para que Vosmecê desça com os seus índios ao Rio Grande. Peço que Vosmecê as cumpra sem tardança. E peço ainda, meu bravo Rabbí, que não poupe ninguém. Assole a região! Passe tudo a fio de espada! Homem ou mulher, sem distinção, trucide sem dó! Repita a matança de Cunhaú... Vosmecê é o único, Jacob Rabbi, que pode desferrar os nossos desastres. Adeus!

O mensageiro partiu. E os holandeses, com febre azáfama, principiaram a canalizar homens para o Rio Grande.

Ao mesmo tempo, no acampamento de João Fernandes, ia trama surda. Aquelas vitórias reboantes do madeirense, ao invés de apoteosá-lo, vieram acirrar despeitos velhos, invejas e ódios nunca dominados.

Antônio Cavalcanti não perdoava a glória de João Fernandes. Sentia-o como fundo espinho no coração. Era a sua dor! Bernardino de Carvalho, como ele, também se ralava. Aqueles triunfos feriam-lhe a alma. Não os sofria! E ambos, fermentando no coração azedumes ferozes, puseram-se de novo a conspirar na sombra. Antônio Cavalcanti dizia com furor:

— Atente bem no que digo a Vosmecê Bernardino de Carvalho! Nós dois fomos sempre rebelados; nós tivemos sempre ódio, ao Leiga; nós não aceitamos jamais um só benefício dos hereges! O desavergonhado, no entanto, viveu sempre lã. Enriqueceu-se com eles. Recebeu favores, recebeu honras, recebeu cargos, tudo! Foi o último que se alistou entre os nossos. Depois disso, Vosmecê vê, é ainda ele o que vai ter a glória! É ele ainda o que vai ser o herói! E nós Bernardino? E nós?

— Nós vamos servir apenas de degraus; é pisando sobre nós que ele vai subir! Nada mais...

— Mas é um desbriado!

— É um desbriado!

Calaram-se. Antônio Cavalcanti estava esbraseado. De repente, com odiento clarão nos olhos:

— Não seja eu o chefe, concordo. Mas também que não seja o mulato. Nesse caso, para dirimir dúvidas, ofereçamos o comando a André Vidal.

— Muito bem: André Vidal! É ele o chefe mais querido do exército.

— Não há dúvida. É o mais querido! Portanto, Bernardino, não percamos tempo. Partamos à cata dele. Exponhamos o nosso desgosto, a malquerença dos cabos, a desafeição de todo o exército por João Fernandes...

— E se André Vidal recusar? E se André Vidal emperrar em manter o madeirense no comando?

— Nesse caso...

Os olhos de Antônio Cavalcanti lançaram chispas. Todo ele era revolta. Na sua cólera, pousando a mão sobre os ombros do amigo, ciciou-lhe apagadamente certa palavra misteriosa. Devia ser qualquer coisa de terrível e de amedrontador. Bernardino de Carvalho, ao ouvi-la, estremeceu. Mas resoluto, a voz firme impávido:

— Decidido! Não há outro meio...

Saíram os dois à busca do paraibano. André Vidal, na sua barraca, recebeu-o com a sua cordialidade simpática:

— Salve, amigos! Sejam bem-vindos! Que desejam Vosmecês de mim?

Os dois homens explicaram abertamente o seu intento.

— Aquele homem, bradava Cavalcanti exaltado, aquele mulato, que nós conhecemos amigo dos belgas, que vimos menino de açougue, que sabemos ser filho da Benfeitinha, aquele homem não pode ser nunca o nosso Chefe. Há mil razões que o impedem. E sabe Vosmecê qual é a principal? Isto: a causa que defendemos, André Vidal, é uma causa de brasileiros. A tropa é só de brasileiros. Ora, nada mais justo que seja um brasileiro quem a capitãnie. E esse brasileiro é Vosmecê, André Vidal! Vosmecê, não outro, é que carece ser o nosso Chefe. Pense, portanto! Pense antes de responder. Pois é bom que Vosmecê saiba desde já: se Vosmecê recusar a chefia, André Vidal, talvez que a Liberdade de Pernambuco esteja perdida!

O paraibano sentiu, naqueles homens, estranha, violenta deliberação. Tentou acalmá-los o quanto pôde. Esforçou-se por dissuadi-los. Argumentou. Mostrou-lhes as qualidades másculas de João Fernandes.

— Essa história de ter sido rapazinho de açougue, filho da Benfeitinha, amigo dos holandeses, tudo isso — não é negar! — é passado que não ilustra. Mas, agora, justiça seja feita, João Fernandes redimiou-se cabalmente. Agora, com aquela tenacidade, com aquela energia de ferro, com as vitórias que ganhou, João Fernandes já se tornou um herói!

— Herói?

— Herói, sim, senhores. Herói, meu caro Cavalcanti. É preciso que Vosmecê seja justo. É preciso que rompa um pouco essa sua cegueira: João Fernandes é hoje um herói! Não há contestação.

Antônio Cavalcanti não respondeu. Virou-se secamente, para Bernardino de Carvalho:

— Vamos! André Vidal há de se arrepender.

— Mas há de se arrepender tarde, atalhou Bernardino; muito tarde!

Saíram. André Vidal olhou-os compungido. Pensou consigo:

— Oh, a inveja! A inveja!

Sorriu doridamente. Nisso pela barraca adentro, rompeu de súbito um soldado. Chegou esbaforido:

— O Governador da Liberdade manda buscar a Vosmecê, André Vidal. Pede para que Vosmecê vá já. E avisa que há notícias graves.

André Vidal partiu imediatamente. No quartelamento de João Fernandes, com espanto deparou o paraibano com dois jesuítas. Eram desconhecidos. Ambos circundavam o madeirense. João Fernandes, trêmulo, um vinco borrascoso na testa, lia estranho pergaminho. O papel vinha selado vistosamente com as armas de Portugal. O Governador de Liberdade recebeu o amigo com ânsia. E logo, sem rodeios, lançou a matéria:

— Saiba Vosmecê, André Vidal, que acabo de receber ordens de el-Rei.

— Muito bem. E então?

— Sim, ordens secretas de D. João IV. Trouxeram-mas os dois reverendos que Vosmecê aí vê. E sabe Vosmecê o que diz el-Rei?

Aproximou-te bem rente do amigo, fixou-o nos olhos, e desfechou-lhe esta notícia enorme:

— El-Rei ordena, por este pergaminho, que eu deponha imediatamente as armas...

— Que deponha as armas?

— É o que digo! El-Rei determina que cesse a guerra. Portugal e Holanda assinaram tréguas. El-Rei, diante disso, manda energicamente que acabemos com a campanha. Leia os despachos!

Passou as mãos de André o pergaminho selado. Caiu fundo silêncio. André leu.

Depois, com pasmo, tornou para João Fernandes:

— É fabuloso! É duma pessoa enlouquecer!

Os dois, o madeirense e o paraibano, trocaram um olhar febreiro. Incendiava-os a mesma revolta. Aquela ordem era uma traição. Os holandeses, depostas as armas, saberiam tirar vinganças arrepiadoras. Que fazer? André Vidal apenas perguntou:

— E agora, João Fernandes? Que vai Vosmecê responder a el-Rei.

João Fernandes tomou o aspecto sombrio. Franziu o cenho. Referveu-lhe na alma belo ímpeto de desassombro. Virou-se para os dois padres: e, fremindo, a voz rascante, exclamou asperamente estes atrevimentos espantosos:

— Reverendos, tornem Vosmecês a el-Rei; digam a D. João IV, nosso Amo e Senhor, que João Fernandes Vieira desrespeita a ordem que recebeu!

Os dois padres escancararam os olhos. Aquilo que ouviam era um sonho; era lima alucinação! Não queriam acreditar:

— Vosmecê desrespeita a ordem de el-Rei? Vosmecê, João Fernandes?

— Eu mesmo! Desobedeço a el-Rei! Digam a D. João IV que eu não cumpro a ordem de Sua Majestade; que continuarei combatendo os belgas até a última gota de sangue; que eu hei de expulsar os hereges da Capitania! Quando não houver mais um só holandês em Pernambuco, então, meus padres, irei oferecer a cabeça a el-Rei para que sua Majestade mande cortá-la. É o que tenho a dizer a Vosmecês. Mais nada. Levem, portanto, a Portugal a palavra que ouviram...<sup>38</sup>.

Despediu com um gesto os dois emissários.

André Vidal precipitou-se para Vieira, agarrou-lhe as mãos, apertou-as emocionadíssimo:

— Bravos! Vosmecê é um homem! O único homem, no Brasil, capaz de enfrentar o belga! Conte comigo para tudo, João Fernandes. Serei com Vosmecê em todo o transe...

O filho da Benfeitinha era realmente um homem. Aquela deliberação tremenda, no momento mais perigoso da guerra, desenhava nítido a masculinidade da sua têmpera. João Fernandes apertou a mão do amigo. E com uma singeleza forte:

— O que está decidido, está decidido! Não pensemos mais no que ficou atrás. Agora, meu amigo, é preciso incendiar a guerra. Vamos assaltar a fortaleza de Nazaré. O reduto é poderosíssimo. Temos premente necessidade dele. Vou mandar para lá metade do exercito...

— Incendeie Vosmecê a guerra, tornou Vidal com certo mistério; assalte Nazaré, mande para lá os homens que Vosmecê entender; mas antes de tudo — escute-o bem! — é necessário que Vosmecê se precavenha. O maior inimigo de Vosmecê não está entre o belga. Está aqui, nas nossas filas, rente de nós...

— Já sei, atalhou João Fernandes. Já sei muito bem o que Vosmecê quer dizer. O Bastião contou-me tudo. Ah, meu amigo, ódio velho não cansa. É por isso que Antônio Cavalcanti não me perdoa. Mas fique sossegado, André Vidal; tudo se há de arrumar pelo melhor. Vosmecê verá...

Apartaram-se.

Fernandes Vieira, depois das emoções do dia, sentia necessidade de ar, de respirar largo, de caminhar a esmo pela estrada.

Saiu.

A tarde caíra. Lusco-fusco. Serenidade empolgante amortecia as coisas. O Governador da Liberdade montou a cavalo, rumou pelo caminho, meteu-se no mato. Ia só, a cabeça ao vento, ruminando os seus pensares...

De súbito, numa volta da estrada, ribombou bruscamente o estrépito dum tiro... Com o tiro João Fernandes soltou um grito: a baía cravara-se-lhe no braço!

---

<sup>38</sup> Frei Rafael de Jesus conta minuciosamente a ordem do Rei e a desobediência de João Fernandes.

Virou-se rápido, a pistola em punho. Lobrigou, na confusão do mato, um vulto que sumia aos saltos...<sup>39</sup>.

O Governador da Liberdade rugiu:  
— Bandido!

Pôs-se a estancar o sangue que escorria. E sacudiu a cabeça com ódio:

— Deixa estar, Antônio Cavalcanti! Deixa estar...

A tentativa de assassínio reboou dolorosamente no acampamento. Houve clamores indignados. A covardia revoltara a todos. Pelas fileiras estrondejou muito ulular colérico por vingança.

Mas João Fernandes não se perturbou. Sorria enigmaticamente. Desdenhoso, com risonha tranqüilidade, tinha ares de não dar o mínimo apreço ao ocorrido.

Caso atoa, exclamava para os cabos, jovialmente. Um ferimentozinho sem importância! Deixem-se de iras inúteis. Vamos tratar da guerra, senhores; isso sim! Toca a assaltar Nazaré, que é o grave...

Tratou com azáfama do assalto. Dividiu o exército em duas partes. Conservou uma no acampamento; aparelhou outra para a sortida. Convocou, depois, na sua barraca, todos os cabos de guerra. A reunião foi solene. João Fernandes falou assim:

— O ataque contra Nazaré é um feito de responsabilidade. Acho necessário que vá metade do exército tentá-lo. Preciso, pois, para dirigir tão sério movimento, dum, chefe altamente capaz. Eis porque, para comandante da trepa e chefe da expedição, eu escolhi...

Todos escutaram avidamente. Quem seria o escolhido? João Fernandes continuou:

— Eu escolhi um homem de muitos méritos, soldado bravíssimo, grande amigo meu. Este homem, senhores, é Antônio Cavalcanti!

Antônio Cavalcanti pasmou-se. Não havia como entender aquele gesto! Não havia como penetrar naquela estranha generosidade. Os cabos de guerra, sem discordância, aplaudiram rsgadamente a escolha. André Vidal sorriu. E pensou consigo:

— Este João Fernandes! Ora, vejam isto! É mesmo hábil o filho da Benfeitinha...

No outro dia, à frente da tropa, Antônio Cavalcanti partia para Nazaré. João Fernandes, na hora da partida, muito em segredo, trocou algumas palavras rápidas com o Bastião:

— Veja lá o que você vai fazer!

---

<sup>39</sup> Varnhagem, Luta contra os Holandeses: "A despeito do atentado contra a vida de João Fernandes Vieira, que chegou e ser ferido no ombro, afirmam uns que andaram nisso os seus rivais, etc.".

— Fique sussegado, sinhô! Deixe o negócio cumigo...

A tropa abalou. Dias depois, no acampamento de João Fernandes, o negro surgiu de novo. Espanto de toda gente! Que é que aconteceu? O escravo trazia esta notícia de embasbacar:

— Antônio Cavalcanti morreu!

Foi um choque. O exército inteiro boquiaberto, assombrado. E toda a gente crivou o Bastião de perguntas:

— Morreu de quê?

— Foi nó na tripa, esclarecia o negro ingenuamente; a dor, o homem garrô a treme, espichô em duas horas...

A tropa convenceu-se logo. Quem estava livre de um nó na tripa? Mas Bernardino de Carvalho, ao saber da morte súbita, foi o único que não acreditou na história do nó na tripa. Esboçou um leve sorriso. No fundo do peito, lã bem consigo, pensou com rancor:

— Foi veneno... E isto é obra de Fernandes Vieira!<sup>40</sup>.

A matança de Uruassu

João Fernandes Vieira acampara-se na Várzea do Capiberibe. Construía paliçadas improvisadas, abria fossos, erguera as pressas muralhas de pedra, entrincheirara-se. Foi aí, como apelidaram os soldados, o Arraial Novo do Bom Jesus.

Principiou o cerco do Recife. O Governador da Liberdade desenrolou um círculo de ferro em torno da cidade. Nunca se viu assédio mais cerrado. Henrique Dias e Camarão, com os bugres e os negros, rondavam-na dia e noite. O Rabelinho armava emboscadas desesperadoras. Domingos Fagundes, com audácias de espantar, esgueirava-se até os muros, trepava acintosamente por eles, estrondava o mosquete, voltava ileso para o Arraial.

Que aperto tremendo! Todas as noites, incessantemente, eram escaladas, sortidas, zargunchar de flechas, bombas de fogo, grossas surriadas de pelouro. O flamengo não arriscava passo fora das trincheiras. Iam lá dentro angústias medonhas. Não entrava uma libra de farinha, nem um stuiver de carne, nem um pau de lenha. Acabou-se o pão. Água doce era o problema. A pouca que havia, bebiama-na salobra, esverdinhada, pestífera. Um inferno!

Pelas capitânicas, no entanto, a boa fortuna sorria às armas revoltosas. Não havia um só dia, no Arraial, que não aparecessem notícias estrepitosas. Era sempre um mensageiro que chegava desabalado:

— A Paraíba rendeu-se!

Era outro:

---

<sup>40</sup> Varnhagem, op. cit. "Os amigos de João Fernandes acusaram a Cavalcanti de intenções pérfidas, como a de haver pretendido descartar-se do mesmo Vieira por qualquer meio, mesmo propinando-lhe veneno; mas o que é sem dúvida é que foi o próprio Cavalcanti, logo depois, ao separar-se, quem perdeu subitamente a vida"...

— Porto-Calvo rendeu-se!

E outro:

— S. Francisco rendeu-se!

Grandes alegrias sacudiam aqueles homens ásperos. A glória abria-lhes os braços carinhosamente. Rodrigo Mendanha, ao voltar de Uruassu, foi o único portador que quebrou aquele rol de júbilos. O moço trouxera uma mensagem desapontadora:

— O forte de Nazaré está duro. Defende-se com encarniçamento. Não há meio de capitular...

João Fernandes e André Vidal entreolharam-se. Fuzilou no olhar de ambos uma chispa de surpresa.

— É estranho, bradou João Fernandes; o forte de Nazaré a resistir! Isto é de espantar! Que teria acontecido, André Vidal?

— É realmente estranho, concordava o paraibano; não entendo essa resistência! É necessário que eu vá desvendar o mistério.

— Pois vá! E vá já. Não há explicativa para que esse forte ainda não esteja em nossas mãos...

André Vidal e Rodrigo Mendanha partiram nessa mesma noite. Alcançaram, dias depois, o acampamento dos sitiados. André Vidal assumiu o comando das tropas. Sem mais tardança, despachou Rodrigo Mendanha a parlamentar na Fortaleza. O mensageiro, com a bandeira branca, foi imediatamente conduzido à presença do Capitão. Ficaram ambos sós:

— A que vem Vosmecê?

— Vim trazer este pergaminho. São letras de André Vidal. Ei-lo!

Era um despacho arrogante, enfunado de atrevimento, intimando fanfarronamente o belga a render-se em vinte e quatro horas. Com o pergaminho, viera disfarçadamente um bilhete. Dizia assim:

Hoogstraten:

Que há? Não entendo...

Vidal.

Hoogstraten respondeu à mensagem com altanaria:

— Sabei, brasileiros, que os de Holanda não se entregam jamais! Não se atemorizam com as vossas bravatas. Hão de morrer combatendo...

E por aí afora, parlapatonamente. Com essas arrogâncias, por sua vez, ajuntou às escondidas um bilhetinho.

Assim:

André Vidal:

Venha Vosmecê mesmo parlamentar. Tudo se arranja...

Hoogstraten.

Ainda nessa tarde, pessoalmente, André Vidal entrava na Fortaleza de Nazaré. A conversa entre os dois cabos foi rápida. Hoogstraten falou claro:

— É preciso dinheiro!

— Quanto?

— Para mim, dezoito mil cruzados. Para os oficiais e os inferiores, o soldo em atraso...

— Muito bem. E depois?

— Entregaremos o forte imediatamente. Faremos mais do que isso: se Vosmecê quiser, ao invés de nos rendermos como prisioneiros, comporemos novo exército para combater ao lado do exército brasileiro. Nós bandearemos todos para Vosmecês.

André ouviu a proposta. Não queria acreditar nela de tão cínica...

— Vosmecês se bandeiam todos para o nosso lado?

— Bandearemos todos! Formaremos uma tropa. Eu serei o comandante. E iremos, junto com Vosmecês, combater os nossos companheiros de Holanda!

André Vidal fitou o flamengo nos olhos:

— Vosmecê fala sério, Hoogstraten?

— Traga os cruzados e Vosmecê verá! Nós nos bandearemos todos.

— Pois seja! Dentro de dois dias Vosmecê terá o dinheiro.

E saiu.

Joio Fernandes Vieira soube logo das negociações. Nem sequer pestanejou! Aquele homem sabia popularizar-se. Aquele aventureiro, o filho bastardo da Benfeitinha, sabia ter, nos momentos oportunos, gestos teatralmente belos: mandou do seu próprio bolso, com rasgada generosidade, todo o ouro que reclamava o traidor. Assim, dentro de dois dias, André Vidal pôde penetrar vitoriosamente no forte de Nazaré. Trazia as bruacas abarrotadas de dobrões. Os de Holanda renderam-se logo. E com que alvoroço! Recebiam o soldo, depunham o mosquete, saíam rindo, o coração aos saltos, contando as peças de ouro.

O paraibano, na mesma hora, arregimentou-os. Formou bela hoste de mercenários. Fez-lhes uma arenga singela. Ofereceu a Teodósio Hoogstraten o comando da tropa. Hoogstraten aceitou...

O Exército Libertador, ainda nesse dia, debaixo do estrondo das colubrinhas, com as bandeiras desdobradas ao vento, deixou a Fortaleza de Nazaré e rumou em triunfo para o acampamento de João Fernandes.

Os holandeses formavam um troço a parte. À frente deles, ia Teodósio Hoogstraten. Lá ia um dos grandes traidores da guerra, enfunado e arrogante, com as plumas vistosas no chapelão de briche, a atacar vilmente os seus irmãos encurralados no Recife. Eram agora os flamengos que partiam a combater os próprios flamengos...<sup>41</sup>.

---

<sup>41</sup> "Diário do Holandês que residiu no Brasil ao tempo da Rebelião", Rev. do Inst. Arq. de Pern., vol. 32, pág. 137 e 140: "Dia 11. A triste notícia que nos chegou aqui foi que o Maior Hoogstraten, comandante de Nazareth, fez entrega da praça ao inimigo, vendendo-a como um traidor. Os dourados dobrões lhe ofuscaram os olhos! Contrataram com Hoogstraten dar-lhe 18.000 florins e um regimento para comandar. Deus porém, há de punir, não com castigo temporário, mas eterno, os que tão escandalosamente venderam a pátria e os compatriotas".

André Vidal, pelo caminho, não pôde deixar de comentar com Rodrigo Mendanha:

— Estamos hoje muito bem vingados!

— Sim, senhor! Vingados da traição de Calabar...

— Que mulato infame, atalhou Rodrigo vivamente; aquele, sim, aquele é que foi a causa dos nossos males...

— É verdade, concordou Vidal; se não fosse Calabar, hoje, certamente, não havia flamengos no Brasil. Foi ele quem deu ganho de causa aos de Holanda. Os belgas não conheciam a terra. Estavam sendo dizimados pelas nossas guerrilhas de emboscadas. Ia entre eles grande desânimo. Mas eis que Calabar os conduz pelos matos, mostra-lhes os atalhos, os esconderijos, a região inteira, palmo a palmo. Só então, com a ajuda do miserável, é que os invasores conquistaram definitivamente o Brasil. Mas, Calabar era um mestiço. Um filho de negro e índia. Tipo atoa a quem Matias de Albuquerque ameaçou de açoitar. Foi diante dessa ameaça, temendo a surra, que o caco desertou para os invasores. Não podia haver alma tão inferior. Era uma escória. No entanto — é preciso dizer — Calabar desertou por simples assomo de vingança, sem receber uma só placa, sem se vender. Mas, Hoogstraten? Um flamengo! Um branco! É um homem desses, veja lá, um oficial graduado, que hoje se vende por dezoito mil cruzados! Francamente, meu caro, é uma traição mais vil que a traição de Calabar...

Era já noitinha quando o exército entrou no Arraial do Bom Jesus. Fervia pelo acampamento esquisito tumulto. Alvorço, vai-e-vém de soldados, grande fremência. André Vidal, sentindo aquela estranheza, embarafustou-se pela barraca de João Fernandes. Aí, em torno do Chefe, ansiosos apinhavam-se vários cabos de guerra. Domingos Fagundes dizia alto:

— Perdoe, General! É um caso único...

— Perdoe, exclamava também o Rabelinho; perdoe, João Fernandes! O negro merece...

Nos lábios de todos, como por encanto, bailava a mesma palavra:

— Perdão! Perdão!

Havia sucedido um acontecimento extraordinário. É que o Bastião, numa das suas escapadas para a Cidade Maurícia, fora apanhado em pleno flagrante: toparam-no saltando a paliçada dos inimigos. Os soldados prenderam-no. Levaram-no à presença do Governador. João Fernandes ouviu a torpeza do negro. Nunca, na sua vida, o madeirense sentiu tão radioso a sua boa estrela como naquele instante. É que as coisas, com suave docilidade, ofereciam-lhe sereno ensejo para descartar-se do escravo perigoso. Para acabar de vez com aquele mesmo que acompanhara a expedição de Cavalcanti, a única pessoa do exército que sabia o segredo formidável. João Fernandes sorriu o seu sorriso venenoso. Não hesitou. Decidiu, ali mesmo, da sorte do espião: condenou-o à forca!

Os soldados agarraram o negro, arrastaram-no para fora, armaram a forca. Mas de repente, na barraca de João Fernandes, surge um oficial espavorido:

— Que há? bradou o madeirense surpreso; o negro foi enforcado?

— Não foi, general!

— Não foi?

— Acaba de acontecer este caso inesperado: os soldados enfiaram na corda o pescoço do escravo; e eis que, ao tombar o corpo, a corda arrebenta-se com o peso!

— Arrebenta-se! E o negro cai de pé, ileso, sem uma arranhadura! Toda a gente pasmou-se! Não há soldado que não veja nisso o dedo de Deus. É uma boca só que foi milagre. Ninguém mais quer enforcar o Bastião...

Pela barraca, num atropelo, afluíam os cabos de guerra. Grande reboiço. Foi aí, nesse tumultuoso instante, que André Vidal apareceu. Em torno de João Fernandes, fervilhando, iam pedidos de misericórdia:

— Perdoe, João Fernandes!

O Governador da Liberdade, no fundo, era supersticioso. Aquele caso impressionou-o também. Havia no arrebentar da corda, forçosamente, qualquer coisa de sobrenatural. João Fernandes considerou um pouco. Sentiu aquela boavontade dos cabos, aquele revoar de pedidos. E não resistiu: Fraquejou:

— Pois bem, senhores, soltem-no! Mas avisem-lhe que não caia noutra! Na próxima vez, se o negro repetir a façanha, havemos de escolher uma corda mais rija...

Saíram todos. No pátio, à espera da decisão, o Bastião tremia. Os homens precipitaram-se numa gritaria:

— Pode soltar! Pode soltar!

O negro, ouvindo os gritos, arreganhou-se num riso enorme. Todos chegavam-se a ele, admiravam-no, examinavam-no, tocavam-no como se fosse bicho raro. O Bastião varou aquela onda. esvencilhou-se dos curiosos. Partiu a esmo, aturdidamente. Lá foi, a passos bambos, pelo campo afora, Enfiou-se no mato. Aí parou. Olhou cautelosamente para o Arraial. Espiou de lado a lado. Certificou-se bem de que não era seguido. Então, cerrando os punhos, com um gesto feroz, o negro abalou numa brusca disparada, a caminho de Recife...<sup>42</sup>.

Nessa hora, um soldado arremetia-se açodadamente pela barraca de João Fernandes. André Vidal e Rodrigo Mendanha, ao vê-lo, sentiram logo que vinham com ele notícias graves. João Fernandes perguntou:

— Que há?

— General! Os belgas invadiram o Rio Grande...

— O Rio Grande?

---

<sup>42</sup> Frei Calado, pág. 26: "nos fugiu hú negro de D. Anna Paes, o qual nos avia sido trahidor, e sendo tomado, por o que fora condemnado a forca, e estande della dependurado lhe quebrou a corda. E o nosso Governo lhe perdoou a morte. Este pois, mesmo assim, fugiu de nós para o inimigo".

— Sim, General! Paulo de Linge já marcha para lá. Jacob Rabbi, com os seus bugres, entrou pela capitania adentro arrasando tudo. Estão ambos nas vizinhanças de Uruassu. Vai por aquelas terras um mar de sangue!

André Vidal e Rodrigo Mendanha gelaram. O coração estacou-se-lhes no peito. Aquilo era um pelouro que estourava neles. João Fernandes não vacilou:

— Corra, André Vidal! Parta já com a sua tropa, voe por aí afora, faça tudo o que puder para impedir a matança!

E Rodrigo Mendanha, como um louco:

— Eu parto também! Vou na frente! Vou matando cavalos...

— Vá, gritou Vidal; vá e salve Carlota!

O mensageiro tinha razão. Jorrava pelo Rio Grande um mar de sangue. Jacob Rabbi recebera a ordem do Supremo Conselho. Aquele branco selvagem, o bárbaro entre os bárbaros, embrenhara-se pela Capitania à frente das suas tribos antropófagas. Trouxera consigo os dois bugres de mais derramada fama no sertão. Um era Paraopeba, cacique velho, ferocíssimo, tremendo matador de onças e sussuaranas; outro era Poti, índio da tribo mais carnívora das serras, célebre em todo sertão pelo seu soberbo cachorro de caça.

Vinham assolando tudo. Roubavam os gados, incendiavam os canaviais, envenenavam as águas, desonestavam as mulheres, enforcavam os homens. Aquilo era tufão de bandidos.

Os habitantes da terra, ao eco do estrupido sangrento, arremeteram-se com desespero. Entrincheiraram-se nas margens do Potengi. Era grossa a multidão. Mulheres e crianças. Moços e velhos. Válidos e inválidos. Tudo veio ardendo por pegar em armas. Tudo fremia por barrar aquela investida de monstros. Mas no arranchamento miserável — oh ironia! — havia apenas dezessete mosquetes...

Jacob Rabbi botou-se ao encontro dos entrincheirados. Antes de alcançá-los, porém, chamou Poti e Paraopeba, os dois guerreiros de fama:

— Escondam os teus homens na mata de Uruassu. O sinal é um tiro de mosquete. Quando ouvirem o sinal caiam sobre os brancos. Arrasem todos. Que não fique um só vivo...<sup>43</sup>

Os dois bugres seguiram para a mata. E Jacob Rabbi partiu ao encalço do bando roto. Mas o astucioso chefe bárbaro não quis arremessar os seus homens contra aquela trincheira de desesperados. Achou melhor parlamentar. Despachou para os sitiados um mensageiro com bandeira branca. Prometeu-lhes tudo: que sairiam com vida, que receberiam todas as honras militares, que ganhariam salvo-condutos do Conselho Supremo e que teriam naus para embarcarem para a Bahia. Os homens ouviram a proposta sedutora. Que fazer? Não tinham armas, não tinham munição, não tinham que comer. Era a morte na certa! Aceitaram a capitulação honrosa..

---

<sup>43</sup> Frei Rafael de Jesus, Castrioto Lusitano, livro 6: "Nas mattas circumvesinhas mandarão os Olandezes duzentos índios do séquito do maioral Paraoupaba, estimado do Flamengo no grão que estimava o Pero Poty. A hum e outro Indio igualava a sede do sangue portuguez...".

Saíram todos. Bando esqualido e miserável. Mas, vinham altivos, com honras militares, rufando o seu único tambor, paus tostados aos ombros, os dezessete mosquetes com o morrão aceso! Jacob Rabbi mandou passar os salvo-condutos prometidos. Depois, com um cinismo horrorizante, fê-los partir para Uruassu, lugarejo próximo à beira-mar, onde dizia estarem aprestadas as embarcações que os transportariam para a Bahia. O bando imenso ondeou para Uruassu. Duas léguas de marcha. Ao fim delas, diante dos desgraçados, aninhados ao longo da praia, surgiram as choupanas do lugarejo. O bando estacou. Foi aí, nesse ermo selvático, longe de toda a ajuda, que um soldado da escolta, inexplicavelmente, disparou brusco tiro de mosquete.

Estrugiram berros! Alardio medonho encheu os ares! Sob a algazarra crua, por entre toques roucos de inúbia, precipitaram-se da mata os antropófagos de Rabbi. Vinham numa arrancada, aterrorizantes, os tacapes em punho, cantando um áspero canto selvagem. Os homens, no meio da praia, sentiram o sangue coagular-se-lhes nas veias. Que era aquilo? Não tardou que os desventurados entendessem claro: principiou logo, por entre uivos ferozes, a mais apavorante, a mais incrível, a mais trágica das matanças! Não houve, ainda, na história do Brasil, desumanidade mais sangrenta. Que dia de juízo!

Os bugres lançaram-se conto onças assanhadas. Então, naquele ferve-ferve foi um despedaçar, um estraçalhar, um espostejar! Os bárbaros dilaceravam aquelas gentes inermes, esmigalhavam-nas. Voavam crânios às tacapadas, espirrava sangue aos jorros, vísceras vermelhejavam pelo chão... Havia, destacando-se, barbaridades singulares:

Ataram a Cosme Sepúlveda, abriram-lhe o ventre, despregaram-lhe as entranhas a pontacos. A Matias Moreira, moço de Várzea, furaram-no de lado a lado, quebraram-lhe as costelas, arrancaram-lhe o coração pelas costas. Racharam uma criança de alto a baixo, com um golpe. A mulher de Manuel Rodrigues, porque chorava a morte do marido, cortaram-lhe os dois braços, cortaram-lhe as duas pernas, e deixaram-na ali, como um toco, a esvair-se junto do cadáver<sup>44</sup>.

No meio da carnagem, por entre o desenfreio dos selvagens, naquele ar que cheirava a carne e sangue, Paraopeba, o grande guerreiro, com o tacape no ar, atirou-se vitoriosamente sobre uma rapariga. Ia fulminá-la com um golpe. A criatura chorava, as mãos postas, olhando para o céu. O bruto lançou-lhe um olhar rápido.

Era Carlota.

Nunca, diante dos olhos do bugre, caíra animal tão belo, tão fascinante, tão perfeito. Que assombro! Paraopeba, chocado, abaixou o tacape. Agarrou-a, ergueu-a, mirou-a de alto a baixo. Era linda, era tão prodigiosamente linda, que o selvagem estacou assombrado. Foi a única vez, dizem as crônicas, que, na história dos indígenas, um bruto se deslumbrou diante duma mulher formosa. Foi a única vez, entre antropófagos, que um índio se deixou vencer pela estranha força da beleza. O guerreiro, olhos fincados na moça, não teve ânimo de desferir a maça. Conteve-se.

A História registrou o fato extraordinário: 'Mataram todos. Só se fez exceção a uma rapariga cuja peregrina beleza. no momento mesmo em que via assassinar-lhe os pais e parentes, e estavam os selvagens ébrios de sangue, de

---

<sup>44</sup> Vide "Breve, Verdadeira, Authentica Relaçam das ultimas tyrannias que es perfidos Olandezes usaram com os habitantes do Rio Grande, escripta pelo Capitão Lopo Corado aos dois Mestres de Campo, João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros".

tal modo os impressionou que a não molestaram. Foi este talvez o exemplo mais singular que jamais se recordou do poder da beleza"<sup>45</sup>.

Já os bugres, em redor, ululavam ferozmente o tacape cm punho. Um deles, amplo e forte, beijo rachado, vistoso cocar de araras na cabeça, bradou:

— Paraopeba cativou o branco. É o dono. Paraopeba vende o cativo?

Paraopeba fitou-o. Era Pero Poti. Estavam ali os dois formidáveis guerreiros. Eram os maiores e os mais famosos do sertão. Mas Paraopeba invejava Poti, porque Poti possuía um cachorro soberbo, único. Por isso, sem hesitar, Paraopeba falou:

— Paraopeba tem o cativo mais belo dos brancos. Poti o cachorro mais belo das tabas. Paraopeba dá o cativo para Poti. Poti dá o cachorro para Paraopeba.

Os dois índios olharam-se. Houve um rápido silêncio. Poti ergueu os olhos para Carlota. Fitou-a bem. Era linda! O selvagem não titubeou:

— Poti dá o cachorro para Paraopeba!

Ali, diante dos bugres, os dois guerreiros fizeram o negócio: Carlota foi vendida por um cachorro...<sup>46</sup>.

Desesperos e alegrias

lam apavorantes as coisas públicas no Recife. João Fernandes apertara tremendamente o cerco. O assédio era cruel. Os flamengos não recebiam a mais pequenina coisa da terra. Pão, quando agora o tinham. Comiam-no vindo de Holanda. Água traziam-nas os galeões mercantes que aportavam. Não havia mais lenha. De repente, para coroa daquilo, faltou absolutamente tudo. Nem uma nau, nem um caravelão, nem um socorro dos Estados!

Os sitiados desesperaram. Houve um momento de enlouquecer. Um momento trágico. Acabaram-se todos os viveres. Os belgas — que fazer? — atiraram-se aos cavalos. Em breve, no Recife, não ficou um só cavalo. E nada de socorros de Holanda! A fome, cada vez mais dura, premia-os. Os sitiados atiraram-se aos cães. Acabaram-se os cães. Atiraram-se aos gatos. Acabaram-se os gatos! E nada de socorros... Os sitiados, implacáveis, continuavam a rondar os muros noite e dia, com ferocidade aterradora. Não houve remédio: os sitiados atiraram-se aos ratos e os morcegos! Acabaram-se os ratos e os morcegos...

Era necessário capitular. Os de Holanda sentiam claro a sua desgraça. Perderam todas as esperanças de salvar-se. Mas pungia-os fundo o abandonar às mãos do inimigo tanta obra de preço. Começaram, então, sem dó, a queimar a Cidade Maurícia. Foram-se, uma a uma, as casas de Giles Van Ufel, o grande proprietário. Foram-se, um a um, os vastos depósitos de açúcar. Foi-se toda a Rua dos Judeus. Foi-se a sinagoga. Foi-se...

Ali, cada dia, sinistro e fúnebre, era um grande incêndio que avermelhava o céu. E cada dia, com mais desespero e ânsia, era um sôfrego fincar de olhos pelo mar afora. Nada de socorros de Holanda!

---

<sup>45</sup> Southey.

<sup>46</sup> Frei Rafael de Jesus, Castrioto Lusitano, livro 6: "A húa donzella de gentil forma venderam a hú indio por um cão de caça...".

Até que enfim, naquela desolação, os sitiados tomaram uma resolução selvagem.

Era noitinha. Caía sobre as coisas mansa serenidade. Tudo quieto. De súbito. dentro dos muros, irromperam clarões sanguejantes. Grossas golfadas de fogo enovelaram-se no ar. Estrondos, ruir de coisas, labaredas imensas, fumarada. Que era aquilo? Os brasileiros lançaram este grito lancinante:

— O Palácio de Friburgo!

Sim, era o Palácio de Nassau. Os flamengos não tiveram comiseração. Deitaram fogo ao seu maior carinho. Apagaram o traço mais varonil da sua passagem na América. O monumento único, o grande capricho do Príncipe, a maravilha da época, lá estava a crepitar nas chamas, desabando, desfazendo-se, morrendo numa pouca de escombros e de cinzas. Aquele aniquilar-se, o fim daquele esplendor, era bem o símbolo do domínio holandês no Brasil...<sup>47</sup>.

Foi então, naqueles dias lúgubres, que varejou pelo Recife a dentro um mensageiro de Uruassu. Trouxe a notícia formidável. Contou a carnagem, as barbaridades arrepiantes, o extermínio... D. Ana, que ouvia ansiosa a narrativa, interrogou bruscamente:

— Morreram todos?

— Todos! Ou antes: escapou apenas uma mulher!

— Como?

— Sim, dona! Uma rapariga. Ouvi isso de Jacob Rabbi. É uma tal Carlota...

D. Ana, agarrando o mensageiro, sacudiu-o com violência:

— Carlota?

Esbraseava, numa agitação, pôs-se a cascadear perguntas dardejantes;

— Mas que houve? Por quê não a mataram? Onde está a moça?

O mensageiro explicou singelamente:

— Com Pero Poti. Paraopeba vendeu-a por um cachorro.

D. Ana mordida o lábio. O sangue fervia-lhe nas veias. Ah, era preciso ter Carlota entre as mãos! Tê-la no Recife! Não esperou mais nada. Chamou o Bastião:

— Monte o primeiro cavalo que achar e voe ao acampamento de Jacob Rabbi. Procure o bugre Poti. Saiba onde anda Carlota e traga-me a rapariga. Traga-me de qualquer jeito! Ouviu? De qualquer jeito! Aqui tem você uma bolsa cheia de dobrões. Pague o índio tudo o que ele pedir...

— Fique sussegada, D. Ana! A moça vem pará na sua mão...

---

<sup>47</sup> Diário do Holandês curioso", pág. 13: "Dia 17 Começamos a demolir as casas da Cidade Maurícia. Eis um espetáculo que fazia dó. A pobre gente fugia etc., etc...." Pág. 131: "Dia 18. Continuou a demolição das casas. Nesta data foram também abatidas e queimadas as casas e o belo Palácio de Friburgo, residências de Sua Exa. o Príncipe Maurício, edificado em 1640. Lamentável espetáculo! etc."

E partiu.

Rodrigo Mendanha havia já desabalado pelo sertão afora. Ia num desespero. A notícia do avanço contra Uruassu endoideceu o moço. A só visão de que a noiva poderia cair nas mãos de Jacob Rabbi despedaçava-o. Aquele branco selvagem era um monstro. Que faria o bárbaro se a aprisionasse?

Camarão emparelhara-se também com o rapaz. O chefe índio, à frente dum troço poderosíssimo de bugres, precipitou-se numa fúria à cata de Jacob Rabbi. Os homens largaram-se pela estrada como loucos, devorando léguas...

Consumara-se a matança trágica de Uruassu. É quase noite. Lusco-fusco. Os selvagens exaustos da carnagem, descansam. Em torno das fogueiras, acorados, bebendo o cauim que as mulheres lhes servem, os índios assam os cadáveres. Sobre o brasido, enfiados em longos espetos, chiam mantas de carne humana. É um festim macabro.

No mato, entre dois troncos, balouça tosca rede. Junto crepita o fogo. Estirado nela, olhos semi-cerrados, madorra um índio. Ao pé do togo, as mãos atadas, uma prisioneira. O índio é Pero Poti; a prisioneira é Carlota Haringue.

O tapuia, na sua lassidão, contempla cubiçosamente a moça. Aquele corpo, aquela brancura quente, aqueles cabelos claros, atijam-lhe fogaréus no sangue selvagem. No crepúsculo morno, tropical, tão repassado de cheiros ácidos, o índio, aos balanços da rede, sente um como torpor, desejos de mulher, ânsia felina de cravar os dentes nas maciezas daquela carne. De repente, num ímpeto, o bugre levanta-se. As narinas arfam-lhe. Os olhos lançam faíscas. Chega-se à moça. Agarra-a forte. Carlota recua, transida! Mas Poti é brutal, segura-a pelos cabelos, arrasta-a para si. A moça debate-se, estorce-se, grita. Embalde! O selvagem, com um sacolejão, atira-a por terra... Eis que brusco estampido estruge no ar! Logo, num jorro de sangue, o bugre rola no chão. Estrondam novos estampidos. E outros mais. E outros ainda. Que é aquele? Surge de golpe um cavaleiro no mato. É o Bastião! O negro, ágil como um macaco, ergue impetuosamente a rapariga, enlaça-a, dispara pela estrada como um fantasma.

No mesmo instante, de toda a parte, rompe o alarido aterrorizante:

— Camarão!

— Camarão!

Tropel de bugres, toques guerreiros, zunir de flechas, uivos e berros atroam o céu. É Camarão! O grande índio cai como um tufão sobre o acampamento de Rabbi. Os selvagens cerram-se, arregimentam-se, ensaiam uma defesa. Inútil! Camarão a frente de seus bárbaros estralhaça os tapuias com ferocidade sem peias. Vai tudo raso! É uma carnagem só. Não se poupa ninguém. Rolam ondadas de sangue. Em meio da voragem, quando tombam os últimos às tacapadas dos assaltantes, aparece na luta o terço de André Vidal. Camarão corre a recebê-los:

— Vosmecê veio para os ossos, André Vidal! O banquete já o comemos nós...

Apontou os cadáveres.

— Vitória completa! Arrasamos tudo...

André Vidal, fremindo:

- E Carlota?
- Carlota? Não sei...

Rodrigo Mendanha surge de súbito. E revoltado, com grande angústia nos olhos:

- Roubada!
- Quê?
- Sim, roubada! É o que acabo de saber pela boca dos bugres. Na hora do ataque, ao cairmos sobre o acampamento, passou um negro a cavalo, em galope solto, levando à garupa a prisioneira de Poti...
- É o Bastião!
- Não há dúvida: é o Bastião...
- E para que lado foi?
- Para o Arrecife...
- Ah, bradou o paraibano furioso, crispando o punho, foi o Bastião que levou Carlota para D. Ana...

Virou-se para Camarão:

- Meu amigo! Nada de repouso. Toquemos para o Arraial. Vamos atacar o Arrecife!

Ainda nessa noite, sem descansar, Vidal e Camarão, a marchas forçadas, rumaram a caminho de Recife.

Dias depois, na Cidade Maurícia, D. Ana via a rapariga entrar-lhe pela porta adentro. Oh, triunfo! Alegria de endoidecer embandeirou a alma da mulher satânica. Fitou a moça de alto a baixo. Riu um grande riso machucante...

- Agora você não escapará mais...

Mas o contentamento de D. Ana não ficou apenas nisso. Foi além. Aquele dia era dia de notícias embebedantes. Gilberto Van Dirth veio trazê-las ruidosamente:

- Acabam de entrar duas naus...
- Bravos!
- Duas naus que vieram de Holanda! a Isabel e o Falcão. Trouxeram comida, D. Ana!
- Que diz, Van Dirth?
- Trouxeram comida! Trouxeram pólvora! Trouxeram mosquetes!
- Viva!
- Há mais ainda, D. Ana. Há muito mais. Imagine que as naus trouxeram esta notícia enorme: vem por aí, velejando a todo pano, a grande armada que Holanda envia para nos socorrer.
- Mais de quarenta naus! Aportam aqui por estes dias. Trazem muita tropa fresca. Tudo gente aguerrida. Tudo soldado que já combateu nas Flandres...
- Quem é o general?
- É Schkoppe.

- Segismundo Van Schkoppe?
- Esse mesmo!
- Bravo! Bravo!

D. Ana não podia conter o seu alvoroço. Ria-se, agitava-se, papagueava, toda ela era um bulício fêrido. Mas Gilberto Van Dirth ainda não terminara. Tinha mais uma notícia. E essa, formidável!

- Sabe que mais?
- Pois ainda há mais?
- Há. E muito palpitante! As naus trouxeram cartas dos Estados, anunciando a morte... Ora, imagine de quem!
- De Nassau?
- Não!
- De Carlos Tournalon!

D. Ana encarou no flamengo:

- Fala sério, Gilberto Van Dirth?
- De Carlos Tournalon, minha senhora!

D. Ana iluminou-se. Aquilo foi claro jorro de sol na sua alma. A nova mais alvissareira que podia entrar-lhe pela casa adentro. Agarrou as mãos de Gilberto Van Dirth e fitou-o bem nos olhos:

- Eis o que Vosmecê desejava tanto, Van Dirth! Não é verdade?
- É!
- Pois então, meu amigo, completemos a ventura de hoje. Que se realizem os nossos desejos! Vosmecê pode anunciar, Van Dirth por toda a Cidade Maurícia que vamos nos casar...
- D. Ana!
- Que vamos nos casar., sim, senhor!

Van Dirth saltou-lhe ao pescoço. E o flamengo e a pernambucana transbordaram-se em torrentes de ternuras...

No acampamento de João Fernandes, ao mesmo tempo ferviam notícias alvoroçantes; também por lá havia desmedido júbilo. É que D. João IV, abandonando aquela desarrazoada política de dobrez e de tortuosidade declarara abertamente às nações que iria socorrer os insurgentes de Pernambuco. Não havia para os revoltosos maior vitória. E el-Rei cumpriu a palavra. Preparou imensa frota, carregou-a de soldados, mandou-a para o Brasil. Era o reforço decisivo. Vinha como general um soldado de nota: Francisco Barreto de Menezes.

A armada de Holanda, porém, arribou na Cidade Maurícia autos do reforço português. Garbosa mastreama coalhou as águas do porto. Quarenta naus! Tropas, munições, víveres, as bandeiras trepidando ao vento, ribombos de morteiros, uma festa. Segismundo Van Schkoppe desembarcou com estrondo e pompa. Soldado áspero e rude, velho conhecedor do Brasil, ninguém mais apontado do que esse duro batavo para combater os rebelados. Os de Holanda escolheram-no a dedo.

O general saltou, assumiu o comando das armas, reuniu o Governo. Os três do Supremo Conselho estavam aterrorizados. Pintaram com minúcias, negramente, o estado do país. Hamel dizia-lhe:

— É desolador, Van Schkoppe; é desolador! Os pernambucanos vão de vitória em vitória. A causa de João Fernandes arrastou a província inteira. Não houve papista que não se alistasse nas fileiras dele. Andam por aí entusiasmos incríveis.

O flamengo ouvia, torcia as pontas ruivas do seu bigodão grosso, sorria desdenhosamente:

— As coisas vão mudar, senhores! Vão mudar muitíssimo! A estas horas, com o minha chegada os negócios já tomaram novo rumo. Só o meu nome é o bastante para aterrorizar a canalha. Garanto a Vosmecês que o João-Toucinho já está a tremer de medo! Dentro de um mês, meus senhores, a Capitania inteira estará debaixo da nossa espada...

E pôs-se à frente dos negócios. Começou a dirigir fervilhosamente os aprestos de guerra. Pagou os soldos em atraso, municiou os homens, vestiu-os, equipou-os, nutriu-os. Insuflou novo ânimo nas tropas. Os sitiados realentaram-se. Verdejaram novas coragens, novas esperanças.

Nisto, em meio dessas azáfamas, como para esporeá-los, ribombou na Cidade Maurícia esta bela notícia: galeões flamengos, que andavam pirateando pela costa, atacaram o comboio que conduzia o general Francisco Barreto de Menezes. Atacaram, puseram a pique as naus, abordaram a capitânea, e conseguiram, por um milagre de pirataria, trazer o general Menezes preso para o Recife. Que contentamento! Um entontecer! Festejou-se aquela boa-fortuna com delírio. Schkoppe torcia fanfarronamente os seus bigodões ruivos...

Principiaram as primeiras escaramuças. Os holandeses tentaram apoderar-se de Olinda. Foram rechaçados. Tentaram um ataque ao Rio São Francisco. Foram rechaçados. Atiraram-se impetuosamente sobre a ilha de Itaparica. Foram rechaçados. Van Schkoppe desapontou-se. Aqueles fracassos azedaram-no. Resolveu sair decisivamente a campo. Reuniu a tropa, arregimentou os bugres, aparelhou a artilharia, preparou tudo para um ataque formal. Era a grande batalha!

João Fernandes, sentindo aqueles aprestos formidáveis, deixou o Arraial de Bom Jesus. Foi-se entocaiar nos Guararapes. Aí, como nas Tabocas, era o sítio imensamente propício a emboscadas. O Exército Libertador entrincheirou-se pelo monte. Esperou.

É noite. Chove desabaladamente. A guarda avançada, gotejando, olhos fincados na escuridão, ouve de súbito um estrupido de passos. Aperreia o mosquete e berra:

— Quem vem lá?

— Amigos, grita uma voz; amigos, camarada! Precisamos falar urgentemente ao Chefe.

São três homens. Não trazem espada, nem mosquete. A sentinela os conduz à barraca de João Fernandes. O Governador da Liberdade ordena logo:

— Que entrem!

Entram. O mais velho, homem sombrio, gestos graves, falar áspero e duro, indaga secamente:

— Vosmecê é João Fernandes Vieira?

— Sou. Que há?

— Queira ler estes papéis.

O homem estranho passa a João Fernandes um pergaminho. O papel vem selado com os selos de Sua Majestade. O Governador da Liberdade toma do documento. Lê. Depois, com vasto espanto no rosto:

— Vossa Excelência, senhor, é o General Francisco Barreto de Menezes?

— Eu mesmo! Acabo de fugir da Cidade Maurícia.

— Vossa Excelência fugiu da Cidade Maurícia?

O general não é homem de muitas palavras. Aponta os dois companheiros e narra sinceramente:

— Este é Francisco Brá; aquele é João Voltrin. Foram eles que me salvaram. Francisco Brá abriu-me a porta do cárcere. João Voltrin trouxe-me pelo Capiberibe na sua canoa. Eis a aventura...

João Fernandes ouve com pasmo. Mas não discute. A sua vaidade sangra. Compreende dolorosamente que aquela substituição é o seu desprestígio. Sente, com amargura que a nomeação dum outro chefe é a sua queda. Embora! O Governador da Liberdade não hesita. Tem, como sempre, um gesto belo e nobre:

— Senhor General! Vossa Excelência é o nosso chefe. Eu deponho nas suas mãos o comando das tropas.

Mandou reunir os cabos de guerra. Nessa noite, debaixo de temporal desatado, Francisco Barreto de Menezes pôs-se à frente das armas pernambucanas.

No outro dia, logo pela manhã, os espias trouxeram notícias ruidosas. Os soldados da Cidade Maurícia haviam se movimentado. Saíram a campo todas as companhias de homens. Vinham a marchas forçadas rumo dos Guararapes. O próprio Schkoppe era quem os comandava.

Barreto de Menezes tomou posição. Dispôs as tropas. Os negros de Henrique Dias emboscaram-se pelas gargantas do morro. A indiada de Camarão entocaiou-se pelo mato. Fernandes Vieira, com arrogante serenidade, pediu para ir na vanguarda esperar o inimigo.

No seu acampamento, circundado pelo troço de André Vida], Francisco Barrete de Menezes esperou os flamengos.

la se travar, enfim, nos Guararapes, a grande batalha decisiva.

Guararapes

A Cidade Maurícia tem o ar murcho. Anda por ela funda desolação. Por tudo, nos homens e nas coisas, que tristeza! Os soldados estão sujos, o aspecto escaveirado. Vêm das casas gemidos surdos, Passam redes carregando baleados.

Na Fortaleza, encastado cm faixas, varado por pelouros, há um oficial que escreve. Escreve agitado, com febre. Um ríctus de cólera enruga-lhe os lábios. O seu olhar fuzila. É o General Segismundo Schkoppe. Está seriamente ferido. Mesmo assim, estendido num catre, o comandante holandês envia para os Estados o relato da batalha. Conta a grande desgraça. Assim:

Fomos derrotados. É essa a dura verdade. Mas que se há de fazer? Assim o quis a fatalidade. Pusemo-nos em marcha no dia 18 às sete horas da manhã. Levávamos quatro mil homens. Julguei acertado ir procurar o inimigo, e tentar alguma vantagem. Acharo-lo postado nos Guararapes, onde havia ele tomado posição entre os brejos e o monte. Tinha consigo uma força de três mil homens. Junto aos brejos, ocupado pelo inimigo, via-se um passo estreito. O inimigo, vendonos avençar, retirou-se precipitado; e os nossos, perseguindo-os, entraram pelo brejo a dentro julgando que era terreno sólido. Deram com o brejo e foi então um pânico. Estabeleceu-se logo o tumulto. Os regimentos, especialmente os que chegaram por último, recuaram. Mas recuaram numa desordem incrível, atropeladamente, sem disparar tiro. Não valiam os esforços dos oficiais para reuni-los. O inimigo, ao ver a grande confusão que ia entre os nossos, metidos dentro dos brejos, investem com fúria pela retaguarda. Matou todos os que se achavam empantanados. As tropas, naquele consternação, não cuidavam de resistir. Fugiam, deixavam tomar as bandeiras, largavam as peças e os munições. Todos os oficiais superiores, exceto Van Brinck, ficaram mortos ou feridos...<sup>48</sup>

Que vitória a dos Guararapes! Trinta e seis bandeiras arrecadadas! Mil e duzentos cadáveres! Todos os trens de guerra a apreendidos!

Foi essa a batalha tremenda. Os soldados vieram rotos. barrentos, crivados de flechas e de pelouros. Medonha derrocada! A Cidade Maurícia consternou-se pungentemente. A notícia, em casa de D. Ana, fez arrebentar lágrimas desesperadoras. Caiu por lá um luto fechado. Gilberto Van Dirth punha as mãos na cabeça:

— Estamos perdidos!

Agitado, numa agonia, andava, crispava os punhos, clamava sem cessar:

— Estamos perdidos! Estamos perdidos! Esta derrota matou-nos...

D. Ana. lívida e dolorosa, repetia como um eco:

— Estamos perdidos! Estamos perdidos!

A pernambucana, pela primeira vez, esmoreceu. O insucesso de Guararapes desnorteou-a. Quedou-se longos dias absorta, apunhalada. Mas D. Ana era mulher de lutas. Era mulher-homem. Não se deixava abater definitivamente. Um dia, sacudindo os desânimos, a pernambucana recuperou-se de novo. Desentorpeceu-se. Reagiu energicamente. Bradou para Van Dirth com incitadora vaidade:

— Nada de desesperos, Van Dirth! Isto é da guerra. Um revés, apenas... Vosmecê bem sabe que o Coronel Hous está de volta. Mais dia, menos dia, o

---

<sup>48</sup> O relatório de Schkoppe vem na "Luta contra os Holandeses", Varnhagem

homem rompe aí. Vem de Holanda à frente de tropas frescas. Traz munição e viveres. Veremos, então, com esse reforço, onde vão acabar as valentias da canalha...

Van Dirth ouvia, passeava, abria os braços num desconsolo:

— É a única esperança! A única! Mas quando virá essa ajuda? Quando?

— Nada de desânimo, homem! Coragem! Dentro de poucos dias as naus surgem aí. Vosmecê verá!

Puseram-se a esperar. As coisas andavam tenebrosas. Tudo fúnebre. Van Schkoppe já não torcia mais o seu bigodão ruivo. Já não bravateava mais as suas grossas fanfarrônicas. O antigo conquistador pode verificar, naquela tarde sangrenta, que os brasileiros não eram os mesmos pacóvios da época da invasão. Outros tempos, outros homens! Os soldados agora tinham grandes brios. Tinham coragens loucas. Tinham tática. Endureceram-se nas bruteszas da guerra. Tornaram-se dum encarniçamento feroz. Eram inultrapassáveis nas guerrilhas de emboscadas.

Recompondo a tropa, embora com a vaidade esmagada, Van Schkoppe aprestou os seus homens para novo ataque. Mordia-lhe aguilhoante desejo de desforra. Não descansou um dia. Agitava-o grande ânsia. Na Cidade Maurícia atropelaram-se os preparativos vertiginosamente.

Van Schkoppe, varado pela bala, estendido no catre, não podia comandar a batalha. Ficou assentado que iria Brinck substituí-lo. Mandou arregimentar os homens. Distribuiu-lhes munição à farta. Dispôs a marcha para o romper do dia.

Nessa noite, providencialmente, aportou à Cidade Maurícia um caravelão de Holanda. Vinha nele grande cópia de soldados. O Coronel Hous, aquele mesmo que fora preso no combate da Casa-Forte, remetido para a Bahia e de lá despachado pura a Holanda, tornava agora dos Estados. Com ele, aventurando-se, voltavam quase todos os prisioneiros do célebre combate.

Na casa de D. Ana, ante a chegada do holandês, houve larga alegria. Que alarido! Carlota, trancada no quarto, ouviu com espanto a estranha ruidosidade. De súbito, escancarando a porta, D. Ana surgiu inesperada diante da moça. E gritou-lhe com alvoroço:

— Venha cá! Venha cá!

A moça obedeceu. Ao entrar na sala, porém, Carlota recuou, gelada. Um suor de morte brotou-lhe no rosto. Rompeu-lhe da alma um grito surdo:

— Segismundo.

Era Segismundo Starke. A rapariga sentiu uma punhalada no coração. As lágrimas saltaram-lhe dos olhos. Pôs-se a soluçar com desespero. Mas Segismundo foi humano. Sossegou-a logo:

— Não chore, Carlota. Eu venho para uma desforra. O ultraje da Casa-Forte abriu feridas aqui dentro. É preciso que eu me vingue. Hei de varar de lado a lado, com esta espada, esse miserável de Rodrigo Mendanha. Só então, só depois que o vir a meus pés, traspassado, é que tornarei a falar com você. Fique por ora sossegada.

Carlota ouviu. As lágrimas despencavam-lhe aos borbotões. Não pronunciou palavra: precipitou-se espavoridamente para o quarto.

No dia seguinte pela Cidade Maurícia, foi um amanhecer frenético. Toque de clarim. rufos. ordens de comando, fervilhante lufa-lufa bélica, Os batavos arregimentaram-se, socaram pólvora nos mosquetes, desfraldaram ao vento o pendão da Holanda. A um gesto de Van Brinck, sob um troar de caixas, marcharam com estrépito para os Guararapes. Pela segunda vez, no monte histórico, ia se travar uma luta de morte.

Segismundo Van Schkoppe arde em ânsias. No catre, enrolado em faixas, o general espera emocionado o desfecho da batalha. Naquele instante, dentro dos brejos dos Guararapes, decide-se a sorte do domínio holandês. É o último arranco! Van Schkoppe compreende nitidamente a gravidade da hora. Os seus nervos tinem. Grande angústia anuvia-lhe o rosto. Que estará fazendo Van Brinck? E numa agitação, estendido no catre, espera... As horas passam. A ânsia esbraseia-o. Latejam-lhe as têmporas. Que estará fazendo Van Brinck?

De súbito, pela Cidade Maurícia estrondejam gritos brutos. Corre-corre, vozerio de gente. precipitar de passos, tumulto febreiro. O general. com supremo esforço, senta-se. O coração bate-lhe descompassadamente. A alma fuzila-lhe nos olhos. Gilberto Van Dirth embarafusta-se pela câmara. Vem anelante, num desnorteio, negro de pólvora.

- Derrotados!
- Derrotados?
- Derrotados, esmagados Veja...

Aponta, pelo vão da janela, a cena que vai lá fora. A correria é desabalada. Os fugitivos chegam num atropelo. Vêm como loucos, os cabelos ao vento, sem armas, enlameados, acuados, derrotados! Van Schkoppe contempla aquilo. O coração pulsa-lhe desenfreado. Não pode resistir: segura a cabeça entre as mãos, aperta-a com desespero, desanda a chorar convulsamente.

Tinha razão Schkoppe para aquele desabafar! A derrota havia sido formidável. Maior do que a antecedente. Perecia nela a flor do exército batavo. Ficaram todas as armas. Ficaram todas as munições. O monte dos Guararapes cobriu-se de cadáveres.

Van Schkoppe ouve a catástrofe monstruosa. Sente como uma pua cravada na alma, que era chegado o fim. Impossível resistir mais um dia. O general, com um soluço, toma a resolução suprema:

- Estamos perdidos, Van Dirth! Perdidos para sempre! Não temos nada mais que fazer. Agora, nesta desgraça, só há um caminho. Um caminho doloroso, é verdade, mas o único: é capitular...

Gilberto Van Dirth sacudiu a cabeça, assentindo:

- Não há outro... É capitular!
- Nesse caso, meu amigo, torne duma bandeira branca e vá à cata do inimigo. Negocie a capitulação...

Van Dirth não disse palavra. Saiu, chamou um clarim, ergueu na mão a bandeira branca.

Nessa mesma noite, no acampamento brasileiro, o General Barreto de Menezes e Gilberto Van Dirth estipularam enfim as cláusulas da rendição...

A entrada na Cidade Maurícia foi impressionantemente bela. Que apoteose! A natureza, como para esmaltar tamanho triunfo, ataviara-se com feitiços singulares. Pusera todos os enjeites e todas as louçanias de gala. Céu azul, pássaros revoantes, ar macio e claro. Foi um dia límpido, cascadeado de luz, delirantemente fúlgido. Andavam pelo espaço alegrias estonteantes. Tudo a rir!

Os esquadrões brasileiros alinharam-se. Enramaram garridamente os mosquetes. Desdobraram a bandeira ao sol. Ufanos, sob a torrente de ouro, batendo com estrépito os tambores, partiram galhardos para o Recife. Na frente, pomposo e solene, montado num zaino magnífico, ia o General Francisco Barreto de Menezes. Dum lado, muito vistoso, a pluma encarnada no chapéu de briche, João Fernandes Vieira. Do outro lado, com o gibão de gola encanudada, a comenda de Cristo fuzilando ao peito, André Vidal de Negreiros. Marchavam radiantes, entontecidos, banhados por forte clarão de glória. Era soberbo!

À porta da cidade, em continência, a espada desembainhada, os oficiais de Holanda esperavam os triunfadores. Os três chefes aproximaram-se. O Coronel Van Brinck, destacando-se dos oficiais, partiu da fila para receber protocolarmente os vencedores. Foi, então, em frente ao Recife, uma cena tocante. O General Barreto desmontou-se. André Vidal e Fernandes Vieira também. Van Brinck apresentando a Barreto as chaves da cidade, exclamou com dolorosa gravidade:

— A cidade é sua, General. Eis as chaves dela! Vossa Excelência a conquistou com honra.

Francisco Barreto de Menezes recebeu as chaves. O coração batia-lhe descompassado. Não respondeu uma só palavra de tão emocionado. Apenas no seu aturdimento, estendeu a mão ao vencido e ambos, diante dos exércitos, saudaram-se lhanamente...

João Fernandes e André Vidal contemplavam, sacudidos, o quadro comovedor. Ali, no instante supremo, diante da vitória, diante do coroamento das rudes canseiras, sentiram os dois a alma apertar-se-lhes, um nó estrangular-lhes a garganta, as lágrimas borbuharem a fio pelo rosto...

Os pernambucanos entraram em triunfo pela cidade. Foi um delírio...

No outro dia, quebrando os transbordamentos patrióticos, sorriu, entre aqueles guerreiros, clara nota de poesia.

É na Igreja dos Franceses. Há por lá um vívido borborinho de festa. Vai nela a mais enternecedora das alegrias. Todos os círios acesos, muita folhagem, música de adufes. A nave transborda de gente. Os soldados acotovelam-se, curiosos. Não falta um só cabo de guerra. Tudo veio faiscante. É Souto, é o Domingos Fagundes, é D. Clara Camarão. É Henrique Dias. O próprio General Francisco de Menezes compareceu em pessoa. De repente, pela Igreja, corre o cicio mágico:

— Alas! Alas!

Toda a gente abre alas. Toda a gente crava olhos sôfregos na entrada. Nisto, gloriosamente, com venturoso sorriso nos lábios, surge um casal. É um par de noivos. Que lindo! Ela, pálida e fina, loira como uma boneca, o vestido branco, as luvas brancas, a coifa de rendas brancas, é um primor de feitiços e de gentilezas, fresca maravilha de graças e de tafulices. Ele, muito esbelto, moreno e guapo, o

gibão cor de pérola, o broche de pedras no gorro negro, tem um desempenho loução, o garbo fácil, todo um donaire simpaticamente varonil. Ela é Carlota Haringue. Ele é Rodrigo Mendanha. Ao lado dela, feliz e radioso, João Fernandes Vieira; ao lado dele, emocionadíssimo, os olhos molhados, André Vidal de Negreiros. Os noivos atravessam a nave. Aproximam-se do altar. Ajoelham-se diante do padre. E...

E assim, na Igrejinha dos Franceses, ao fim da guerra, casaram-se os dois namorados. E assim também findou, para todo o sempre, o domínio holandês no Brasil.

André Vidal partiu para Portugal levar ao Rei a notícia suprema. João Fernandes, pouco depois, também partia para lá. Receberam ambos, da munificência real, assinaladas mercês. Fernandes Vieira foi agraciado com a alcaidaria de Pinhel e as comendas de Torrada e Santa Eugênia da Ala; foi nomeado Capitão-General de Angola e governador da Paraíba. André Vidal foi agraciado com a comenda de S. Pedro do Sol, as alcaídarias de Marialva e de Moreira; foi nomeado Capitão General do Maranhão, e, logo depois, Capitão General de Pernambuco.

Tal foi o epílogo dos dois grandes heróis da guerra holandesa.

**FIM**